

SETOR DO VINHO

AVALIAÇÃO DE IMPACTO
SOCIOECONÓMICO EM PORTUGAL

Relatório Final | Dezembro 2022



FICHA TÉCNICA

Equipa responsável:

João Bernardo Duarte

Pedro Brinca

Autores:

João Bernardo Duarte

Pedro Brinca

Mário J. Gonçalves

Estudo elaborado por:

Elaborado a pedido de:

ÍNDICE

ÍNDICE DE FIGURAS, TABELAS & CAIXAS	4
SIGLAS E ACRÓNIMOS	7
MENSAGEM INICIAL	8
SUMÁRIO EXECUTIVO	9
1. INTRODUÇÃO	11
2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO SETOR	13
2.1. Um Pouco de História	13
2.2. O Vinho, alguns conceitos	14
2.3. A Vinha e o Vinho em Portugal	17
2.4. Portugal e os Principais Países Produtores	30
3. A CADEIA DE VALOR DO SETOR DO VINHO	39
3.1. Caracterização	39
3.2. Estrutura e Dimensão do Setor	41
4. IMPACTO ECONÓMICO DO SETOR DO VINHO EM PORTUGAL	46
4.1. Impactos Diretos na Agricultura, Indústria e Balança Comercial	46
4.2. Impactos Diretos, Indiretos e Induzidos na Economia Portuguesa	50
5. OUTROS IMPACTOS	58
5.1. O Setor do Vinho enquanto Agente de Desenvolvimento e Coesão Territorial	58
5.2. O Enoturismo	60
5.3. Sustentabilidade, Biodiversidade e Produção Sustentável	63
5.4. A Investigação e Desenvolvimento	68
6. CONCLUSÃO	71
APÊNDICE: METODOLOGIA	72
I. Seleção de Informação e Recolha de Dados	72
II. Metodologia Input-output	74
III. Metodologia - Variáveis de Impacto Direto	77
IV. Metodologia - Enoturismo	82
APÊNDICE: FONTES	84

ÍNDICE DE FIGURAS, TABELAS & CAIXAS

Figura 1 – As Regiões do Globo com Clima Mediterrânico em 2022 (a vermelho)	11
Figura 2 – Lagar Rupestre da Época Romana, Valpaços ²	13
Figura 3 – As Regiões Vitivinícolas em Portugal e as Certificações dos Vinhos	16
Figura 4a – Superfície Total de Vinha em Portugal (ha) – evolução 1989 – 2021	17
Figura 4b – Superfície de vinha por freguesia (ha) 1989 e 2019	17
Figura 5 – Número de explorações com cultura permanente de vinha por freguesia em 2019	18
Figura 6 – Produção de Uva para Vinho em Portugal nos últimos 21 anos	19
Figura 7 – Evolução da Produção de Vinho em Portugal 2010 – 2021, Total e por Qualidade	20
Figura 8 – Produção de Vinho or Região	20
Tabela 1 – Produção de Vinho em Portugal – Setor Cooperativo e Empresarial – Campanha 21/22	21
Tabela 2 – Produção de Vinho em Portugal por Forma Jurídica e Qualidade – Campanha 21/22	21
Figura 9 – Evolução da Produtividade da Vinha 2009 – 2021	22
Tabela 3 – Distribuição geográfica da Produção de Vinho, Superfície de Vinha e Produtividade em 2021	23
Figura 10 – As 20 castas mais utilizadas em Portugal por Área Ocupada (ha)	24
Figura 11– Consumo de Vinho em Portugal, Total e Per Capita: campanhas 2011/2012 a 2021/2022	25
Tabela 4 – Destinos mais importantes das exportações de Vinhos Nacionais	26
Figura 12 – Exportações de Vinhos Portugueses 2010 – 2022	27
Figura 13 – Exportações de Vinhos Portugueses – Evolução do preço médio por litro	27
Figura 14 – Produção, Consumo, Importação e Exportação de Vinho em Portugal, 2000-2021 (1000 hl)	28
Tabela 5 – Importações de Vinhos de Espanha 2021	28
Caixa 1 – Excerto de Texto Retirado do Observatório do Vinho de Espanha	29
Tabela 6 – Formação Bruta de Capital Fixo na Viticultura e Indústria do Vinho 2009 – 2021	29
Figura 15 – Área de Vinha nos principais países produtores 2000-2021	30
Figura 16 – Área de Vinha em percentagem da Área Territorial – 2021	31
Figura 17 – Variação no número de Explorações com Vinha 2015 – 2020 (%)	31
Figura 18 – Produção de Vinho em Volume dos maiores produtores mundiais, 2000-2021 (milhões de hl)	32
Figura 19 – Evolução da produtividade da Vinha em França nos últimos 20 anos (hl/ha)	33
Figura 20 – Produtividade média da vinha nos principais países produtores em 2020	33

Figura 21 – Consumo de Vinho no Mundo em 2021(L/hab +15)	34
Figura 22 – Maiores exportadores mundiais de Vinho (Volume e Valor) em 2021	35
Milhões de Litros	35
Figura 23 – Valor médio por litro de vinho exportado dos principais Produtores – 2021	35
Milhões de €	35
Tabela 7 – Produção Interna – Superávit e Déficit nos principais produtores europeus em 2021	36
Figura 24 – Número de Vinhas Velhas registadas por país Produtor em 2022	37
Figura 25 – Cadeia de Valor do Setor do Vinho em Portugal	39
Tabela 8 – Variáveis económicas mais relevantes das Empresas registadas no CAE 0121 (Viticultura)	41
Tabela 9 – Atividades Económicas do Setor Vitivinícola sujeitas a Inscrição no IVV	42
Tabela 10 – Agentes Económicos autorizados a produzir Uva e a Vinificar	43
Tabela 11 – Produção de Vinho em Portugal em 2021, por origem da produção	43
Tabela 12 – Instalações Vínicas ativas em Portugal em 2021	44
Tabela 13 – Tecido Empresarial da Produção Vinícola	44
Tabela 14 – Classes de dimensão das Empresas do Setor do Vinho em Portugal	45
Tabela 15 – Peso da Produção Vitícola na Produção Vegetal e na Produção Agrícola em Portugal em 2021	46
Tabela 16 – Peso da Viticultura na Atividade Agrícola Nacional - Perspetiva empresarial	47
Tabela 17 – Ranking da Produção Industrial em Portugal – 2021	47
Tabela 18 – Volume de negócios da Indústria das Bebidas em Portugal – 2021	48
Tabela 19 – Peso da Indústria do Vinho no Setor das Bebidas em Portugal	48
Tabela 20 – Peso do Vinho nas Exportações de Bebidas e nas Exportações Totais de Bens	49
Tabela 21 – Balança Comercial do Setor Vinícola em 2021(em 1000€)	49
Figura 26 – Peso do mercado externo nas vendas e compras da Indústria do Vinho	50
Tabela 22 – Impactos diretos das Atividades Base do Setor do Vinho em 2021	51
Tabela 23 – O impacto direto, indireto e total do Setor do Vinho na economia nacional em 2021	52
Figura 27 – Impacto total ao longo da Cadeia de Valor do Setor do Vinho na economia nacional (2021)	53
Figura 28 – Impactos Diretos e a Montante: Efeitos Diretos, Indiretos e Induzidos (2021)	54
Figura 29 – Setores da Economia Portuguesa mais impactados pelo Setor do Vinho (2021)	55

ÍNDICE DE FIGURAS, TABELAS & CAIXAS

Tabela 24 – Multiplicadores do Setor do Vinho em Portugal (2021) – Modelo aberto e fechado	56
Tabela 25 – Impacto do setor do Vinho na receita fiscal em 2021	57
Figura 30 – Importância do Setor do Vinho na VAB e no Emprego por Município, em Portugal (2021)	58
Tabela 26 – Top 10 dos municípios em termos de peso no VAB e no emprego	59
Figura 31 – Assimetrias Regionais na Ocupação Turística	60
Figura 32 – Principais motivos de Visita a destinos de enoturismo – nº de respostas	61
Figura 33 – Expectativas de crescimento do mercado global do enoturismo	61
Figura 34 – Objetivos de Desenvolvimento sustentável da ONU, Agenda 2030	63
Figura 35 – Os 5 princípios gerais da vitivinicultura sustentável, de acordo com a OIV	64
Caixa 2 – Excerto de um Testemunho de um Agente económico do setor sobre práticas sustentáveis	64
Tabela 27 – Produção Biológica e Produção Integrada na Vinha, em Portugal – Comparação	67
Tabela III-1 – Variáveis de Impacto Direto das atividades base do setor do Vinho	77
Caixa III-1 – Informação de Registo Comercial de Sociedade Registada no CAE 0121	78
Tabela III-2 – Perfil Contabilístico das Explorações Agrícolas em 2016	79
Caixa III-2 – Excerto do Recenseamento Agrícola 2019	79
Tabela III-3 – Produção de Vinho	80
Tabela III-4 – Agentes Económicos autorizados a vinificar	80
Tabela III-5 – Produção dos Viticultores	80
Tabela III-6 – Unidade de Trabalho Anual Equivalente (UTA)	81
Caixa III-3 – Unidade de Trabalho Anual Equivalente (UTA)	81
Tabela III-7 – Contribuições dos Viticultores para a Segurança Social	82

SIGLAS E ACRÓNIMOS

ABREVIATURA	DEFINIÇÃO
a.C.	antes de Cristo
ACIBEV	Associação de Vinhos e Espirituosas de Portugal
ADVID	Associação para o Desenvolvimento Da Viticultura Duriense
CAGR	Compound Annual Growth Rate
CEE	Comunidade Económica Europeia
CVR	Comissão Vitivinícola Regional
DGADR	Direção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural do Ministério da Agricultura
DOP	Denominação de Origem Protegida
ENi	Empresário em Nome Individual, inscrito nas Finanças na Categoria B de IRS
Eurostat	Instituto Oficial de Estatística da União Europeia
FCBF	Formação Bruta de Capital Fixo
GPP	Gabinete de Planeamento e Administração Geral do Ministério da Agricultura
IAS	Indexante dos Apoios Sociais
IES	Informação Empresarial Simplificada
IG	Indicação Geográfica
IGP	Indicação Geográfica Protegida
INE	Instituto Nacional de Estatística
ISA	Instituto Superior de Agronomia
IVDP, I.P.	Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto
IVV, I.P.	Instituto da Vinha e do Vinho, I.P.
I&D	Investigação e Desenvolvimento
NOVA SBE	NOVA School of Business and Economics
OIV	Organisation Internationale de la Vigne et du Vin
PAC	Política Agrícola Comum
PDR	Programa de Desenvolvimento Rural
RA	Recenseamento Agrícola do INE
UE	União Europeia
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
UTA	Unidade de Trabalho Anual Equivalente
UTAD	Universidade de Trás-os-Montes
VAB	Valor Acrescentado Bruto
VBP	Valor Bruto da Produção
VPP	Valor de Produção Padrão

MENSAGEM INICIAL

O presente estudo teve como objetivo principal quantificar o impacto da fileira do vinho na economia portuguesa e foi desenvolvido a pedido e em colaboração com a Associação de Vinhos e Espirituosas de Portugal (ACIBEV), tendo tido o apoio do Instituto da Vinha e do Vinho (IVV, I.P.).

Nesse sentido, a análise centrou-se na identificação de todas as atividades económicas relacionadas e impactadas pela fileira do vinho. Permitiu assim quantificar a importância da fileira do vinho para cada uma dessas atividades, bem como o papel destas enquanto intervenientes na cadeia de valor da fileira do vinho, de forma a aferir a real importância do Setor do Vinho na economia portuguesa

O estudo procurou abranger as dimensões do impacto macroeconómico do Setor, tanto em termos de valor acrescentado de toda a cadeia de valor, como em termos de empregos gerados – diretos, indiretos e induzidos, e por setores-chave macro.

No âmbito deste relatório, procurámos ainda analisar outros impactos do Setor do Vinho na economia e na sociedade portuguesa, em especial o seu papel enquanto agente de desenvolvimento e coesão territorial, e efetuar, sempre que possível, uma análise da evolução temporal dos principais indicadores do Setor. Utilizámos para esse fim os dados fornecidos pela ACIBEV e pelo IVV, bem como dados públicos do IVV, do INE, do Ministério da Agricultura e do Banco de Portugal (na análise interna) e dados públicos da OIV, do Eurostat, e outras fontes internacionais para a caracterização do Setor do Vinho Português no panorama internacional.

Os dados utilizados no âmbito do presente estudo respeitam ao período 2010 – 2021. Na análise do impacto macroeconómico foi utilizado o ano 2021, já que 2020 foi um ano de resultados atípicos, muito por força da crise pandémica da COVID-19.



João Bernardo Duarte



Pedro Brinca

SUMÁRIO EXECUTIVO

- O Setor do Vinho gerou em 2021, **em termos diretos**, aproximadamente **3000 milhões de euros de atividade económica**, aproximadamente **861 milhões de euros em Valor Acrescentado Bruto (VAB)** e **43 000 postos de trabalho**.
- Separando o Setor nas suas atividades base, a **Viticultura** gerou em 2021, **em termos diretos**, **725.4 milhões de euros de atividade económica**, aproximadamente **264.3 milhões de euros de VAB** e **26 415 postos de trabalho**.
- Por seu lado, a **Produção do Vinho**, gerou, no mesmo período e **em termos diretos**, aproximadamente **2278 milhões de euros de atividade económica**, aproximadamente **597 milhões de euros de VAB** e **16 619 postos de trabalho**.
- Já em 2022, as **exportações de vinhos portugueses** ascenderam a **941.5 milhões de euros**, o que representou **41.3% do valor total da Produção direta do Vinho**.
- Nesse ano, as **exportações de vinhos portugueses**, representaram **71.6% das exportações do setor das bebidas**, **1.5% do total das exportações portuguesas** e **0.5% do PIB nacional**.
- Considerando todos os impactos, nomeadamente diretos, indiretos e induzidos, verificamos que o **Setor do Vinho tem um impacto total de 4956 milhões de euros em VAB**, o que significa que o setor representou em 2021 aproximadamente **2.68% do PIB nacional** e gera um total de **168 832 empregos** o que representa cerca de **3.4% dos empregos a nível nacional**.
- A **atividade económica total** agregada do **Setor do Vinho** em Portugal **em 2021**, considerando os impactos diretos, indiretos e induzidos, ascende a **10 294 milhões de euros**.
- Decompondo agora a **Cadeia de Valor**, verificamos que a **Viticultura é responsável por um impacto total de 58 377 postos de trabalho a tempo completo** e **794 milhões de euros de VAB**, sendo aquela com maior impacto no emprego.
- A **Produção do Vinho é responsável** por um impacto total de **1795 milhões de euros de VAB** e por **36 727 empregos a tempo inteiro**, sendo aquela que maior impacto tem no VAB total gerado.
- A **Distribuição** tem um grande peso global quando considerados os efeitos totais já que funciona como um amplificador dos efeitos das atividades base e representa um impacto de **1738 milhões de euros de VAB** e **56 755 empregos a tempo inteiro**.
- O **canal HoReCa** tem também um impacto considerável e representa **630 milhões de euros de VAB** e **16 912 empregos diretos**, valores menores que a distribuição, que em Portugal captura a maior fatia do consumo final.
- As **atividades base do setor** (Viticultura e Produção do Vinho) contribuem fortemente para os **setores a montante** (fornecedores) por terem grandes consumos intermédios. Os setores mais beneficiados são as **Bebidas** (que inclui o vinho) devido ao grande volume de transações intra setor, os **Outros Produtos Minerais** (garrafas de vidro) e os **Produtos da Agricultura** (a uva) que tem um grande peso também nas transações entre as atividades base.
- A nível de **impacto indireto total**, as atividades de **Venda por Grosso, Energia e Serviços de Publicidade** são os mais beneficiados. Por fim a nível de **impacto induzido** (o resultado do consumo dos empregados e empresários), os **Serviços Imobiliários e as Vendas por Grosso e a Retalho** são os mais beneficiados.
- O **Setor contribui fortemente** para a **Receita Fiscal do Estado** com um montante total estimado de **1510 milhões de euros**, já incluindo os efeitos diretos, indiretos e induzidos, ou seja **1.9% das Receitas Fiscais e Contribuições Sociais** das Administrações Públicas, em 2021

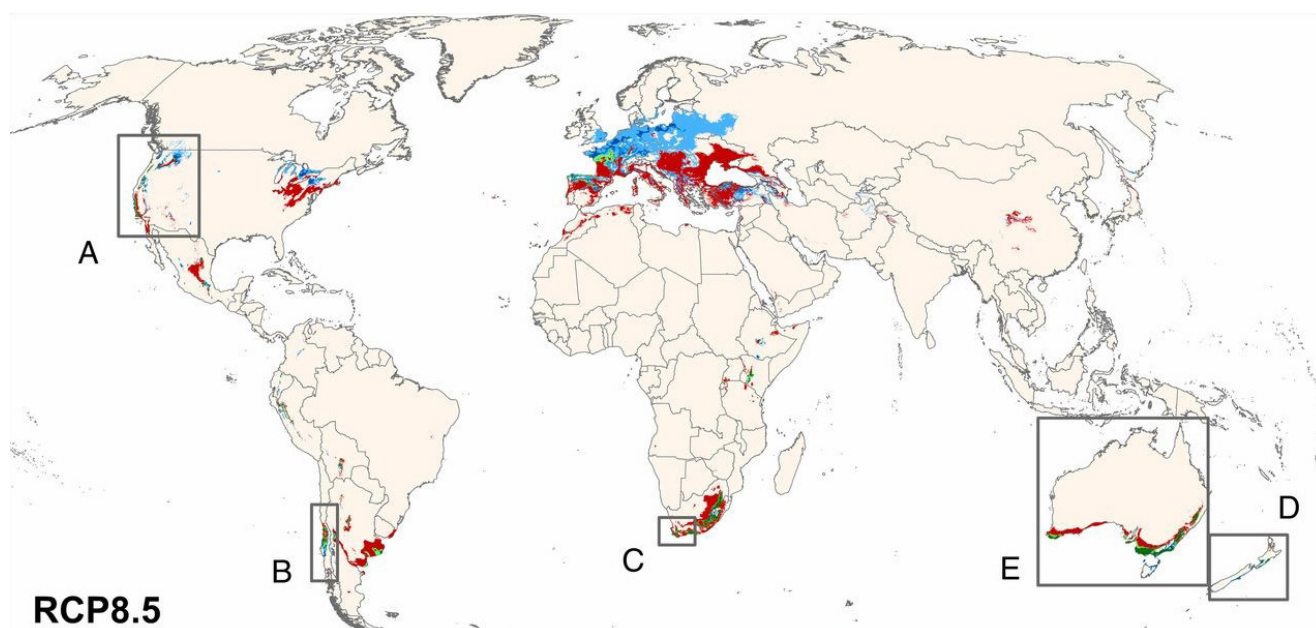
- **O Setor** tem um papel crucial no **desenvolvimento e na fixação da população no interior do território nacional**. O Setor do Vinho tem um **peso muito significativo no VAB e no emprego nas regiões do interior do país**. Em termos de magnitude, o setor do Vinho tem um peso **superior a 10% em termos de VAB para 38 dos 278 municípios de Portugal Continental**, e representa **mais de 10% do emprego em 43 municípios de Portugal Continental**.
- **O Enoturismo**, atividade conexas, é **extremamente importante na Cadeia de Valor do Setor**. Estimamos, com base num inquérito, que as adegas, quintas, museus e diversos equipamentos de enoturismo espalhados pelo país tenham recebido **2,87 milhões de visitantes em 2022, com uma faturação média de 33€ por visitante**, tendo recebido mais de **90 M€ e gerado e mantido cerca de 2744 postos de trabalho a tempo inteiro**. As unidades de enoturismo têm um **contributo especialmente relevante** no desenvolvimento da **oferta turística em zonas de menor pressão turística**, para além de darem a conhecer um Portugal tradicional e autêntico, mas simultaneamente contemporâneo e tecnológico.
- **A Sustentabilidade** tem uma **importância fulcral no universo da vinha e no vinho**, já que este setor tem uma forte interação com a natureza e **baseia-se em processos industriais de transformação**. As **práticas de Viticultura e Produção de Vinho sustentáveis** já vinham sendo adotadas por muitos dos intervenientes do setor há vários anos que **reconheceram estrategicamente a sua importância**. O “Referencial Nacional de Certificação de Sustentabilidade para o Setor Vitivinícola”, foi apresentado ao Setor em novembro de 2022, durante o Fórum Anual da ViniPortugal.
- **A Investigação e Desenvolvimento no Setor do Vinho** em Portugal tem um **peso considerável e está fortemente interligada com a sustentabilidade** e, em especial, **com a biodiversidade** que se afigura como uma das **apostas mais importantes na viticultura**. Em Portugal, devido à importância do Setor do Vinho, estão em curso um **elevado número de projetos apoiados pelo Estado**, por **associações do setor e por muitos dos intervenientes privados** do mesmo.

1. INTRODUÇÃO

O vinho português é um produto com características únicas, **de excelência reconhecida** e de grande importância para o país sob o ponto de vista económico, social, cultural e ambiental. O cultivo da vinha e o consumo de vinho em Portugal são mais antigos do que a sua própria nacionalidade^[1], **estando desde sempre associados à adoção da dieta mediterrânica**, reconhecida pela UNESCO em 2013 como património cultural intangível da humanidade, entre outros fatores, pelos seus benefícios comparativos com outras dietas e na qual **o vinho** é identificado como um **elemento basilar**, consumido em moderação. O vinho faz assim parte integrante da história de Portugal e do seu património cultural que se revela na sua ligação à gastronomia, à festa das vindimas, às celebrações familiares e religiosas, à riqueza paisagística rural e à imagem do Portugal contemporâneo. É um elo fundamental da identidade nacional.

O nosso país detém um potencial vitivinícola privilegiado e único, já que dispõe de largas áreas, de norte a sul, com solos propícios à cultura da vinha, retém saberes ancestrais únicos em como produzir uvas e vinho, dispõe de um leque abrangente de castas autóctones e vinhas velhas e insere-se totalmente no ecossistema mediterrânico, considerado o clima ideal para a cultura da vinha e limitado a menos de 2% da superfície do Planeta^[2](Figura 1).

Figura 1 – As Regiões do Globo com Clima Mediterrânico em 2022 (a vermelho)



Fonte: "Climate change, wine, and conservation", Hannah et al. 2013 (PNAS Vol. 110 | No. 17)

Portugal tem aproveitado estas vantagens comparativas. Não obstante ser um país com uma pequena superfície, posicionou-se nos últimos quatro anos como o 4º país da UE e o 9º país do Mundo com a maior área de vinha plantada e em 2021 foi o 10º exportador e 10º produtor mundial em volume^[3].

O Setor do Vinho fornece um contributo abrangente e de grande relevância para a economia portuguesa. Incluem-se aqui as atividades económicas de base associadas à viticultura, à produção do vinho e à sua distribuição, bem como as atividades interligadas do turismo, lazer e gastronomia, com aquelas relacionadas, entre outras.

¹UNESCO nomination file 00394, 2010.

Estas atividades nucleares têm uma forte ligação com um elevado número de outras atividades económicas, nomeadamente dos setores **fornecedores** de bens e serviços necessários ao funcionamento daquelas e a satisfazer a procura dos colaboradores das atividades nucleares. Por isso, **o contributo do setor do vinho para a economia portuguesa é substancialmente maior do que somente o efeito direto das atividades base e interligadas.**

Como mostramos no presente estudo, esse forte contributo tem uma dimensão económica que se consubstancia no elevado valor acrescentado gerado, nos muitos postos de trabalho criados e mantidos, no substancial contributo para os cofres do Estado, no elevado valor das Exportações, com forte impacto na Balança Comercial, ou ainda no significativo contributo direto e indireto para a balança do Turismo.

Mas também apresenta uma forte dimensão social, pelo importante papel que desempenha na coesão territorial, no povoamento e ordenamento do território, contrariando a sua desertificação, pelas oportunidades de investimento que proporciona e ainda pelo seu importante papel na sustentabilidade do meio ambiente, entre outras. Apesar disso, as evidências mostram que a real importância deste contributo nem sempre é devidamente conhecida ou, pelo menos, objetivamente identificada.

Neste contexto, a NOVA SBE tem a oportunidade de levar a cabo o presente estudo, patrocinado pela ACIBEV e no qual se avalia a importância económica e também social do Setor do Vinho em Portugal. Nele estimamos o impacto económico que o mesmo tem na sociedade portuguesa.

Este estudo é composto, essencialmente, por duas partes: A primeira em que fazemos uma descrição panorâmica sucinta e a caracterização do setor e da sua fileira e que corresponde aos capítulos 2. e 3. A segunda em que apresentamos os vários impactos socioeconómicos da fileira do vinho em Portugal, nomeadamente setoriais, económicos, sociais e ambientais e que corresponde aos capítulos 4. e 5.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO SETOR

2.1. Um Pouco de História

A história do vinho em território português data de há cerca de 4000 anos e entrecruza-se com a própria história do país. Tartéssios, fenícios, gregos, celtas, celtiberos, entre os séculos XX e IV antes de Cristo, plantaram vinha e introduziram castas no território que é hoje Portugal. Foram, no entanto, os romanos que incrementaram o gosto pelo consumo do vinho no nosso território (Figura 2).

Figura 2 – Lagar Rupestre da Época Romana, Valpaços²



Fonte: CM Valpaços

Assim, com a romanização no século II a.C. dá-se a modernização da cultura da vinha, em especial, com a introdução da poda. O “vinho e a vinha” constituíam também uma forma dos romanos imporem os seus costumes e cultura nas áreas conquistadas. Na época, utilizavam ânforas para fermentação, armazenamento e transporte do vinho. No entanto, já fermentavam e armazenavam o vinho em barris de madeira – inventados pelos Celtas – enriquecendo e encorpando o sabor do vinho. O vinho era enviado a Roma onde a procura era superior à oferta, já que, para além do consumo das elites, o vinho tornou-se a bebida de exércitos, gladiadores, e tabernas da plebe, sendo também utilizado com fins medicinais e como base de antídotos de venenos. Na mitologia romana, Baco (ou Dionísio para os gregos) era o deus das festas, do vinho, do lazer e do prazer. É geralmente representado sob a forma de um jovem risonho e festivo, com um cacho de uvas nas mãos ou uma taça de vinho.

Os bárbaros reforçam o cristianismo. O vinho torna-se então indispensável ao ato sagrado da comunhão. O simbolismo do vinho não poderia ser maior ou mais forte. Era o sangue de Cristo. A Igreja tornou-se proprietária de extensas zonas de cultivo em mosteiros por toda a Europa. Importantes mosteiros franceses de Borgonha e Champagne, reforçaram estas regiões como origem de vinhos de qualidade.

Na Idade Média, as guerras de reconquista cristã contra os mouros levam à destruição dos vinhedos, mas ao mesmo tempo libertaram o Mar Mediterrâneo do poderio árabe, possibilitando a exportação da bebida por mar.

² Os lagares escavados na rocha estão entre os vestígios mais antigos associados ao cultivo da vinha em Trás-os-Montes e há investigadores que acreditam que, neste território, a produção de vinho pode remontar à época pré-histórica. No Concelho de Valpaços são mais de uma centena [8].

Portugal é fundado em 1143 por D. Afonso Henriques. O território é reconquistado totalmente em 1249. Nessa época, o arroteamento de terras (preparação dos solos para a agricultura) permitiu a instalação de novas áreas de vinha e, para o seu cultivo, foram retomadas técnicas do tempo de Roma³.

Entretanto as ordens religiosas estabelecem-se em Portugal (Templários, Cistercienses...). As ordens tornam-se centros ativos de colonização agrícola. A cultura da vinha propaga-se.

Os séculos XV e XVI são a época áurea da expansão marítima. Os navios que cruzavam os mares levavam muito vinho a bordo. O vinho dentro das pipas que passa o Equador é muito bom e vendido bastante caro. Esse vinho especial é apelidado “torna-viagem”. Lisboa era o maior centro de consumo e de distribuição de vinho do império. Os Descobrimentos levam o vinho português aos 4 cantos do mundo!

Em 1703 Portugal e Inglaterra assinam o Tratado de Methuen o qual impulsiona as exportações de vinho do Porto para Inglaterra. Em 1756, o Marquês de Pombal cria a Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro. É a 1ª região demarcada, regulamentada, do mundo.

No século XIX surge a filoxera, um pulgão devastador que destrói as cepas, tornando-se a praga mais devastadora da viticultura mundial. A distribuição geográfica da produção vitivinícola alterou-se profundamente e provocou uma crise global na produção e comércio do vinho, a qual duraria quase meio século.

Entre 1907 e 1908 são criadas as Denominações de Origem Controlada: Madeira, Moscatel de Setúbal, Carcavelos, Dão, Colares e Vinho Verde. Nos anos 50 e com mais intensidade nos anos 60, surgem as cooperativas para ajudar os viticultores a organizarem-se e a sobreviver. O objetivo principal é produzir grandes quantidades de vinho a granel ao mesmo tempo que se garante rendimento aos viticultores.

Quando Portugal adere à CEE em 1986, é criado o IVV (Instituto da Vinha e do Vinho) para adequar a viticultura portuguesa às diretivas europeias. Inicia-se um processo de reestruturação da Vinha e do Vinho em Portugal. São mais tarde criadas as comissões vitivinícolas cujo papel principal é preservar e garantir a qualidade e logo o prestígio dos vinhos portugueses, traduzindo-se em 31 Denominações de Origem e 14 Indicações Geográficas.

2.2. O Vinho, alguns conceitos

O Vinho é um produto natural da agricultura, “obtido exclusivamente a partir da fermentação alcoólica total ou parcial de uvas frescas, esmagadas ou não ou de mostos de uva⁴”. As características de cada colheita determinam as características do vinho nela originado, tornando-o único, mesmo tendo origem no mesmo produtor, na mesma casta e no mesmo *terroir*⁵.

A espécie de uva mais utilizada para produzir vinho de qualidade é a *Vitis Vinífera*, e tem origem na Europa. Esta uva é cultivada pelos principais viticultores de todo o mundo, produzindo vinhos diversos de acordo com o *terroir* e a casta. Em Portugal é permitido produzir vinho de uma lista de cerca de 350 Castas diferentes, sendo que mais de 250 são castas autóctones (IVV, 2022).

Tipos de Vinho

No Setor do Vinho, consideram-se fundamentalmente os seguintes tipos [4]:

Vinho – compreende a maioria dos vinhos com título alcoométrico adquirido entre 8.5% vol e 15% vol⁶ e que não apresentem uma formação de espuma evidente quando servidos.

³ Descritas pelos escritores gregos e latinos da antiguidade sobre pecuária e agricultura

⁴ Assim definido na Legislação da UE (Reg. (EU) 1308/2013)

⁵ *Terroir* é muito mais do que um local geograficamente circunscrito. É um conceito complexo visando expressar o “conhecimento coletivo das interações” entre o meio envolvente e a vinha, mediado através da ação humana e “fornecendo características distintivas” ao produto final. (OIV 2010)

⁶ De acordo com o Reg. (EU) 1308/2013, embora existam derrogações

Vinho espumante – distingue-se pela presença de bolhas de dióxido de carbono resultantes da fermentação secundária. Portugal tem várias regiões produtoras de espumante como a Península de Setúbal, Terras do Dão, Alentejo e Terras da Beira, entre outras.

Vinho fortificado ou licoroso – nestes vinhos, a fermentação (transformação do açúcar em álcool) é suspensa pela adição de álcool puro ou aguardente. O vinho fica mais doce e mais alcoólico. São exemplos, o Vinho do Porto, o Madeira e o Moscatel.

Quanto à Cor

O vinho pode ser **tinto** (apresentar a cor tinta), **branco** e rosado (**rosé**). Em geral, o vinho tinto é produzido pela fermentação de uvas tintas e o vinho branco pela fermentação de uvas de qualquer cor com separação imediata das partes sólidas da parte líquida, podendo existir alguma maceração (IVV, 2022). Já no vinho rosado, originado em uvas tintas, as cascas da uva são retiradas do suco de uva após algumas horas, logo após o vinho adquirir a cor rosé desejada [4].

Regulação e Certificação do Vinho em Portugal

Portugal aderiu à Comunidade Europeia em 1986 e teve de adaptar a sua legislação vitivinícola e os critérios de qualidade às normas comunitárias. Foi criado nesse ano o **Instituto da Vinha e do Vinho** (IVV, I.P.), instituição determinante no processo de **Regulação do Setor e no seu desenvolvimento**.

O Setor do Vinho adotou as denominações utilizadas na Comunidade Europeia para definir os vinhos das diferentes regiões demarcadas⁷:

DOP – Denominação de Origem Protegida, são vinhos que apresentam a maior ligação ao local onde são produzidos. Todas as fases do processo de vinificação devem ocorrer na região IG específica e as uvas devem ter unicamente origem nessa região. Todos estes elementos devem garantir qualidade superior e características únicas.

IGP – Indicação Geográfica Protegida, significa que o vinho foi produzido naquela Região Vitivinícola e que pelo menos 85% das uvas provêm exclusivamente dessa Região. Além disso, possui alguns atributos e qualidade relacionados a essa Região específica. O vinho com IG é também conhecido como “vinho regional”.

Vinho, refere-se a vinho que não tem as características exigidas de um IGP ou de um DOP. Se o mesmo tiver uma mistura de vinhos de diferentes países da UE, pode ser rotulado como “vinho da UE”.

Para além destes existe ainda a certificação de Ano de Colheita/Casta(s) embora com uma expressão reduzida no panorama vinícola nacional.

Regiões Vitivinícolas

Existem em Portugal 14 regiões vitivinícolas oficialmente reconhecidas, 12 no Continente uma na Madeira e 1 nos Açores. As regiões vitivinícolas são constituídas por Denominações de Origem Protegida (DOP) e Indicações Geográficas Protegidas (IGP). Estão reconhecidas por lei 31 Denominações de Origem e 14 Indicações Geográficas (Figura 3).

Entidades Certificadoras

Para certificar a produção de vinho IGP e DOP, cada Região Vitivinícola em Portugal tem o seu Organismo de Certificação e Controlo.

Entidades Reguladoras nacionais

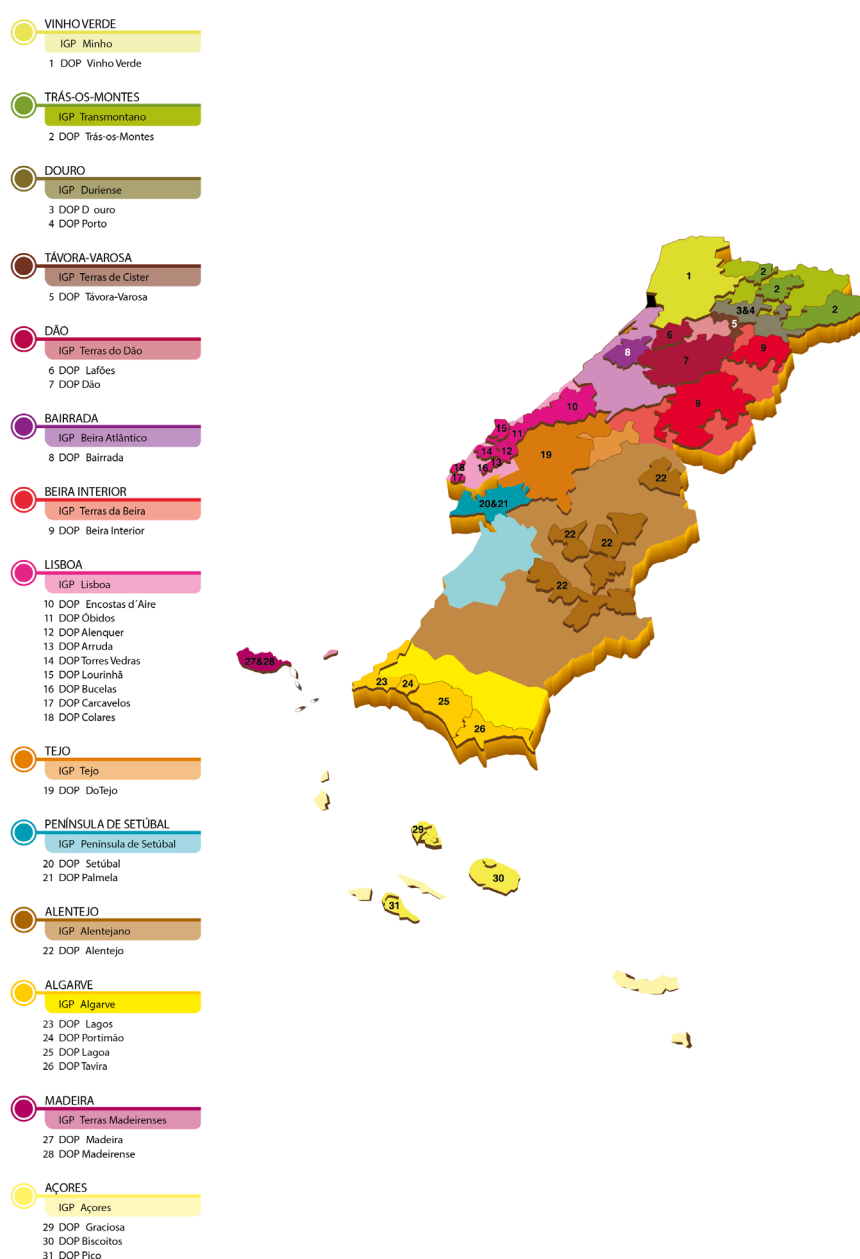
As entidades reguladoras desempenham um papel abrangente e determinante na regulação e apoio às várias atividades do Setor do Vinho em Portugal. A nível nacional a entidade reguladora mais importante é o Instituto da Vinha e do Vinho, IP (IVV).

⁷ Wines of Portugal, 2022

O IVV tem por missão⁸:

- Coordenar e controlar a organização institucional do setor vitivinícola.
- Acompanhar a política da União Europeia e preparar as regras para a sua aplicação
- Participar na coordenação e supervisão da promoção dos produtos vitivinícolas
- Auditar o sistema de certificação de qualidade
- Assegurar o funcionamento da Comissão Nacional da Organização Internacional da Vinha e do Vinho (CNOIV).
- Definir e coordenar a aplicação de medidas de gestão do património vitícola nacional e da sua valorização.

Figura 3 – As Regiões Vitivinícolas em Portugal e as Certificações dos Vinhos



Fonte: IVV, I.P. Anuário 2021/2022

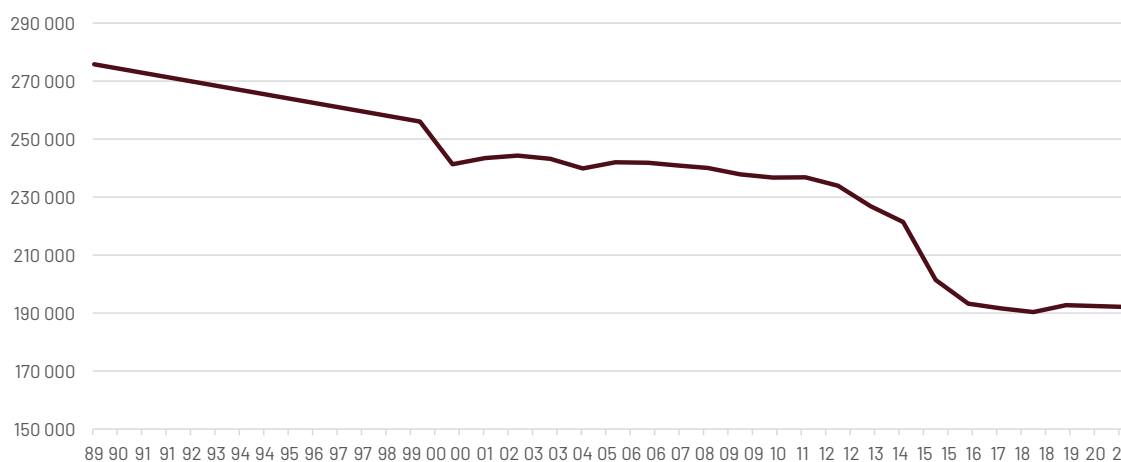
⁸ IVV, 2022

2.3. A Vinha e o Vinho em Portugal

Superfície de Vinha

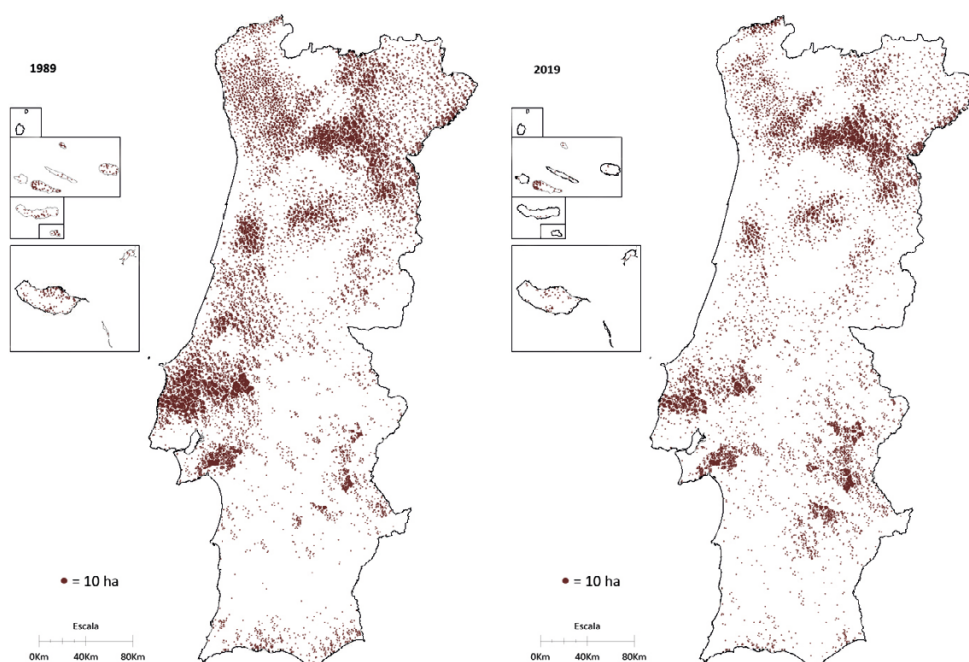
Em Julho de 2021, a área total declarada de vinha para vinho em Portugal era de 192 028 ha, a 4ª maior área de vinha da Europa a 27, logo a seguir aos 3 grandes *players* globais, Espanha, França e Itália, e a 9ª maior do mundo (IVV, 2022 e O.I.V, 2022). Não obstante, nos últimos 30 anos assistiu-se a uma redução de cerca de 30% da área de vinha no território nacional (Figura 4a e 4b), em linha com o ocorrido nos principais países produtores comunitários.

Figura 4a – Superfície Total de Vinha em Portugal (ha) – evolução 1989 – 2021



Fonte: IVV, I.P. 2022

Figura 4b – Superfície de vinha por freguesia (ha) 1989 e 2019



Fonte: INE Recenseamento Agrícola 1989 e 2019 - Nota: cada ponto nos mapas corresponde a 10 ha de vinha

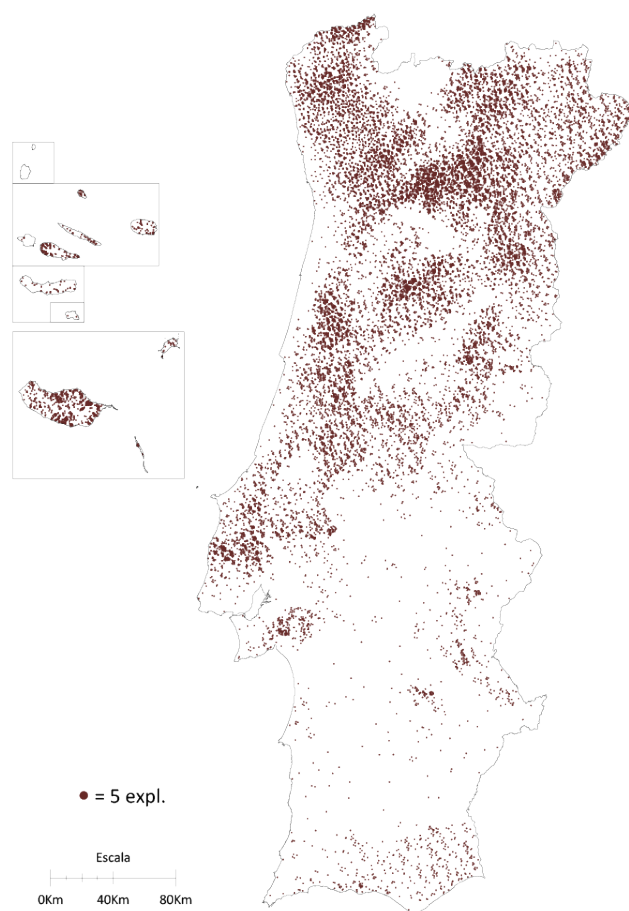
Esta estratégia foi apoiada pela União Europeia e visou aumentar a qualidade e o valor acrescentado do vinho produzido e especialmente fazer face à competitividade crescente dos produtores do Novo Mundo⁹. A partir de 2016 verificou-se uma inversão neste processo tendo-se assistido a um crescimento sustentado, regulado pela legislação europeia que só tem permitido um aumento máximo de 1% ao ano.

Uma nota para a região vitivinícola do Alentejo que viu crescer a superfície de vinha em cerca de 55% nos últimos 20 anos, em contraciclo com o decréscimo nacional de 20% no mesmo período. A região do Douro continua a deter a maior superfície de vinha para vinho sendo por isso a maior região vitivinícola do país.

Explorações Vítcolas

A vinha continua a ser a cultura mais disseminada no nosso país, estando presente em mais de metade das explorações agrícolas nacionais com culturas permanentes (51,9%) e em cerca de 40% de todas as explorações agrícolas nacionais. O Recenseamento Agrícola de 2019 do INE (RA_2019) registou um total de 220 000 explorações com culturas permanentes, das quais 111 505 explorações agrícolas com vinha para vinho, espalhadas por todo o território nacional (Figura 5).

Figura 5 – Número de explorações com cultura permanente de vinha por freguesia em 2019



Fontes: GPP, com dados do Recenseamento Agrícola 2019 do INE – Nota: cada ponto corresponde a 5 explorações

⁹ E.U.A, Austrália, Nova Zelândia, Argentina, África do Sul, entre outros

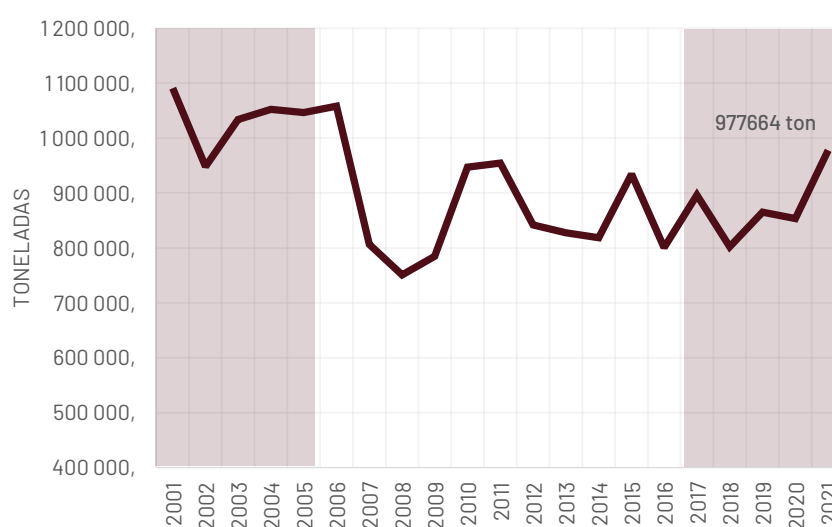
A maior concentração de explorações tem lugar no interior norte de Portugal onde predomina o minifúndio (63.5%), em especial na zona do Douro (Figura 5). Trás-os-Montes concentra mesmo o maior número de explorações. No Alentejo têm mais peso as explorações de maiores dimensões pelo que na Figura 5 aparecem pontos mais dispersos. Estes valores são o culminar de um forte decréscimo desde 1989, onde se contabilizaram 366 900 explorações agrícolas com vinha, uma redução de quase 70%.

O Recenseamento Agrícola de 2019 Identifica também que a maioria das explorações com vinha tem muito pequena dimensão. Cerca de 75% têm menos de 1 ha, 20% têm entre 1 e 5 ha e somente 5% tem mais de 5 ha. Ainda assim, nos últimos 30 anos assistiu-se a **um aumento para o dobro, da área média destas explorações**, de 0.73 ha para **1.52 ha por exploração**, resultando no esperado aumento das economias de escala, da produtividade e da qualidade do produto final. Ficamos ainda a saber que apenas 3.3% dessas explorações têm trabalhadores permanentes. As restantes 96.7% dependem exclusivamente de mão de obra familiar e de alguma mão de obra temporária. Identifica-se por fim que somente 17% das explorações têm sistemas de rega.

Produção de Uva

Em 2021, a produção de uva para vinho atingiu as 977 664 toneladas, o valor mais alto desde 2006. A evolução da produção nos últimos 21 anos apresentou consideráveis oscilações, o que é considerado normal devido ao conjunto de variáveis que podem afetar a produção de uva de ano para ano (Figura 6).

Figura 6 – Produção de Uva para Vinho em Portugal nos últimos 21 anos



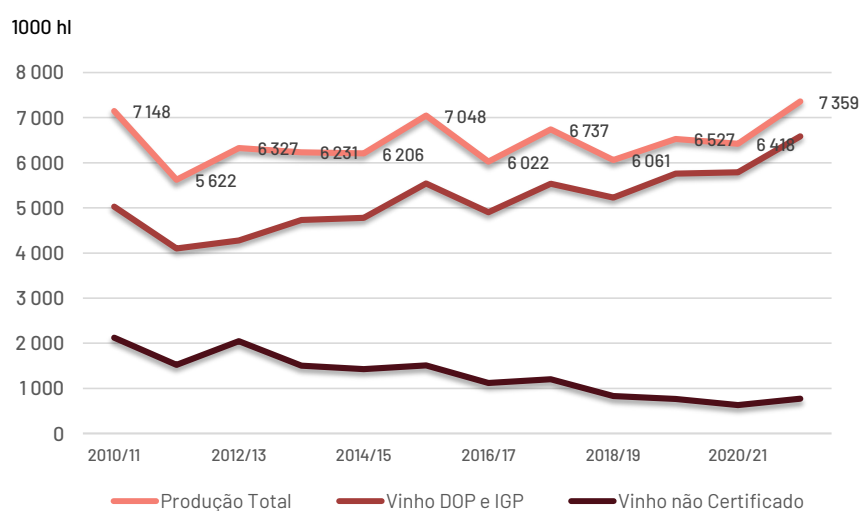
Fontes: Equipa; Dados IVV e OIV, 2022

No entanto, quando analisamos os valores médios da produção dos períodos 2001-2005 e 2017-2021 (a sombreado na Figura 6), verificamos uma redução de cerca de 15%. Já a área de vinha recuou de forma mais acentuada, na ordem dos 20%, em período análogo (Figura 4), o que demonstra um **aumento da produtividade da vinha em Portugal naquele período**.

Produção de Vinho

Em 2021, Portugal produziu 7.4 milhões de hl de vinho (Figura 7), atingindo um crescimento excecional de 14.7% relativamente à campanha anterior. Este volume representou 2.8% da produção mundial desse ano, estimada em 260 milhões de hl¹⁰ e **posicionou Portugal como o 10º produtor mundial de vinho e o 5º europeu**. Esta cifra mostra-se muito relevante já que foi a maior produção desde 2006, enquanto a área de vinha se reduzia em mais de 20% no mesmo período.

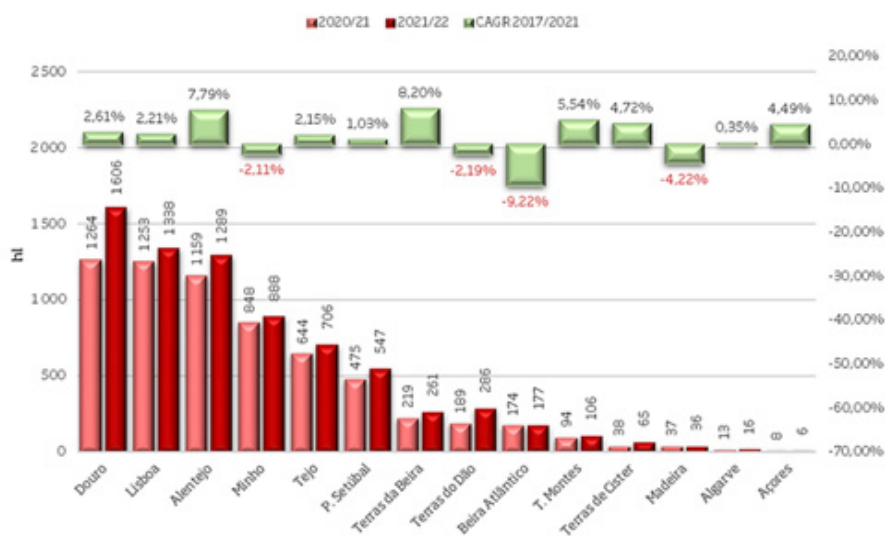
Figura 7 – Evolução da Produção de Vinho em Portugal 2010 – 2021, Total e por Qualidade



Fontes: Equipa com dados IVV, 2022

A distribuição da Produção de Vinho pelas regiões Vitivinícolas na campanha 2021/2022 pode ser vista na Figura 8. O Douro destaca-se por ser a região do país com maior produção, embora seguido de perto por Lisboa e Alentejo. Este último destaca-se, juntamente com Terras da Beira, por apresentar a maior Taxa de Crescimento Acumulado (CAGR) nos últimos cinco anos.

Figura 8 – Produção de Vinho or Região



Fonte: Viniporugal, 2022

¹⁰ https://www.oiv.int/sites/default/files/documents/eng-state-of-the-world-vine-and-wine-sector-april-2022-v6_0.pdf

Setor Cooperativo e Setor Empresarial

Em Portugal, os produtores de vinho diferenciam-se com base na sua estrutura jurídica empresarial, em **Setor Associado** ou **Cooperativo** e Setor Não Associado, Independente ou **Empresarial**.

O peso do setor cooperativo, tradicionalmente muito elevado, tem vindo a decrescer ao longo dos últimos anos. Na campanha 2021/2022, segundo dados do IVV, estariam ativas 72 cooperativas vinícolas em Portugal continental, contra as 120 que estavam ativas em 1982. Essas 72 cooperativas contribuíram com 35% da produção do vinho nacional nessa campanha. Os outros 65% da produção ficaram a cargo do setor Empresarial (Tabela 1).

Tabela 1 – Produção de Vinho em Portugal – Setor Cooperativo e Empresarial – Campanha 21/22

PRODUÇÃO	TOTAL	
	HL	Peso
Associada (cooperativa)	2 591 888	35,2%
Não Associada (independente)	4 766 652	64,8%
Total	7 358 539	100,0%

Fonte: IVV 2022

A percentagem da **produção apta a vinho certificado rondou os 90% em ambos os setores** (Tabela 2), o que indica uma aposta global na qualidade. O setor cooperativo, efetuou um esforço considerável já que em 2010 aquela percentagem era somente de 60% (IVV, 2011).

Note-se, no entanto, que **a produção de vinho apto a vinho certificado não significa que o vinho vendido ou exportado pela entidade seja na sua totalidade vinho certificado**, já que tal implica um conjunto de processos produtivos adicionais, que podem ou não ter lugar.

Tabela 2 – Produção de Vinho em Portugal por Forma Jurídica e Qualidade – Campanha 21/22

PRODUÇÃO	Vinho		Apto Vinho C/Ind. Ano/Casta		Apto Vinho Com IGP		Apto Vinho com DOP		Total		Total Certificado DOP+IGP
	HL	%	HL	%	HL	%	HL	%	HL	%	
Associada (cooperativa)	239 600	9,2%	500	0,0%	902 975	34,8%	1 448 813	55,9%	2 591 888	100,0%	90,8%
Não Associada (independente)	486 958	10,2%	46 147	1,0%	1 625 077	34,1%	2 608 470	54,7%	4 766 652	100,0%	89,8%
Total	726 558		46 647		2 528 051		4 057 283		7 358 539		

Fonte: IVV 2022

Em 2020 e 2021, das 72 cooperativas ativas, as 10 maiores acumulavam cerca de 50% e as 25 maiores cerca de 80% da produção do setor cooperativo (IVV 2022). Em 2020, segundo a CASES¹¹, as 25 maiores cooperativas geraram 256 milhões de Euros de Volume de Negócios e empregaram 1 132 trabalhadores. Com base nestes dados, estimamos que **as cooperativas representaram 18.8% do total do Volume de Negócios da Indústria do Vinho (CAE 1102) em 2020¹²** e, como já referido, 35.2% da quantidade de vinho produzido (Tabela 1).

¹¹ In "As 100 Maiores Cooperativas 2020" do Relatório CASES (Cooperativa António Sérgio para a Economia Social)

¹² Assume-se que o Volume de Negócios (VN) das restantes 47 cooperativas (que terão representado 20% da produção) é proporcional às maiores 25 cooperativas. O valor total do VN da Indústria do Vinho em 2020 foi de 1,704.7 M€

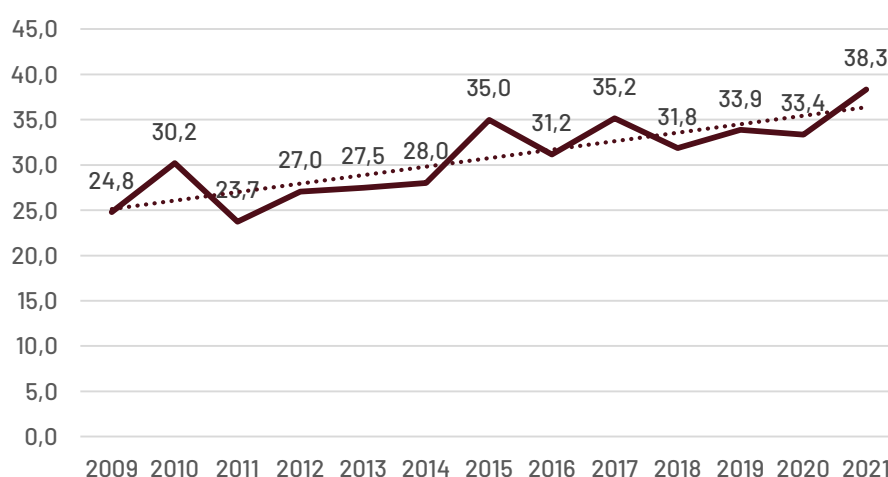
As cooperativas vinícolas em Portugal vendem o vinho de três formas diferentes: em garrafa, em bag-in-box e a granel. O vinho a granel é o que gera menos receita unitária, mas também é o que gera menores encargos de produção e é vendido a produtores e a distribuidores engarrafadores. Assim, uma parte da produção das cooperativas é vendida ao retalho, diretamente ao consumidor final e para exportação. A outra parte é vendida ao setor Empresarial.

Uma **conclusão** possível de retirar é que, em média, **existe uma diferença de capacidade de criação de valor entre as empresas** (que representam 65% do volume e 82% do valor) **e as cooperativas** (que representam 35% do volume e 18.8% do valor). Esta conclusão é reforçada, pelo fato de só termos considerado na análise o Volume de Negócios das entidades incluídas no CAE 1102 (Indústria do Vinho), no qual se incluem a totalidade das cooperativas¹³, quando uma parte importante da produção de vinho e consequentemente do Volume de Negócios é levado a cabo pelas sociedades incluídas no CAE 0121 (Viticultura)¹⁴.

Produtividade

Em 2021, a produtividade média da vinha em Portugal situou-se nos 38,3 hl/ha, um valor record, representando um acréscimo de 15% relativamente à campanha anterior (Figura 9). Tão mais significativo que no período 2009 – 2021 o aumento médio rondou os 47,2%.

Figura 9 – Evolução da Produtividade da Vinha 2009 – 2021



Fonte: Equipa; Dados IVV, 2022

Razões do aumento médio da produtividade da vinha na última década (com referência a 2009), segundo o Recenseamento Agrícola 2019 do INE:

- Aumento da dimensão média das explorações agrícolas com vinha e logo maiores economias de escala;
- Intensificar da empresarialização da agricultura, aumentando a eficiência;
- Reforço da especialização das explorações agrícolas com vinha;
- Aumento da superfície potencialmente regada de vinha (em 27.8%);
- Aumento significativo da mecanização na vinha;

¹³ Fonte ORBIS 2022

¹⁴ Ver informação detalhada no Apêndice – Metodologia – Variáveis de Impacto direto – Produção de Vinho

Para além destas razões, deve referir-se que entre 2009 e 2021 o setor vitivinícola efetuou investimentos em Formação Bruta de Capital Fixo (FCBF) que totalizaram 2 141.6 milhões de euros (ver sub-parágrafo sobre investimento abaixo) o que proporcionou a reestruturação de muitas parcelas de vinha, a modernização de infraestruturas e equipamentos, a adesão a práticas e processos inovadores, a atualização tecnológica, a adoção de práticas sustentáveis e a formação de trabalhadores e quadros agrícolas.

Relativamente à distribuição da Produtividade ao longo do País, ela é bastante variável como se pode verificar na Tabela 3. Outras conclusões podem ser retiradas dessa Tabela:

- O Interior Norte do país em geral, e o Douro em particular, **concentram a maior percentagem da área de vinha e da produção de vinho**, apresentando o Douro produtividades em linha com a média do país;
- As regiões vitivinícolas de **Lisboa, Península de Setúbal, Tejo e Alentejo** apresentam as **maiores produtividades médias**;
- As regiões vitivinícolas dos **Açores, Trás-os-Montes, Algarve e Beira Atlântico**, apresentam a **menor produtividade média**.

Tabela 3 – Distribuição geográfica da Produção de Vinho, Superfície de Vinha e Produtividade em 2021

CAMPANHA 21/22	Produção	Peso	Área de Vinha	Peso	Produtividade
Região Vitivinícola	hl	%	ha	%	hl/ha
Minho	893 694	12,1%	24 371	12,7%	36,7
T. Montes	106 029	1,4%	10 701	5,6%	9,9
Douro	1 614 569	21,9%	44 180	23,0%	36,5
Beira Atlântico	180 630	2,5%	13 259	6,9%	13,6
Terras do Dão	286 821	3,9%	13 409	7,0%	21,4
Terras da Beira	261 418	3,6%	13 874	7,2%	18,8
Terras de Cister	65 378	0,9%	2 215	1,2%	29,5
Tejo	713 233	9,7%	12 847	6,7%	55,5
Lisboa	1 339 162	18,2%	19 869	10,3%	67,4
P. Setúbal	548 124	7,4%	8 027	4,2%	68,3
Alentejo	1 289 473	17,5%	25 461	13,3%	50,6
Algarve	15 939	0,2%	1 427	0,7%	11,2
Sub-total continente	7 314 469	99,4%	189 640	98,8%	38,6
Madeira	37 612	0,5%	681	0,4%	55,2
Açores	6 458	0,1%	1 708	0,9%	3,8
Sub-total ilhas	44 070	0,6%	2 389	1,2%	
Total Geral	7 358 539	100,0%	192 029	100,0%	38,3

Fonte: Dados oficiais IVV 2022. A produtividade é calculada através do quociente: Produção/ Área de Vinha

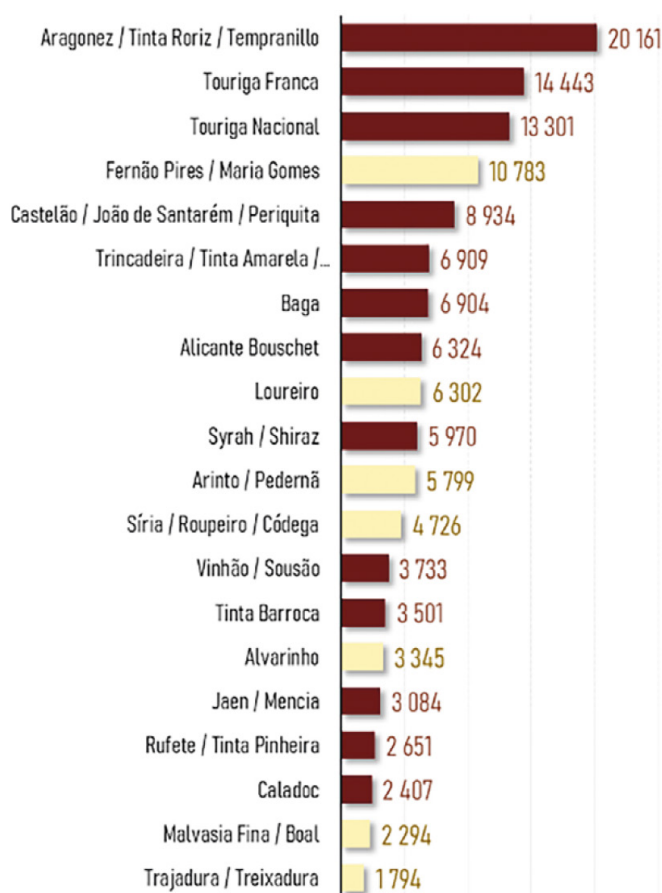
NOTA IMPORTANTE: Os valores de produtividade reais da Região do Douro e da Península de Setúbal estarão sobreavaliados já que em ambas as regiões os vinhos fortificados têm um grande peso e os mesmos incluem cerca de 20% de aguardente. Por exemplo, segundo o IVDP, em 2021 o volume de mosto produzido na região do Douro foi de 1 452 707 hl, o que reduziria a produtividade para cerca de 33 hl/ha.

Castas

Em Portugal é permitido fazer vinho de uma lista de cerca de 350 castas (IVV 2022). Devido à diversidade de condições ambientais e regiões com características muito distintas, Portugal possui um significativo número de castas autóctones. A base de dados da Vitis Internacional Variety Catalogue (CAN) regista 261 variedades (genótipos) associadas a Portugal¹, o que nos colocam como o 3º País do mundo com maior variedade de castas por unidade de área.

A Figura 10 indica a lista das Castas mais utilizadas para fazer vinho em Portugal, segundo o IVV.

Figura 10 – As 20 castas mais utilizadas em Portugal por Área Ocupada (ha)



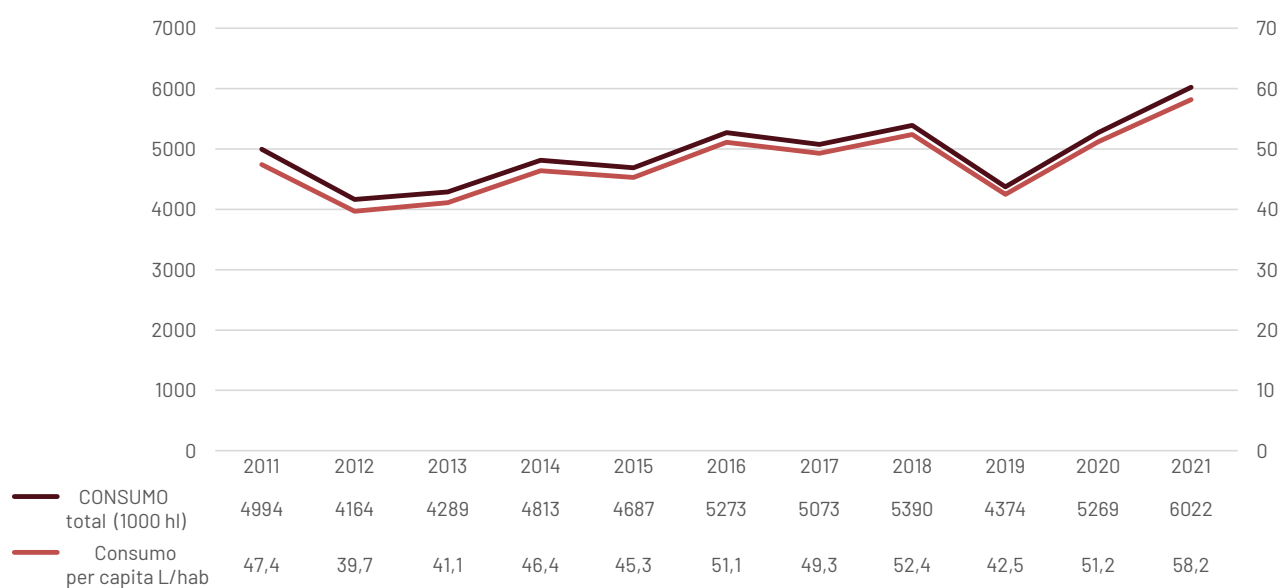
Fonte: IVV 2021, in Revista Cultivar 24 (2021) do GPP

¹(Cunha, J.; Fevereiro, P.; Zapater, J.; INIAV, 2016. A identidade das castas de videira portuguesas aptas à produção de vinho no contexto ibérico e Europeu, in *Vida rural*, Ano 65, nº 1832 (NOV 2017)

Consumo

Em 2021, o consumo de vinho em Portugal atingiu o maior valor dos últimos 12 anos, com 6 milhões de hl (Figura 11). Nesse período, o consumo médio situou-se próximo dos 5 milhões de hl, com quebra entre 2012 a 2014, período de austeridade associado à assistência financeira da Troika e quebra em 2019/2020 coincidindo com a pandemia COVID-19.

Figura 11– Consumo de Vinho em Portugal, Total e Per Capita: campanhas 2011/2012 a 2021/2022



Fonte: IVV 2021, in Revista Cultivar 24 (2021) do GPP

O consumo per capita de vinho em 2021 bateu também novo record mundial com 58,2 Litros/habitante (Figura 11), mantendo **Portugal** como o **primeiro consumidor de vinho per capita do planeta**, segundo a O.I.V.

De notar que Portugal é tradicionalmente um grande consumidor de vinho, à imagem dos grandes produtores mediterrânicos Itália e França. Nestes países o consumo interno de vinho, associado à população local, tem vindo a diminuir. Mas o forte aumento do turismo tem contribuído para manter os valores do consumo em níveis muito elevados, em especial em Portugal, onde se considera que a relação qualidade preço do vinho é das maiores do Planeta.

Exportações

Portugal exporta vinhos para cerca de 150 países em todo o mundo. No entanto os primeiros 14 países acumulam cerca de 80% das exportações.

Tabela 4 – Destinos mais importantes das exportações de Vinhos Nacionais

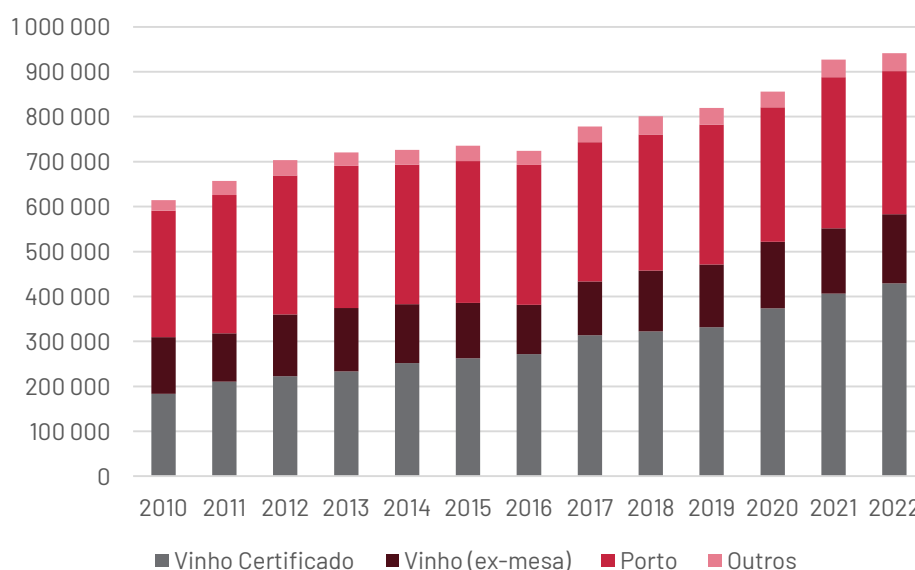
Intra + Extra UE	1 000 €		Estrutura (%)		Δ	
	jan-dez		jan-dez		2022 / 2021	
	2021	2022	2021	2022	1 000 €	
FRANCA	115 203	111 522	12,4%	11,8%		-3,2%
E.U.AMERICA	104 305	105 989	11,2%	11,3%		1,6%
REINO UNIDO	96 018	83 850	10,4%	8,9%		-12,7%
BRASIL	73 608	71 022	7,9%	7,5%		-3,5%
CANADA	50 485	51 907	5,4%	5,5%		2,8%
ALEMANHA	53 839	50 172	5,8%	5,3%		-6,8%
ANGOLA	24 172	49 238	2,6%	5,2%		103,7%
PAISES BAIXOS	51 665	49 192	5,6%	5,2%		-4,8%
BELGICA	48 355	48 686	5,2%	5,2%		0,7%
SUICA	35 888	34 300	3,9%	3,6%		-4,4%
POLONIA	31 207	33 284	3,4%	3,5%		6,7%
SUECIA	28 453	25 632	3,1%	2,7%		-9,9%
DINAMARCA	22 958	22 435	2,5%	2,4%		-2,3%
ESPANHA	20 506	21 346	2,2%	2,3%		4,1%
OUTROS DESTINOS	170 774	182 940	18,4%	19,4%		7,1%
TOTAL	927 437	941 513	100,0%	100,0%		1,5%

Fonte: IVV com dados do INE

Os três maiores importadores do nosso vinho são a França, os EUA e o Reino Unido que acumularam 32% do valor das exportações em 2022. Uma nota para Angola que duplicou as compras de vinhos portugueses em valor neste ano (Tabela 4).

Entre 2010 e 2022, as exportações portuguesas de vinho cresceram 53%, passando de 614 M€ para 942 M€, devido, principalmente, à grande vitalidade dos vinhos certificados, que viram a sua importância reforçar-se a partir de 2017 (Figura 12). Nesse ano, os vinhos certificados ultrapassaram o valor das vendas do Vinho do Porto, produto com historial de maior valor até então, no cabaz de exportações portuguesas de vinho.

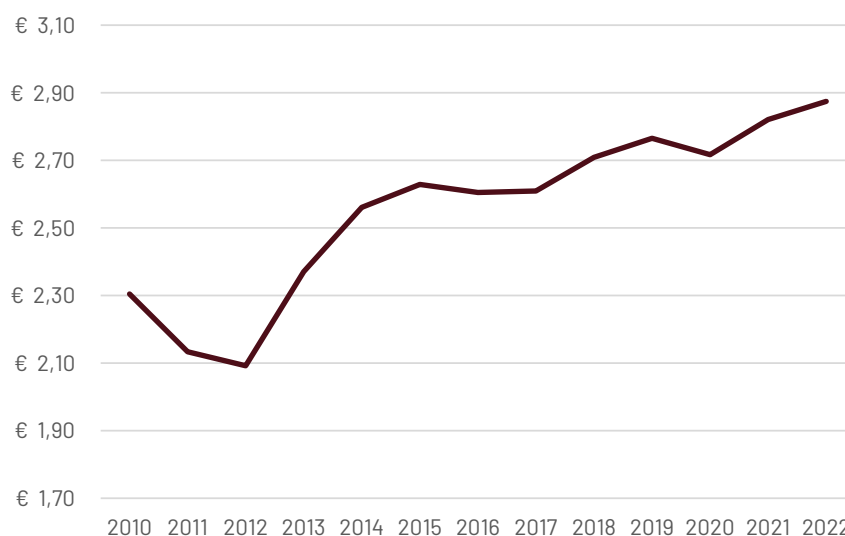
Figura 12 – Exportações Portuguesas de Vinhos por Tipo (1000 €)



Fonte: IVV, 2022

No período analisado, o aumento do peso do vinho certificado no valor total das exportações (Figura 12) contribuiu decisivamente para o aumento sustentado do preço médio por litro das nossas exportações de vinhos (Figura 13) a qual, em 2022, se situou nos 2,87€ por litro, o valor mais alto de sempre.

Figura 13 – Exportações de Vinhos Portugueses – Evolução do preço médio por litro

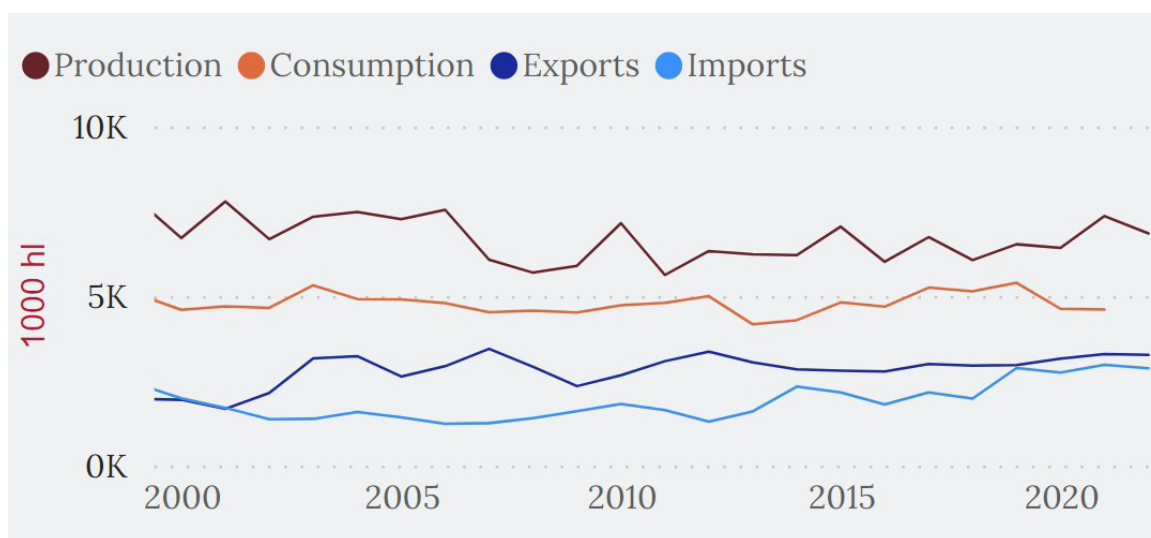


Fonte: IVV, 2022

Importações

Portugal tem visto aumentar consideravelmente a quantidade de vinho importado nos últimos anos (Figura 14). Em 2021 era o 11º Importador mundial em volume (OIV 2022). Nesse ano, a produção de Vinho em Portugal atingiu 736 ML. Mas a soma do consumo interno (602 ML) e das exportações (329 ML) ultrapassou a produção em 195 ML, o que consubstancia um **défice de oferta interna de vinho**. Na prática, se por um lado Portugal exporta mais quantidade do que importa (329 ML de exportações e 297 ML de importações em 2021), por outro, **não consegue fornecer o mercado interno, em especial no segmento de preço baixo** que representa uma fatia muito elevada do total. E este fenómeno tem-se vindo a acentuar na última década.

Figura 14 – Produção, Consumo, Importação e Exportação de Vinho em Portugal, 2000-2021(1000 hl)



Fonte: OIV 2022

De facto, como os números até aqui apresentados indicam, Portugal aumentou substancialmente a produção de vinhos certificados nos últimos anos. Estes vinhos, não só têm custos de produção mais elevados como também são objeto de campanhas de imagem para alavancar o seu potencial de mercado, do que resultam preços médios de venda a público elevados para o poder de compra médio dos portugueses, especialmente no canal HoReCa. Além disso estes vinhos certificados representam também a maior parte das nossas exportações.

Tabela 5 – Importações de Vinhos de Espanha 2021

PRODUTO	2021			Preço Médio € / L
Unidade	hl		1 000 €	
Vinho Certificado (DOP + IGP)	9 901	3,70%	5 599	0,56 €
Vinho (ex-vinho de mesa)	2 415 563	90,00%	97 023	0,40 €
do qual embalagem superior a 10L	1957710	73,00%	77 125	0,39 €
Vinhos licorosos e espumantes	30 002	1,10%	5 579	1,86 €
Outros vinhos mostos	138 584	5,20%	9 970	0,72 €
TOTAL	2 683 250	100,00%	118 171	0,44 €

Fonte: Anuário IVV 2021

Sendo Portugal um país onde, culturalmente, o consumo de vinho é elevado e o poder de compra médio é baixo, só por si justificaria uma elevada fatia de mercado de vinhos de baixo preço. Não será por isso de estranhar que as importações de vinho em volume, sejam muito relevantes. Nos últimos 3 anos chegaram mesmo a ser muito próximas das exportações.

Estas importações são maioritariamente vinhos de baixo preço, a granel e vindos de Espanha (cerca de 70% do total das importações em volume), os quais entram em Portugal pouco acima dos 39 cêntimos por litro. Se considerarmos que o consumo interno total em 2021 foi de 6 milhões de hl (Figura 10), o vinho de baixo preço espanhol representa cerca de 40% desse volume.

As importações de vinho representam uma saída de divisas na ordem dos 170M€ dos quais vão para Espanha cerca de 118.2 Milhões. E parece que até os próprios espanhóis estão surpreendidos (Caixa 1):

Caixa 1 – Excerto de Texto Retirado do Observatório do Vinho de Espanha

Del extraño caso de las importaciones de vino en Portugal en 2019, por las fuertes ventas de vinos españoles económicos: Las compras de vino extranjero por parte de Portugal crecieron en 2019 un 48% hasta los 280 millones de litros, pero a precios un 26% inferiores a los del año anterior. Granel, pero también vinos envasados muy económicos españoles, explican este fuerte crecimiento, que parece coyuntural. OEMV, 24abr2020

Investimento

O Setor do Vinho tem vindo a fazer um considerável esforço de investimento na reconversão da vinha e na sua modernização, em linha com os interesses nacionais mas também com os interesses mais globais da União Europeia. O objetivo principal será responder à competição crescente com origem nos produtores do Novo Mundo, apoiados pelos respetivos governos, a qual ameaça a liderança do continente europeu no futuro mercado global do vinho. Repare-se que já em 2021, a Nova Zelândia e os E.U.A conseguem colocar o seu vinho no mercado externo a preços médios por litro superiores a Itália, Portugal e Espanha. Só a França resiste (Figura 23).

Tabela 6 – Formação Bruta de Capital Fixo na Viticultura e Indústria do Vinho 2009 – 2021

ANO	Formação Bruta de Capital Fixo das Empresas por Atividade económica (Classe – CAE Rev. 3)				
	Total Portugal	Viticultura CAE 0121	Indústria do vinho CAE 1102	Viticultura + Indústria do Vinho	Peso no total PT
	€	€	€	€	%
2021	22 286 195 325	108 292 756	158 966 801	267 259 557	1,20%
2020	21 001 885 764	71 590 114	117 623 079	189 213 193	0,90%
2019	22 807 882 416	89 518 009	132 174 125	221 692 134	0,97%
2018	20 874 196 252	99 960 135	110 702 641	210 662 776	1,01%
2017	18 648 624 889	85 014 899	119 722 178	204 737 077	1,10%
2016	16 406 322 463	61 390 160	74 775 538	136 165 698	0,83%
2015	14 702 060 562	53 074 619	85 890 774	138 965 393	0,95%
2014	12 852 236 319	32 973 366	101 216 581	134 189 947	1,04%
2013	11 585 061 761	42 534 551	82 214 619	124 749 170	1,08%
2012	10 716 023 944	37 299 302	64 432 254	101 731 556	0,95%
2011	15 769 875 518	46 083 219	88 331 321	134 414 540	0,85%
2010	18 340 459 607	47 951 586	87 497 604	135 449 190	0,74%
2009	20 720 669 738	64 968 150	77 387 653	142 355 803	0,69%
TOTAL	226 711 494 558	840 650 866	1 300 935 168	2 141 586 034	0,94%

Estes investimentos apresentam maior relevo desde 2009. Na Tabela 6 mostramos a Formação Bruta de Capital Fixo (FCBF) da Viticultura e da Indústria do Vinho entre os anos de 2009 e 2021 e a sua comparação com o total nacional naquele período. O valor total do Investimento em FCBF no período considerado atinge os 2141.6 milhões de Euros ou aproximadamente 1% do total do País. Este foi um esforço conjunto, extremamente significativo, entre o Setor, o Estado Português e as Entidades Europeias, as quais financiaram aproximadamente 27% daquele valor através do Programa VITIS.

O Programa VITIS visa incentivar e apoiar a reestruturação e reconversão das parcelas de vinha em Portugal, tendo em vista a produção de uvas para vinho que satisfaçam as condições de produção de vinho DOP e IGP, bem como apoiar a modernização do setor em infraestruturas e equipamentos. Este programa, financiado pela UE desde 2000, entregou aos viticultores entre 2009 e 2021 cerca de 580.4 M€ a fundo perdido, apoiando a intervenção em 33 194 parcelas de vinha, numa área total de vinha de 57 189 ha (IVV, 2022).

Este esforço conjunto proporcionou assim a reestruturação de uma grande percentagem das parcelas de vinha do país, permitiu a modernização de infraestruturas e equipamentos, adesão a práticas e processos inovadores, atualização tecnológica, adoção de práticas sustentáveis e formação de trabalhadores e quadros agrícolas, entre outras necessidades do setor.

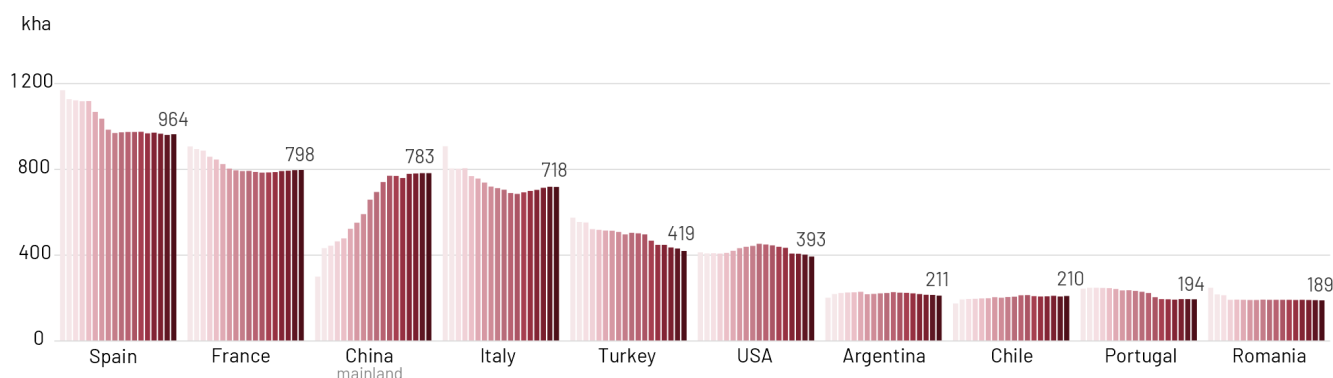
2.4. Portugal e os Principais Países Produtores

Neste ponto procuramos fornecer uma comparação das variáveis que considerámos mais relevantes (e para as quais conseguimos obter dados), do Setor do Vinho Nacional com o dos Principais Países Produtores.

Área de Vinha

Portugal dedica à vinha um total de 192 028 ha, a qual é a 4ª maior área de vinha da Europa e a 9ª maior do mundo em 2021. Tal como os outros grandes produtores europeus, Portugal viu decrescer a área total de vinha ao longo dos últimos 20 anos, ainda que de forma mais moderada (Figura 15).

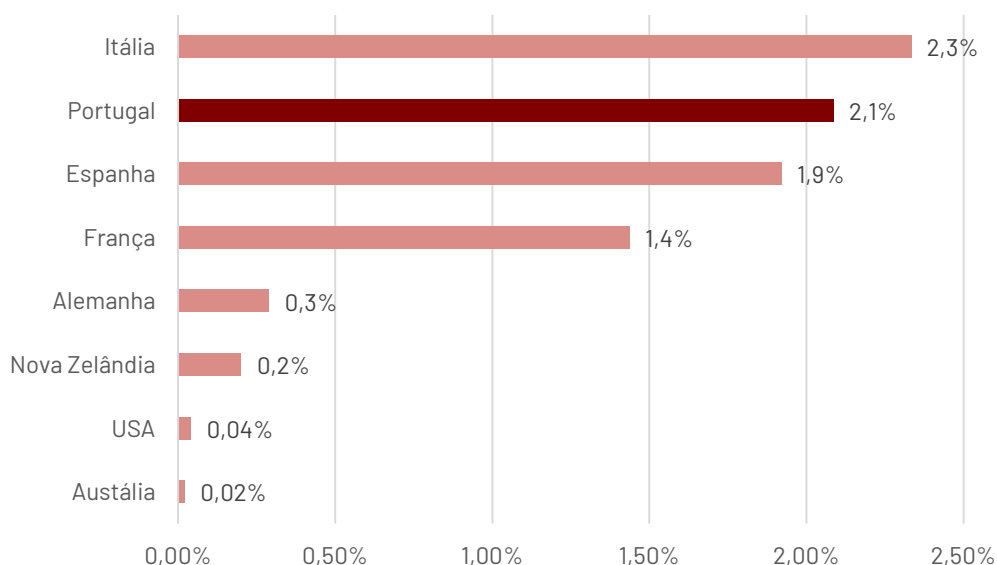
Figura 15 – Área de Vinha nos principais países produtores 2000-2021



Fonte: OIV 2022, Annual Assessment of the world wine and Vine Sector in 2021

No entanto, quando consideramos a percentagem de área territorial ocupada, **Portugal surge como o 2º país do mundo com maior área territorial ocupada por vinha**, logo a seguir a Itália (Figura 16).

Figura 16 – Área de Vinha em percentagem da Área Territorial – 2021



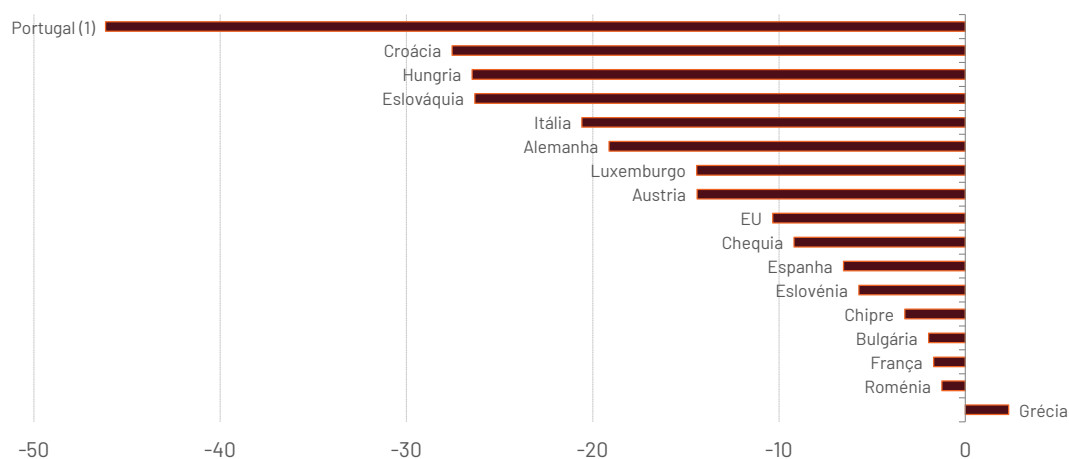
Fonte Cálculos da Equipa; dados OIV e Declarações de Superfície de Vinha dos vários países

Se considerarmos que Portugal reduziu a área de vinha em mais de 30% nos últimos 30 anos, percebemos aqui a importância da Vinha para a população portuguesa, em especial do interior.

Explorações Vitícolas

Ao longo da última década, a redução do número de Explorações Agrícolas com Vinha em Portugal e nos mais importantes países produtores da União Europeia, tem sido a norma. No entanto, no período 2015 – 2020, Portugal foi, destacadamente, o País da UE em que mais explorações agrícolas desapareceram (Figura 17). Os censos 2021 do INE mostram também um continuado e crescente abandono do interior em direção ao litoral na última década (Litoralização), o que reforça esta constatação.

Figura 17 – Variação no número de Explorações com Vinha 2015 – 2020 (%)



Fonte: EUROSTAT 2022

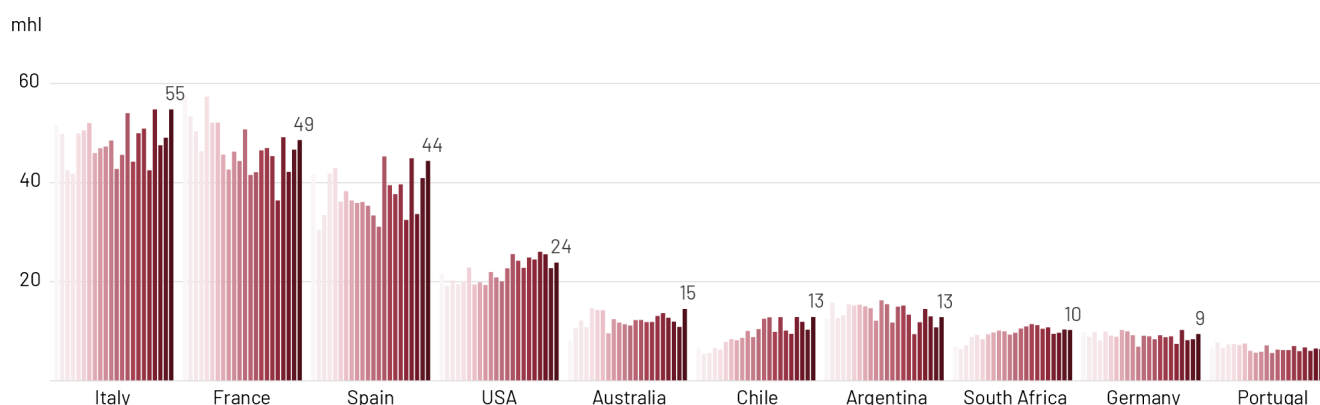
Vários fatores estão associados a este fenómeno. Um fator muito importante é o fato destas explorações estarem fortemente associadas à agricultura familiar, a qual, em Portugal, apresenta tipicamente áreas reduzidas e uma elevada dificuldade em rentabilizar as explorações agrícolas que mantêm, para além de outros fatores de dissuasão. Uma das razões apontadas pelos viticultores é o baixo preço alegadamente pago pela uva produzida, não permitindo rentabilidade das explorações, em muitos casos abaixo do preço de custo [10].

Produção

Nos últimos 20 anos Portugal tem estado entre os 11 maiores produtores mundiais de vinho (Figura 18). Em 2021 foi o 10º produtor mundial com 7.36 milhões de hl, a maior produção registada naquele período.

Na Figura 18 podemos ver a produção de vinho em volume dos 10 maiores produtores globais nos últimos 20 anos. No início da década de 2000 Portugal estaria ao nível da produção do Chile e da África do Sul ou até da Austrália, mas foi suplantado nos anos seguintes. Nota-se, no entanto, que a produção de Portugal foi a que apresentou menores oscilações no grupo dos maiores produtores.

Figura 18 – Produção de Vinho em Volume dos maiores produtores mundiais, 2000-2021 (milhões de hl)



Fonte: OIV 2022, Annual Assessment of the world wine and Vine Sector in 2021

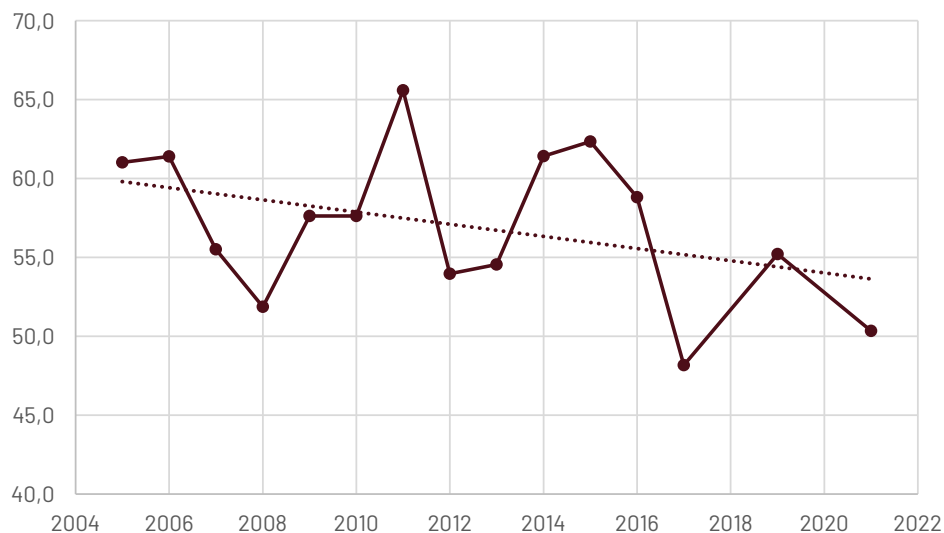
Nota Importante: Neste gráfico, disponibilizado pela OIV, teve lugar um lapso na tabela que o sustenta, apresentando a mesma um valor de 9,1 mhl de produção em volume para Portugal em vez dos 7,36 que efetivamente tiveram lugar (ver Figura 7). Ainda assim, tal não invalida quaisquer das conclusões deste estudo.

Produtividade da Vinha

Analisar as variações de produtividade da vinha (hl/ha) numa região ou país e especialmente em comparação com outras regiões ou países, é uma tarefa delicada. Desde logo porque o conjunto de fatores que influenciam a análise é muito grande. No entanto, quando se comparam números agregados de país para país ficamos sempre com uma perceção da tendência do que se passa em cada região ou país. Por exemplo, nalguns países a produtividade tem diminuído, como é o caso de França (Figura 19).

Em Portugal, a produtividade da vinha tem aumentado nos últimos anos, como já visto na Figura 9 e parágrafo relacionado, onde retratámos várias razões subjacentes a esse aumento da produtividade.

Figura 19 – Evolução da produtividade média da Vinha em França nos últimos 20 anos (hl/ha)

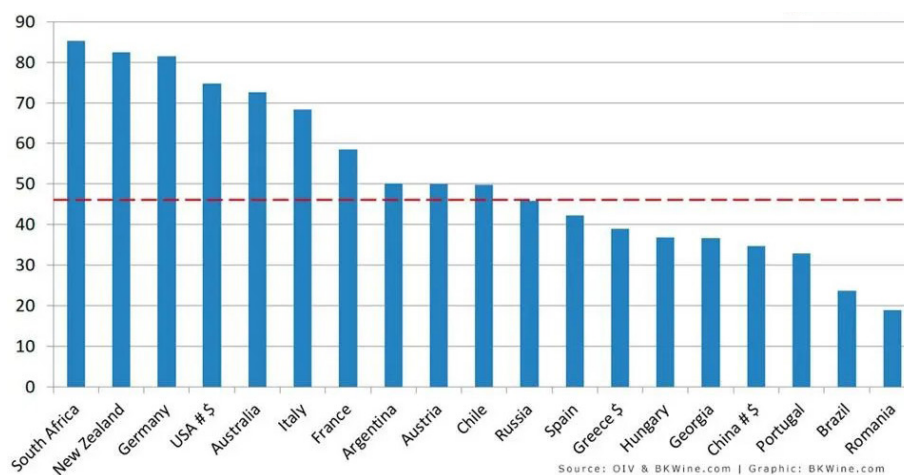


Fonte: Equipa, com dados FranceAgrimer Visionet 2022

No entanto, várias razões, algumas já retratados na análise às explorações vitícolas, têm contribuído para manter baixa a produtividade na produção de uva e de vinho, quando comparada com outros países produtores (Figura 20). A essas razões, adicionamos a ainda fraca mecanização da vinha em muitas explorações e outros contributos conhecidos, como sejam um déficit hídrico prolongado a que se associa a já referida inexistência quase generalizada de sistemas de irrigação e eventualmente uma diferença de idade das vinhas (GPP, 2021).

Outro aspeto que eventualmente pode contribuir para a baixa produtividade relativa de Portugal é a elevada produção de uva apta a vinhos certificados e produção relativamente baixa de uva apta a vinhos sem certificação. Em países como a Itália, Espanha e França esses vinhos ainda têm relevância e permitem elevadas produtividades [12]

Figura 20 – Produtividade média da vinha nos principais países produtores em 2020



Source: OIV & BKWine.com | Graphic: BKWine.com

Fonte: OIV e BKWine.com

Deve, no entanto, referir-se que existem situações bastante diferenciadas e heterogêneas ao longo do país e das várias regiões vitivinícolas. As regiões do Tejo, Lisboa e o Alentejo têm produtividades bastante mais elevadas que as restantes regiões. Muitas explorações têm elevada mecanização. Algumas empresas do setor vitivinícola são mesmo referências globais em termos tecnológicos e de gestão, nas suas várias vertentes.

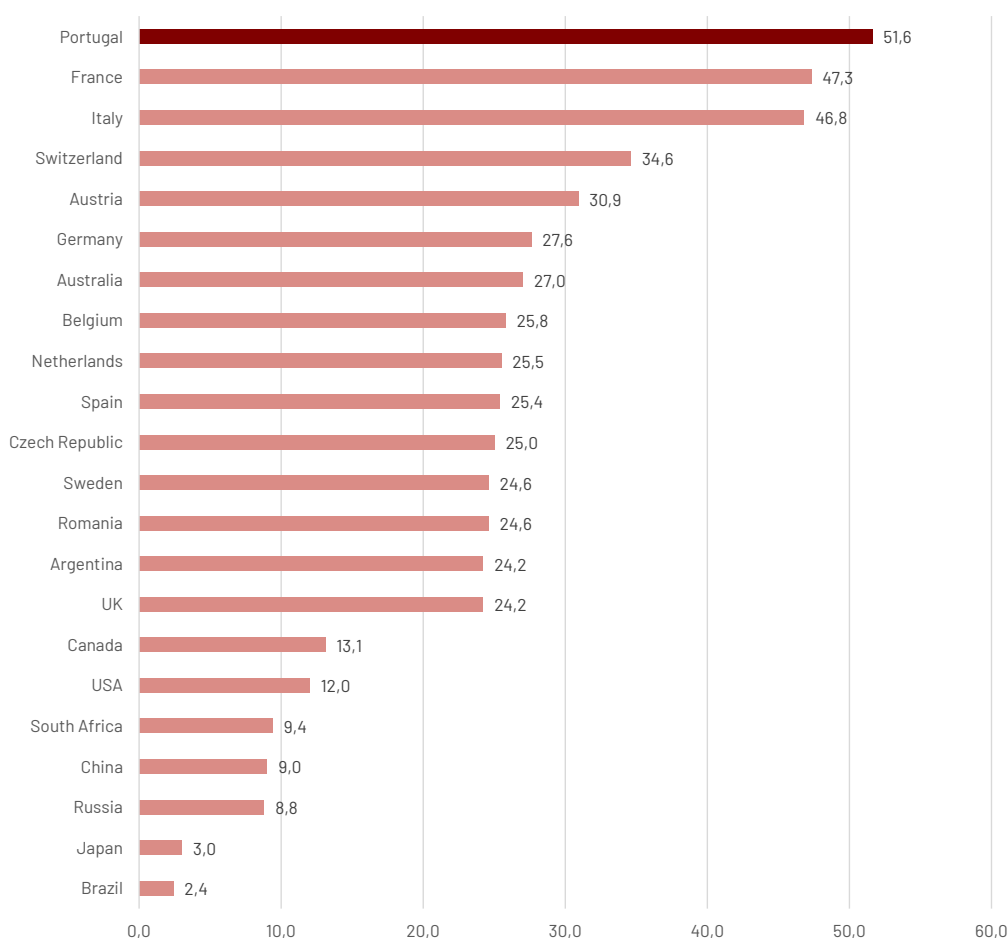
Se analisarmos a Tabela 3 e isolarmos grupos de produtividade vemos que o bloco Trás-os-Montes, Beira Atlântico, Terras do Dão, Terras da Beira, Terras de Cister, Algarve e Açores, apresenta as produtividades mais baixas. Se agregarmos estas regiões, a produtividade média do grupo é de 16.3 hl/ha. Mas se as retirarmos e agregarmos todas as outras, a produtividade média já atinge valores superiores a Espanha e próximos do Chile, com 46.3%.

Não conseguimos, porém, evitar que Portugal esteja incluído no lote de países classificados como de baixa produtividade, por instâncias internacionais. A revista Forbes, num artigo de opinião de janeiro de 2022 [12] justifica a posição de Portugal no grupo de países de baixa produtividade como “sendo provavelmente o reflexo de a indústria do vinho em muitas partes de Portugal ainda não ter agarrado a era moderna da viticultura e da vinificação”.

Consumo per capita

Portugal apresenta-se como o primeiro consumidor de vinho per capita no Mundo, seguido da França e da Itália, segundo dados da OIV para 2021 (Figura 21). No entanto, o consumo humano em Portugal, (tal como nos outros produtores do mediterrâneo), estará influenciado pelo turismo externo, que explicará uma percentagem daquele consumo.

Figura 21 – Consumo de Vinho no Mundo em 2021 (L/hab +15)



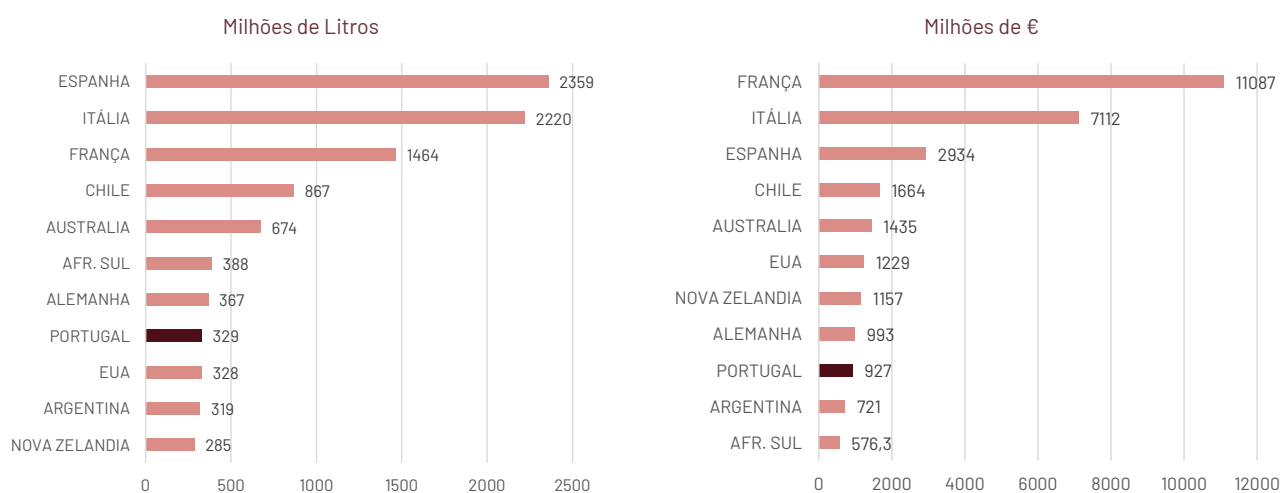
Fonte: Equipa, com dados OIV 2021

NOTA: O valor do consumo de vinho em Portugal é de 51.6 L/habitante maior de 15 anos, segundo a base de dados da OIV para 2021, o que coincide aproximadamente com o valor declarado pelo INE para a campanha 2020/2021, de 51,2 L/habitante. Já o valor do INE para 2021/22 ascende a 58.2 L/habitante.

Exportações e Importações

Portugal é o 8º maior exportador global de vinho em volume e o 9º em valor no ano de 2021 (Figura 22). O mercado mundial de exportação é dominado por Espanha, Itália e França.

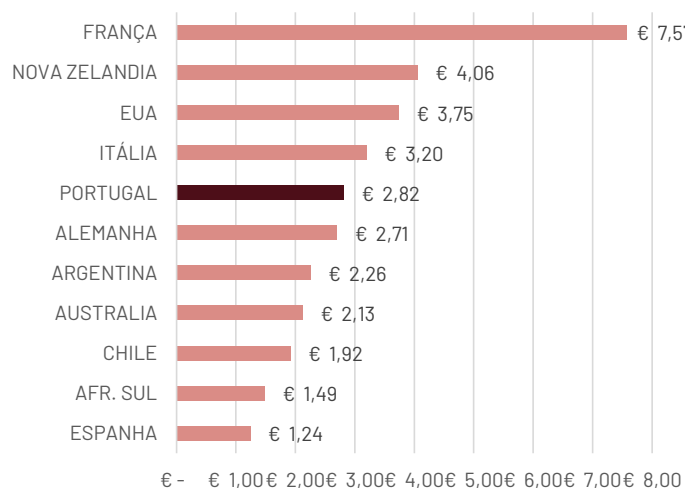
Figura 22 – Maiores exportadores mundiais de Vinho (Volume e Valor) em 2021



Fonte: Equipa, com dados OIV 2021

No entanto, há uma grande diferença entre França e qualquer um dos outros países, no que toca à capacidade de valorização do Vinho (Figura 23). Espanha é o líder mundial em quantidade de vinho vendido (embora a preços médios muito baixos), logo seguido de Itália.

Figura 23 – Valor médio por litro de vinho exportado dos principais Produtores - 2021



Fonte: Equipa, com dados OIV 2021

Quando observamos a capacidade média de valorização do vinho entre os maiores exportadores mundiais, verificamos que Portugal já consegue valores médios por litro a aproximarem-se dos de Itália (Figura 23). Em 2021, **Portugal** estabeleceu-se como o **5º exportador mundial que mais conseguiu valorizar o seu vinho**. Se compararmos com Espanha, por exemplo, a **valorização do vinho português é mais de duas vezes a valorização do vinho de Espanha**, o que demonstra um forte esforço de valorização do nosso vinho, tanto pelos nossos produtores como pelas entidades envolvidas na promoção dos vinhos de Portugal.

Mercado Interno e Produção

Tradicionalmente, Portugal é autossuficiente em vinho, de acordo com os Balanços de Aprovisionamento do INE da última década. Ou seja, o volume de exportações é superior ao volume das importações. No entanto, **Portugal apresenta um déficit crónico de oferta interna com base na sua produção**, como também se constata naqueles Balanços de Aprovisionamento.

Verifica-se assim que **Portugal diverge dos grandes produtores europeus, os quais apresentam tipicamente superavit de vinho** com base na produção interna (Tabela 7). De notar que em 2021 teve lugar uma forte e excecional quebra de produção em França (-19.3%) e em Espanha (-13.4%), devido a razões climatéricas excecionais, tendo sido recuperado o superavit em França em 2022.

Tabela 7 – Produção Interna – Superávit e Déficit nos principais produtores europeus em 2021

	Portugal	Espanha	França	Itália
Consumo Interno	6 022	10 350	25 202	24 200
Exportação	3 288	23 629	14 628	22 042
Procura Total	9 310	33 979	39 830	46 242
Produção (oferta interna)	7 359	35 471	37 643	50 232
Superavit (+)/ Déficit (-)	-1951	1 492	-2 187	3 990
	-21%	4%	-5%	9%
IMPORTAÇÃO	2 971	677	5 903	3 108

Fonte: Equipa, com dados OIV e IVV

Para reverter este gap de oferta da produção nacional existem, na nossa opinião, três possibilidades. O aumento substancial da produtividade média da vinha, o aumento considerável da área de vinha cultivada ou uma mistura de ambas.

O aumento substancial da produtividade da vinha parece extremamente difícil de conseguir, especialmente num prazo curto, já que demorou quase 20 anos a passar de 27 hl/ha para 38 hl/ha. Este é um processo que se afigurará difícil em várias regiões vitivinícolas do país, especialmente no norte, devido à geografia e ao minifúndio preponderante que dificulta economias de escala na produção. Por outro lado, a produção de vinhos certificados, em especial DOP, implica limitações legais de produtividade na vinha.

Assim, **o aumento considerável de área de vinha** afigura-se-nos como **a forma mais viável de aumentar a produção interna de vinho**. Através de alguns cálculos simples, identifica-se que para produzir os 1,95 milhões de hl de vinho em que Portugal se mostrou deficitário em 2021, seriam necessários 51 342 ha de vinha adicional, assumindo a produtividade média record de 38 hl/ha que teve lugar em 2021. Estes 51 342 ha representariam um aumento da área de vinha nacional em cerca de 26%. **Dado que as regras comunitárias, neste momento, só permitem um crescimento de área de vinha de 1% ao ano, seriam necessários cerca de 24 anos¹⁵ para se conseguir atingir o déficit nulo de oferta interna** (mantendo-se todas as outras variáveis inalteradas).

Na prática, este simples exercício académico pretende mostrar que **se existir interesse em aproveitar a oportunidade de fornecer o mercado interno pela produção nacional, substituindo importações**, e também aumentar a quantidade de vinho de qualidade disponível para exportação, **a solução passará por traçar metas de crescimento da área de vinha mais ambiciosas** do que o atualmente permitido, através de justificadas derrogações das normas europeias em vigor, já que esta é uma situação peculiar entre os grandes produtores europeus.

¹⁵ A área de Vinha ao fim de 24 anos, com crescimento médio anual de 1% seria de 246 618 ($194\,228 \times (1+1\%)^{24}$)

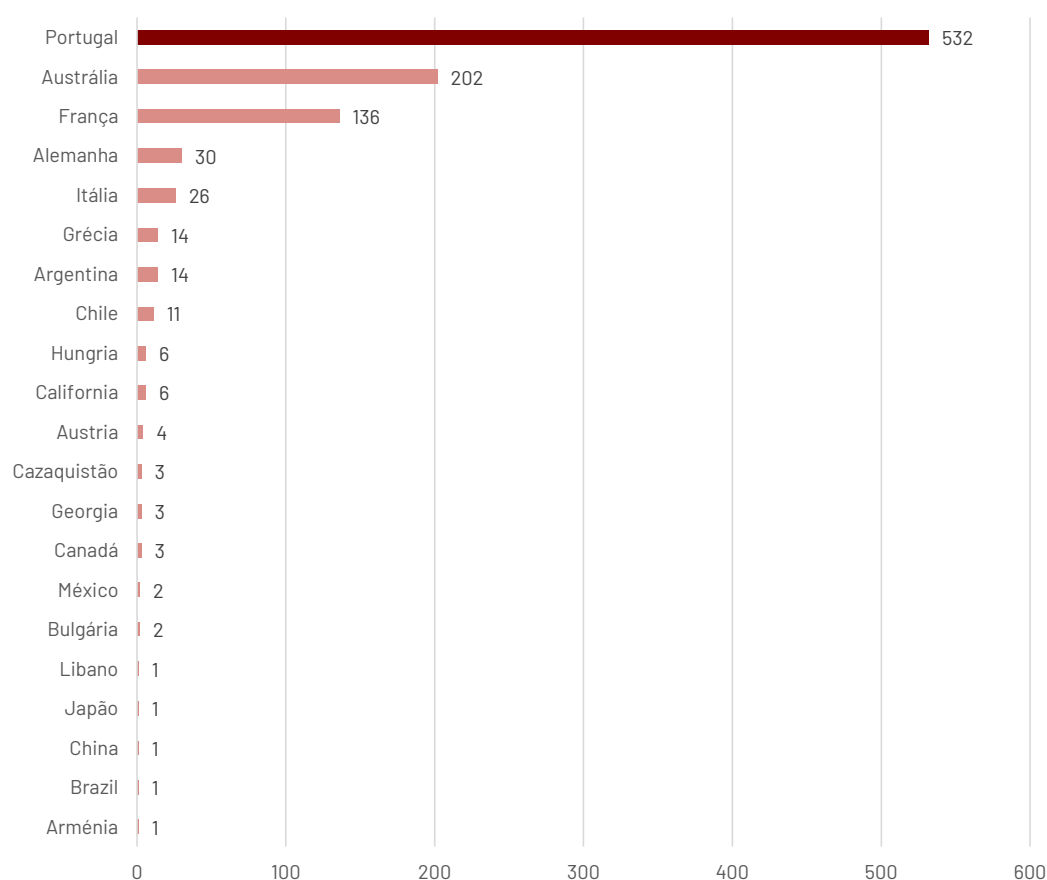
Simultaneamente, será importante apostar-se em medidas que permitam continuar a trajetória de aumento da produtividade média, sempre enquadradas no referencial da sustentabilidade. São exemplos:

- continuar o apoio à reestruturação da vinha aproveitando os fundos europeus para o efeito;
- fomentar o aumento da dimensão média das explorações com vinha (e.g. através da consolidação de explorações pequenas ou licenciamento de novas vinhas com maiores áreas);
- continuar o investimento em mecanização, tecnologia e formação;
- continuar o apoio à investigação e desenvolvimento na viticultura com vista a um aumento de produtividade sustentável, aproveitando fundos comunitários disponíveis.

Vinhas Velhas

Portugal é o país do globo onde se pode encontrar o maior número de vinhas velhas, segundo a lista oficial “The Jancis Robinson Old Vines Register”. Este projeto, patrocinado pela página web de Jancis Robinson, autora de vinhos e autoridade mundial no setor, indica que Portugal já registou oficialmente cerca de 530 Parcelas Individualizadas de Vinhas Velhas, o maior número de Vinhas Velhas daquela lista. Mais de metade têm uma idade superior a 90 anos. A uma distância considerável encontramos a Austrália e França (Figura 24).

Figura 24 – Número de Vinhas Velhas registadas por país Produtor em 2022



Fonte: The Jancis Robinson Old Vines Register 2022 (www.jancisrobinson.com)

Ainda que aquele seja um projeto em progresso, mostra claramente a **potencial vantagem competitiva de Portugal no segmento do Vinho de Vinhas Velhas**, o qual poderá trazer um enorme valor acrescentado para o Setor e para o País se devidamente aproveitado e alavancado. De facto, neste momento, em termos internacionais, reconhece-se grande valor económico diferenciador aos vinhos de vinhas velhas. E, a Portugal, neste âmbito, reconhece-se a preservação de variedades nativas únicas, muitas das quais já não são correntemente utilizadas, mas que produzem vinhos únicos e de qualidade excecional¹⁶. Assim, o elevado potencial das Vinhas Velhas de Portugal revela-se não só pelo elevado valor acrescentado reconhecido aos vinhos em si mas também pelo potencial enoturístico que este segmento pode trazer ao País ao atrair um turismo conhecedor e de elevado poder aquisitivo.

Observatórios do Vinho

Dada a importância do setor do Vinho para os países produtores europeus, onde se inclui Portugal, os mais importantes produtores europeus criaram observatórios nacionais do Vinho, sendo o Observatório Espanhol considerado o de referência nesta área.

O objetivo principal destes observatórios é gerar e disponibilizar, de forma tempestiva, informação para os agentes económicos tomarem decisões de gestão, as associações saberem como melhor apoiar e defenderem os interesses dos associados, o Estado como estrategicamente apoiar o setor e melhor defender os interesses nacionais.

Dado o grande pendor exportador deste setor, os dados relativos aos vários vetores da exportação são dos mais importantes divulgados por estas entidades. A informação estatística é apresentada de uma forma moderna, com fácil seleção, correlação e visualização gráfica.

Os Observatórios fornecem tipicamente dados históricos e dados de conjuntura, trimestrais, ou mesmo mensais, para algumas variáveis, nomeadamente, as mais críticas: dados das exportações e importações, mercado interno ao nível da variação e caracterização da procura, comparação entre satisfação da procura por importações ou por produção nacional, entre outras.

O observatório espanhol fornece ainda um conjunto de peças de informação importantes para a tomada de decisão dos agentes económicos associados ao setor do vinho: Tendências, Alertas, Flash Informativos, Estudos, Artigos de Referência e Entrevistas, Publicações.

No observatório espanhol, a informação mais relevante é paga. No observatório italiano, toda a informação é paga. No Observatório Francês a informação é mais limitada e fornecida pelo Ministério da Agricultura (FranceAgriMer) e não é paga. Outros exemplos existem como o Wineintelligence, mais virado para as variáveis do mercado de consumo, em que os valores de subscrição são bastante elevados.

Em Portugal vários agentes económicos do setor salientam a importância de um Observatório Nacional do Vinho. Para além das funções apontadas acima, reforçam a possível função de disponibilizar dados sobre preços e margens ao longo da Cadeia de Valor do Vinho em Portugal [11].

¹⁶ <https://www.jancisrobinson.com/articles/old-vines-1>

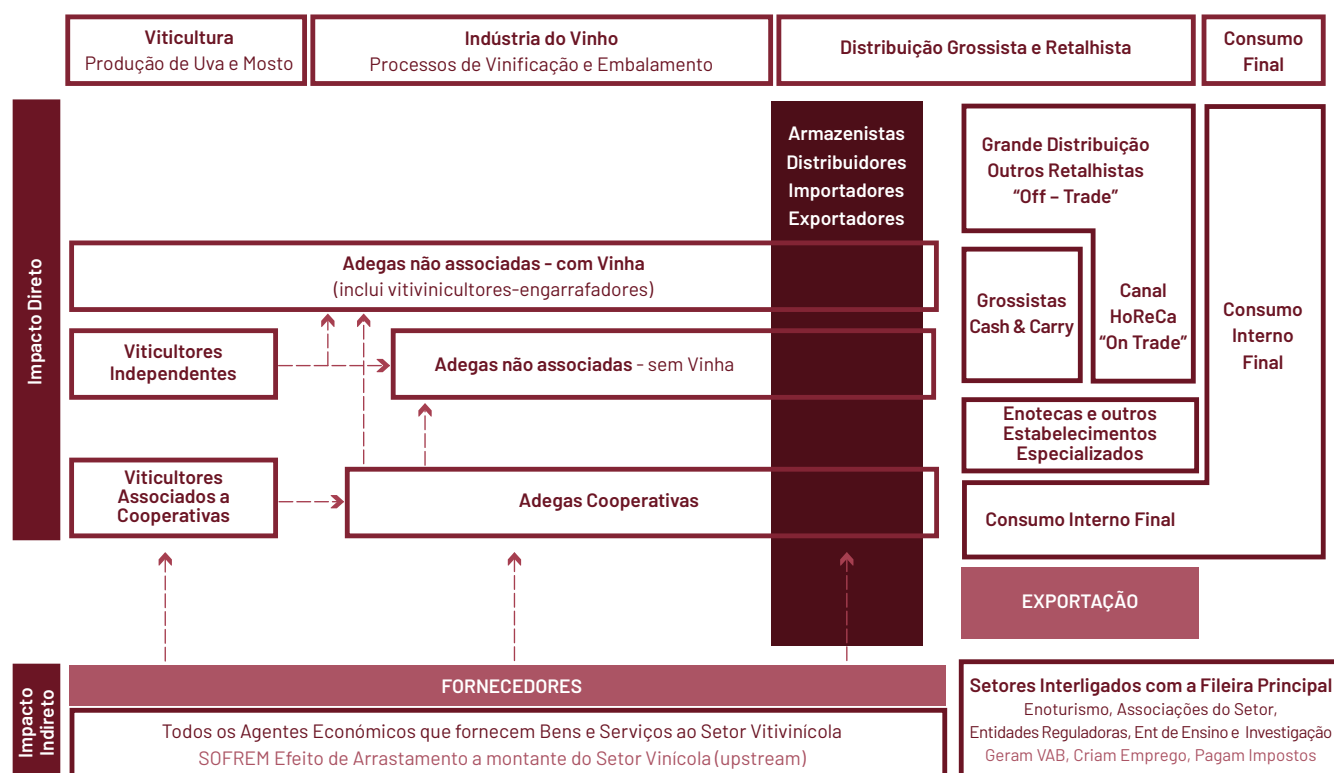
3. A CADEIA DE VALOR DO SETOR DO VINHO

3.1. Caracterização

A Fileira do Vinho (Figura 25) é um dos pilares importantes da economia portuguesa, como demonstraremos neste estudo. A produção, importação, exportação, distribuição, venda a retalho e consumo de vinho beneficia um alargado número de setores da economia portuguesa, cujas unidades económicas se encontram espalhadas por todo o País, na sua maior parte bastante longe das unidades vitivinícolas.

Neste estudo considerámos a **Fileira do Vinho** em Portugal e a sua **Cadeia de Valor**, constituída por três segmentos principais: a **Viticultura**, a **Produção do Vinho** e a **Distribuição e Comercialização do mesmo**.

Figura 25 – Cadeia de Valor do Setor do Vinho em Portugal



Fonte: Equipa, com informação do IVV e GEE

Viticultura: A Viticultura consiste no conjunto de tarefas associadas à plantação, reestruturação e manutenção da vinha e, finalmente, à colheita da uva, com a transformação desta em mosto ou não. Estes processos têm lugar em Explorações Vitícolas um pouco por todo o país. Esta atividade está incluída na Conta da Agricultura do INE, na secção das Culturas Permanentes e é uma atividade com muito peso no setor agrícola nacional.

Produção Vinícola: Esta inclui todos os processos de vinificação necessários à obtenção do produto final, que será embalado nas suas várias formas, maioritariamente engarrafado, mas também a granel. Esta atividade está oficialmente associada à Indústria do Vinho, um dos segmentos da Indústria das Bebidas e por sua vez da Indústria Transformadora, onde o seu peso é também muito elevado como veremos.

Distribuição e Comercialização: O último segmento compreende a distribuição grossista (com ênfase na atividade de exportação e importação) e a distribuição retalhista com duas componentes principais: o Canal HoReCa¹⁷ (on-trade) e o retalho off-trade (grande distribuição, venda direta, pequenos retalhistas, e outras formas de venda de vinho off-line e on-line).

A Fileira do Vinho ainda conta com outras atividades que direta ou acessoriamente lhe estão associadas e que também geram valor acrescentado, emprego e receita para os cofres do Estado:

- A atividade do enoturismo e as atividades de lazer e bem-estar associadas ao vinho com forte desenvolvimento na última década
- As entidades reguladoras e equiparados (IVV, CVR's, IVDP, etc)
- As entidades associativas de promoção e defesa do setor (Viniportugal, ACIBEV, ANCEVE, FENAVI, FEVIPOR, FENADEGAS, ANDOVI, entre outras).
- Os agentes de ensino: Portugal conta com um número elevado de licenciaturas, mestrados e pós-graduações em viticultura, enologia, marketing de vinhos e enoturismo.
- Os agentes de Investigação e Desenvolvimento: Portugal, desenvolve também investigação considerável nesta área, captando fundos comunitário para o efeito.

Para que as atividades diretas aqui referidas possam ter lugar, torna-se necessário todo um conjunto de **fornecimentos de bens e serviços externos**, tanto nacionais como importados, sem os quais o setor não poderia funcionar. Exemplos importantes são as vasilhas de carvalho (barricas, toneis, balseiros, etc.), os depósitos metálicos de fermentação e armazenagem (em aço inox), os equipamentos de adega (esmagadores/desengaçadores, prensas, bombas, filtros, etc.), as garrafas de vidro, as rolhas de cortiça, as embalagens de cartão, material de paletes, material de rotulagem, design e artes gráficas, material de ponto de venda, entre outros produtos e serviços mais genéricos, **maioritariamente produzidos em Portugal**.

Estes Setores “fornecedores” sofrem um forte efeito de arrastamento pela Fileira do Vinho a qual, ao adquirir bens e serviços àqueles, provoca-lhes um forte impacto indireto na atividade económica: produção, VAB, emprego, remunerações pagas e receita para o Estado. Mas não só. Sendo Portugal um forte exportador de vinho (quase 50% da Produção) e na sua maioria vinho engarrafado, **o Setor do Vinho funciona também como um “veículo de exportação” para muitos destes setores fornecedores**. A título de exemplo, citamos as rolhas de cortiça das garrafas de vinho.

¹⁷ HORECA: Hotéis, Restaurantes e Cafés (e outros agentes equiparados os quais vendem bebidas ao consumidor final)

3.2. Estrutura e Dimensão do Setor

Viticultura

A viticultura enquanto atividade enquadrável no setor agrícola nacional, desenvolve-se através de **Agricultores não coletados, Empresários Agrícolas Individuais e Sociedades Agrícolas**. As Sociedades Agrícolas com CAE principal 0121, tipicamente, também são agentes económicos produtores de vinho bem como de outras atividades neste setor. As duas primeiras formas assentam maioritariamente na Agricultura Familiar, a qual tem uma importância determinante em grande parte do território nacional, em especial no interior, e representa mais de 90% das Explorações Agrícolas existentes no país¹⁸. As atividades por elas desenvolvidas assumem relevância na produção, no emprego, na biodiversidade e na preservação do ambiente através, nomeadamente, do incentivo à produção e ao consumo locais, com redução de perdas e desperdícios alimentares, garantindo também uma presença nos territórios do interior, com fundamental importância na prevenção e combate aos fogos. O reconhecimento dessa importância teve lugar com a aprovação do Estatuto da Agricultura Familiar em 2018¹⁹.

A Tabela 8 mostra a realidade acima descrita para o setor vitícola. Das 26 113 empresas com CAE principal 0121 (Viticultura) que em 2021 declararam contas ao INE, 95% são Empresas Individuais (ENI).

Tabela 8 – Variáveis económicas mais relevantes das Empresas registadas no CAE 0121 (Viticultura)

Forma Jurídica	Nº Empresas		Pessoal ao serviço	Pessoal remunerado		Pessoal Não remunerado		Remunerações	Remuneração média anual	Volume de Negócios	Produção	VAB	VAB / Produção
Sociedades	1 416	5,4%	5 053	4 537	90%	516	2%	€ 53 486 090	€ 11 789	€ 312 088 645	€ 296 375 595	€ 104 864 637	35,4%
ENI	24 697	94,6%	25 609	828	3%	24 781	98%	€ 7 115 966	€ 8 597	€ 207 595 020	€ 211 103 687	€ 76 910 140	36,4%
Total	26 113	100%	30 662	5 365	16%	25 297	100%	€ 60 602 056	€ 11 297	€ 519 683 665	€ 507 479 282	€ 181 774 777	35,8%

Fonte: INE, Sistema de Contas Integradas das Empresas, 2021

Estas empresas declararam 25 609 trabalhadores ao seu serviço. No entanto, só 3% desses trabalhadores são remunerados. Os restantes 97% são não remunerados, sem expressão nos gastos com pessoal declarado dessas entidades. Quanto aos assalariados, a remuneração média mensal (14 meses) é de 842€ nas sociedades e de 614€ nos ENI, valores pouco acima do salário mínimo nacional (RMMG).

Assume-se assim que a maioria dos postos de trabalho declarados pelos Empresários Vitícolas são o próprio titular da exploração vitícola familiar já que o nº de empresas individuais e o nº de postos de trabalho nelas declarados sem remuneração, são basicamente coincidentes.

O trabalho agrícola realizado neste contexto inclui também membros do agregado familiar, em especial o cônjuge e em pequena escala trabalhadores temporários. Mas esse trabalho e a consequente remuneração não é contabilizada. Uma parte importante dos pequenos agricultores têm outras fontes de rendimento, como sejam pensões de reforma, outros trabalhos em *part time*, consumo de produtos agrícolas da sua produção e outras colheitas produzidas na mesma exploração.

Para além destes Empresários Vitícolas, registados na categoria B do IRS com Contabilidade Organizada, estão coletados no regime simplificado (ou mesmo não estão coletados), um elevado número de pequenos produtores de uva independentes. (ver Apêndice –Metodologia, Vinicultura).

¹⁸ INE, Recenseamento Agrícola do Continente 2019

¹⁹ Decreto-Lei 64/2018 de 7 de agosto

Note-se ainda que, de acordo com dados de declaração obrigatória recolhidos pelo IVV, em 2021 estavam registados 587 743 viticultores (exploradores de parcelas de vinha) por todo o país. Assim, mesmo não sendo possível contabilizar todas as pessoas envolvidas nos processos associados à viticultura em Portugal, ao longo do ano, por falta de dados, sejam, assalariados e não assalariados, elementos de agricultura familiar coletados e não coletados e suas famílias, com trabalho sazonal ou a tempo inteiro, **podemos antever algumas centenas de milhar de pessoas envolvidas nos processos vitícolas ao longo do ano um pouco por todo o país.**

Produção do Vinho

Qualquer atividade económica exercida no setor vitivinícola obriga a uma inscrição no IVV²⁰, no IVDP²¹ ou nas entidades reguladoras das regiões autónomas bem como à comunicação regular de informação detalhada da atividade²². A Tabela 9 apresenta as atividades controladas pelo IVV²³, bem como as compatibilidades e incompatibilidades entre as mesmas.

Tabela 9 – Atividades Económicas do Setor Vitivinícola sujeitas a Inscrição no IVV

AGENTES ECONÓMICOS Autorizados a Vinificar	Armazenista	Destilador	Engarrafador	Exportador ou Importador	Fabricante de Vinagre de Vinho	Negociante sem Estabelecimento	Preparador	Produtor	Vitivinicultor	Vitivinicultor- engarrafador
Armazenista	C	C	C	C	C	I	C	C	I	I
Destilador	C	C	C	C	C	I	C	C	PP	PP
Engarrafador	C	C	C	C	C	I	C	C	C	I
Exportador ou Importador	C	C	C	C	C	C	C	C	C	C
Fabricante de Vinagre de Vinho	C	C	C	C	C	I	C	C	PP	PP
Negociante sm Estabelecimento	I	I	I	C	I	C	I	I	I	I
Preparador	C	C	C	C	C	I	C	C	PP	PP
Produtor	C	C	C	C	C	I	C	C	I	I
Vitivinicultor	I	PP	C	C	PP	I	PP	I	C	I
Vitivinicultor-engarrafador	I	PP	I	C	PP	I	PP	I	I	C

Fonte: IVV, 2022

Uma das **fontes** de informação **mais importantes neste setor** é a **Declaração de Colheita e Produção**, gerida pelo IVV a qual recolhe dados dos agentes económicos, anualmente, durante os meses de outubro e de novembro para a campanha entre 1 de Agosto desse ano e 31 de Julho do ano seguinte. A informação que se segue tem como referência a Declaração de Colheita e Produção (DCP) da campanha 2021/2022 e dados adicionais fornecidos pelo IVV.

O número total de Agentes Económicos registados em 2021 para exercer atividade no setor vitivinícola ascendeu a 13 332. Trata-se aqui de todas as atividades sujeitas a registo, para além da produção de uva e de vinho propriamente dito, como sejam, a armazenagem, o comércio grossista, a exportação e importação (Tabela 9). Daquele total, **estão autorizados a produzir uva para vinho e a sua vinificação 10 213 Agentes Económicos**, como mostra a Tabela 10. De notar o **elevado número de vitivinicultores independentes**, só autorizados a produzir vinho com uvas próprias (7027) representando cerca de 70% do total daquelas entidades.

²⁰ Recebe e integra informação do IVDP e dos reguladores insulares.

²¹ IVDP - Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto, I. P

²² Excluem-se os retalhistas e os produtores e vitivinicultores com produção inferior a 40 hl por ano para auto-consumo.

²³ Nos casos especiais do Douro e da Madeira a informação é recolhida pelos Institutos locais e depois enviada para o IVV

Tabela 10 – Agentes Económicos autorizados a produzir Uva e a Vinificar

AGENTES ECONÓMICOS	Número	%	PRODUÇÃO AUTORIZADA
Autorizados a Vinificar			
Vitivinicultores Independentes	7 027	68,7%	UVA PRÓPRIA
Vitivinicultores (4743)			UVA PRÓPRIA
Vitivinicultores-engarrafadores (2284)			UVA PRÓPRIA
Produtores (Cooperativas)	72	0,7%	UVA PRÓPRIA E UVA COMPRADA
Produtores (Não Associados)	3 114	31%	UVA PRÓPRIA E UVA COMPRADA
TOTAL	10 213	100%	

Fonte: Cálculos da Equipa, Fonte dos Dados: IVV, DCP 2021

Os agentes autorizados a vinificar também, em muitos casos, exercem outras atividades para as quais estão registados, como engarrafamento, preparação, armazenagem e comércio por grosso, incluindo importação e exportação. Muitos também vendem diretamente ao consumidor final. As incompatibilidades estão identificadas na Tabela 8.

Neste ano de 2021, a produção de uva para vinho em Portugal atingiu as 977 664 toneladas. Essa produção foi efetuada por viticultores associados em cooperativas, por viticultores independentes não associados e por produtores com vinhas próprias (Figura 24). Aquela uva deu origem a uma Produção Total de Vinho de 7 358 539 hl, tendo sido declarada cerca de 25% por uva própria e 75% por uva comprada (Tabela 11).

Tabela 11 – Produção de Vinho em Portugal em 2021, por origem da produção

TIPO DE PRODUÇÃO	VINHO PRODUZIDO	PESO
Com UVA PRÓPRIA	1822358 hl	24,8%
Com UVA COMPRADA	5536181 hl	75,2%
TOTAL	7358539 hl	100%

Fonte: Cálculos da equipa, Fonte dos Dados IVV, DCP2021

Verifica-se assim que a maior parte da produção de uva para vinho, em especial dos pequenos produtores é vendida e entregue, ou a cooperativas ou a produtores não associados (Tabela 9). Segundo dados adicionais do IVV, calculou-se que as cooperativas receberam em 2021 cerca de 47% da uva comprada e os produtores não associados cerca de 53%.

Instalações Vínicas

Em 2021, foram declaradas um total de 12 547 Instalações Vínicas ativas, para acomodar as várias atividades associadas à produção de vinho, o seu armazenamento, distribuição e exportação / importação, das quais 8680 são Instalações Vínicas independentes associadas diretamente à atividade de vinificação (Tabela 12).

Assim, para efeitos deste estudo, consideramos que **8680 é o número total de adegas**²⁴ independentes, oficialmente registadas em Portugal em 2021.

De notar que a mesma entidade pode deter mais do que uma Instalação Vínica e nem todos os Agentes Económicos acima identificados possuem Instalações para Vinificação oficialmente declarada, podendo contratar a utilização de “adegas” de outros Agentes Económicos.

Tabela 12 - Instalações Vínicas ativas em Portugal em 2021

CATEGORIA DE INSTALAÇÃO VÍNICA	NÚMERO
Autorizada a vinificar	8680
Autorizadas exclusivamente a outras atividades	3687
TOTAL	12547

Fonte: IVV, DCP 2021

Tecido Empresarial

O vinho é um dos produtos chave da Agroindústria Portuguesa e deve ser visto na ótica de fileira, como resultante de atividades associadas à Agricultura e atividades associadas à Indústria Transformadora. As entidades que oficialmente produzem vinho registam-se principalmente no CAE 1102 (Indústria do Vinho) mas também no CAE 0121 (Viticultura), (Tabela 13).

Tabela 13 - Tecido Empresarial da Produção Vinícola

	CAE 11020			CAE 01210		
	Ano 2021			Ano 2021		
	Total	Empresa Individual	Sociedade	Total	Empresa Individual	Sociedade
Nº de Empresas	1 393	424	969	26 113	24 697	1 416
Pessoal ao Serviço em 31/12	11 116			30 662	25 609	5 503
Valor da Produção (€)	1 981 868 482	14 782 083	1 919 259 282	507 479 282	211 103 687	296 375 595

Fonte: Sistema de Contas Integradas das Empresas, 2021 INE

²⁴ Equivalente ao conceito de “Winery” utilizado usualmente nos estudos internacionais.

Como resultado de uma amostragem significativa de sociedades registadas no CAE 0121 Viticultura²⁵ e após pesquisa das atividades por estas efetuadas, verificámos que essas sociedades apresentavam fundamentalmente as mesmas atividades das empresas registadas no CAE 1102.

Acontece que no CAE 0121, para além das Sociedades, encontra-se incluído um número muito elevado de Empresários em Nome Individual, os quais revelam características de Viticultores e por isso consideramos que são parte da Viticultura. (ver informação detalhada no Apêndice – Metodologia – Variáveis de Impacto direto – Produção de Vinho)

Assim, assumimos que na produção do vinho em Portugal, em 2021, participaram 1393 entidades²⁶ registadas na Indústria do Vinho (CAE 1102), a qual inclui as 72 Cooperativas em operação e 1426 Sociedades registadas no CAE 0121 (Viticultura). Ao todo são 2819 entidades incluídas na Produção do Vinho em Portugal.

A Tabela 14 apresenta as classes de dimensão das Entidades Produtoras do Vinho em Portugal, com base nos dados obtidos na Base de dados da ORBIS²⁷. É notável que as 5 maiores entidades concentram quase 20% do volume de negócios—aproximadamente o mesmo que as 2600 microempresas. No entanto verifica-se que **este é um setor predominantemente caracterizado pelas pequenas e médias entidades que acumulam cerca de 60% do Volume de Negócios**.

Tabela 14 – Classes de dimensão das Empresas do Setor do Vinho em Portugal

CAE 1102 + 0121	Universo, na BD da ORBIS		
	nº empresas	peso no nº empresas	peso no VN
grande > 50M€ VN	5	0,2%	19,5%
média < 50M€ VN	42	1,5%	33,6%
pequena < 10M€ VN	83	3,0%	26,2%
micro < 2M€ VN	2600	95,2%	20,8%
totais orbis cae 1102+0121	2730	100,0%	100,0%

Fonte: ORBIS para os NACE²⁸ 1102 e 0121

A Produção Informal

Para além das explorações vitivinícolas registadas oficialmente e que temos vindo a analisar, temos cultura de vinha em pequenas parcelas e produção privada de vinho, espalhadas um pouco por todo o território nacional mantendo uma tradição milenar. **Esta produção informal**, destinada a autoconsumo e venda informal, fortemente enraizada no país e com forte cariz cultural, não tem forma de ser contabilizada neste estudo, mas, tal como a produção oficial, **necessita de um conjunto de fornecimentos e serviços que avolumam a atividade económica oficial aqui identificada**.

²⁵ Amostra obtida da Base de Dados de Empresas da ORBIS para o NACE 0121.

²⁶ Sociedades, cooperativas e empresários em nome individual

²⁷ A base de dados da ORBIS só inclui Sociedades, pelo que o número de empresas difere ligeiramente do obtido do SCIE do INE.

²⁸ NACE, classificação oficial de atividades económicas utilizada pela União Europeia (semelhante à CAE).

4. IMPACTO ECONÓMICO DO SETOR DO VINHO EM PORTUGAL

4.1. Impactos Diretos na Agricultura, Indústria e Balança Comercial

Nesta secção, analisamos em primeiro lugar, o impacto direto da Viticultura na Produção Vegetal e na Produção Agrícola Nacional. Em seguida, analisamos o impacto que a Indústria do Vinho tem na Indústria das Bebidas e na Indústria Transformadora, bem como a sua contribuição para a Balança Comercial

O Vinho e a Agricultura

A produção vitícola tem um forte impacto no Setor Agrícola Nacional. De acordo com a 1ª estimativa do INE para o Rendimento da Atividade Agrícola em Portugal em 2021 (Tabela 15), a produção vitícola representou 17.1% da Produção Vegetal e 10.5% de toda a Produção Agrícola do País.

Tabela 15 – Peso da Produção Vitícola na Produção Vegetal e na Produção Agrícola em Portugal em 2021

Rendimento de Atividade Agrícola em 2021 - 1ª Estimativa				
Principais rubricas a preços de base				
Código New Crono	Rubricas	2021Pe 10 ⁶ euros	Peso Prod Vegetal	Peso Prod Agrícola
01000	Cereais	308,30	5,4%	3,3%
02000	Plantas industriais	78,45	1,4%	0,8%
03000	Plantas forrageiras	296,38	5,2%	3,2%
04000	Vegetais e Produtos horticolas	1576,35	27,6%	17,0%
05000	Batatas	114,41	2,0%	1,2%
06000	Frutos	2 205,74	38,6%	23,8%
07000	Vinho	974,51	17,1%	10,5%
08000	Azeite	88,74	1,6%	1,0%
09000	Outros produtos vegetais	69,72	1,2%	0,7%
10000	PRODUÇÃO VEGETAL (01+ 02+ ... + 09)	5 712,07	100,0%	
13000	PRODUÇÃO ANIMAL (11+ 12)	3 023,94		
15000	PRODUÇÃO DE SERVIÇOS AGRÍCOLAS	209,82		
17000	ATIVIDADES SECUNDÁRIAS (NÃO SEPARÁVEIS)	308,66		
18000	PRODUÇÃO DO RAMO AGRÍCOLA A PREÇOS DE BASE (10 + 13 + 15 + 17)	9 254,49		100,0%

Fonte: INE - Contas Económicas da Agricultura 2021, (NOV22)

Através do Sistema de Contas Integradas das Empresas podemos também ver esta realidade numa outra perspetiva, como nos mostra a Tabela 16. O subsetor da viticultura representa 10.6% do VAB, 17.4% do Pessoal ao serviço e 23.1% do nº de empresas do setor agrícola nacional.

De salientar que a **viticultura cria mais riqueza que a média do setor** já que enquanto representa 7.6% da Produção, o valor do VAB ascende a 10.6%

De realçar também que o Volume de Negócios do setor agrícola cresceu cerca de 70% nos últimos dez anos. A produção vitícola acompanhou esse crescimento e reforçou o seu peso relativo em cerca de 1,6%. (INE 2020).

Tabela 16 – Peso da Viticultura na Atividade Agrícola Nacional - Perspetiva empresarial

Atividade Económica 2021	Nº Empresas	Nº Pessoal ao serviço	Gastos com o pessoal (€)	Remunerações (€)	Volume de negócios (€)	Produção (VBP) (€)	VAB (€)
Setor Agrícola	113270	176269	994 235 751 €	761 550 950 €	7 004 460 694 €	6 657 154 088 €	1 712 021 554 €
Viticultura	26113	30662	82 557 616 €	60 602 056 €	519 683 665 €	507 479 282 €	181 774 777 €
Peso da Viticultura	23,1%	17,4%	8,3%	8,0%	7,4%	7,6%	10,6%

Fonte: INE – Sistema de Contas Integrado das Empresas (acesso NOV22)

O Vinho e a Indústria

Impacto na Produção Industrial

O Inquérito Anual à Produção Industrial do INE inclui na Indústria do Vinho, todas as empresas que entregam a IES e têm o CAE 1102 (Indústria do Vinho) como principal. Não inclui os dados das empresas que estão registadas com CAE principal 0121 – Viticultura e que também produzem vinho em quantidade considerável. Não obstante, a Indústria do Vinho foi o 6º maior Setor Industrial do País em Volume de Negócios em 2021 e 2020 (Tabela 17) e têm-se mantido consistentemente nos 8 lugares cimeiros nos últimos 6 anos (INE 2022).

Este setor demonstrou uma forte resiliência à pandemia em 2020, com uma queda singela a rondar os 1.1%. Apresentou depois uma forte recuperação em 2021, tendo crescido 6.1%, para um valor record que representa diretamente 1.9% da produção Industrial em Portugal.

Tabela 17 – Ranking da Produção Industrial em Portugal - 2021

Produtos Vendidos da Indústria por tipo de Produto (Por CAE Rev.3); Anual, (PT)			
Período de Referência dos dados - 2021			
RANKING	INDÚSTRIA	VALOR (€)	%
1	Fabricação de produtos petrolíferos refinados e de aglomerados de combustíveis	6 753 680 208	7,4%
2	Fabricação de outros componentes e acessórios para veículos automóveis	5 003 773 910	5,5%
3	Produção de electricidade	4 325 390 544	4,8%
4	Fabricação de veículos automóveis	3 962 871 148	4,4%
5	Siderurgia e fabricação de ferro-ligas	1 736 479 568	1,9%
6	Indústria do vinho	1 696 498 234	1,9%
7	Indústria da cortiça	1 641 697 602	1,8%
8	Fabricação de chapas, folhas, tubos e perfis de plástico	1 598 041 705	1,8%
9	Fabricação de calçado	1 579 127 136	1,7%
10	Fabricação de matérias plásticas sob formas primárias	1 518 437 118	1,7%
11	Fabricação de papel e de cartão (excepto canelado)	1 477 569 324	1,6%
12	Fabricação de alimentos para animais de criação	1 348 564 401	1,5%
13	Indústrias do leite e derivados	1 346 751 019	1,5%
	Os Outros 260	56 799 184 635	62,6%
	TOTAL DA INDÚSTRIA	90 788 066 552	100,0%

Fonte: Inquérito Anual à Produção Industrial do INE 2021 (INE, 2022)

Impacto na Indústria das Bebidas

A Indústria do Vinho é a primeira Indústria do Setor das Bebidas, com mais de 55% do Volume de Negócios (Tabela 18).

Tabela 18 – Volume de negócios da Indústria das Bebidas em Portugal – 2021

Produtos Vendidos da Indústria por tipo de Produto (Por CAE Rev.3); Annual, (PT)			
Período de Referência dos dados – 2021			
RANKING	INDÚSTRIA	VALOR (€)	%
1	Indústria do vinho	1 696 498 234	55%
2	Fabricação de cerveja	615 198 303	20%
3	Fabricação de refrigerantes e de outras bebidas não alcoólicas, n.e.	365 629 946	12%
4	Engarrafamento de águas minerais naturais e de nascente	250 094 056	8%
5	Fabricação de bebidas alcoólicas destiladas	78 375 868	3%
6	Fabricação de cidra e outras bebidas fermentadas de frutos	30 015 478	1%
7	Fabricação de malte	21 851 419	1%
8	Fabricação de vermouths e de outras bebidas fermentadas não destiladas	48 460	0%
	TOTAL DA INDÚSTRIA DAS BEBIDAS	3 057 711 764	100%

Fonte : Inquérito Anual à Produção Industrial do INE 2021 (INE, 2022)

A indústria do Vinho é também responsável por 64,5% do Emprego e 52,3% do VAB da Indústria das Bebidas (Tabela 19).

Tabela 19 – Peso da Indústria do Vinho no Setor das Bebidas em Portugal

Atividade Económica 2021	Nº Empresas	Nº Pessoal ao serviço	Gastos com o pessoal (€)	Remunerações (€)	Volume de negócios (€)	Produção (VBP) (€)	VAB (€)
Indústria das Bebidas	1 977	17 349	419 757 201 €	761 550 950 €	3 576 687 332 €	3 403 615 661 €	940 952 646 €
Indústria do Vinho	1 393	11 197	82 557 616 €	237 414 048 €	1 934 041 701 €	1 859 351 824 €	492 162 614 €
Peso da Ind. do Vinho	70,5%	64,5%	19,7%	31,2%	54,1%	54,6%	52,3%

Fonte: INE – Sistema de Contas Integrado das Empresas (acesso NOV22)

É **importante notar** que os valores da Produção Industrial (Tabelas 17 e 18), obtidos através do Inquérito Anual à Produção Industrial do INE 2021, diferem, para menos, dos valores apresentados pelo INE com base no Sistema de Contas Integradas das Empresas (SCIE), o qual tem origem na IES. A informação do primeiro quadro é a custo de fatores e é mais importante para comparar setores e para se obter índices de produção industrial²⁹. No segundo quadro, a informação obtida a partir do SCIE, abrange mais entidades e é a que utilizamos neste estudo para valorizar variáveis estatísticas diretas, já que é aferida a preços no produtor.

²⁹ O objetivo deste inquérito é a obtenção da informação de base para a construção do Índice de produção Industrial. Os resultados deste inquérito permitem aferir as variações do volume da produção, em intervalos curtos e regulares, disponibilizando uma medida da tendência do valor acrescentado a custo de fatores, ao longo de um dado período de referência (INE 2022).

O Vinho e a Balança Comercial

Portugal é um país com um forte pendor exportador no setor do Vinho, tendo exportado em 2021 54% de toda a sua produção (calculada utilizando a metodologia do INE, conforme exposto na Tabela 17). Nos últimos 3 anos, o Vinho representou em média 73,3% do valor das exportações da Indústria das Bebidas e 1,4% de todas as Exportações nacionais de Bens (Tabela 20).

Tabela 20 – Peso do Vinho nas Exportações de Bebidas e nas Exportações Totais de Bens

Exportações de Bens - Todo o Mundo - NC8 - ANUAL				
	Total	Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres	Cervejas de malte	Vinhos de uvas frescas
2022	78 326 133 102 €	1 363 788 627 €	151 762 039 €	941 513 058 €
	100,0%	1,7%	0,2%	1,2%
		100,0%	11,1%	69,0%
2021	63 618 525 288 €	1 294 857 501 €	130 761 130 €	927 437 151 €
	100,0%	2,0%	0,2%	1,5%
		100,0%	10,1%	71,6%
2020	53 757 392 564 €	1 167 695 485 €	134 679 132 €	856 189 676 €
	100,0%	2,2%	0,3%	1,6%
		100,0%	11,5%	73,3%
média	100,0%	2,0%	0,2%	1,4%
2022 - 2020		100,0%	10,9%	73,3%

Fonte: INE 2022, estatísticas do comércio internacional de bens (* estimativa)

O saldo da Balança Comercial do setor do Vinho aumentou 53% entre 2010 e 2021, situando-se em 2021 nos 758,3 M€, o maior saldo de sempre. A Tabela 21 mostra a diferença entre o valor das exportações e das importações em 2021 e a sua variação homóloga anual, onde se verifica um aumento de quase 10%.

Tabela 21 – Balança Comercial do Setor Vinícola em 2021 (em 1000€)

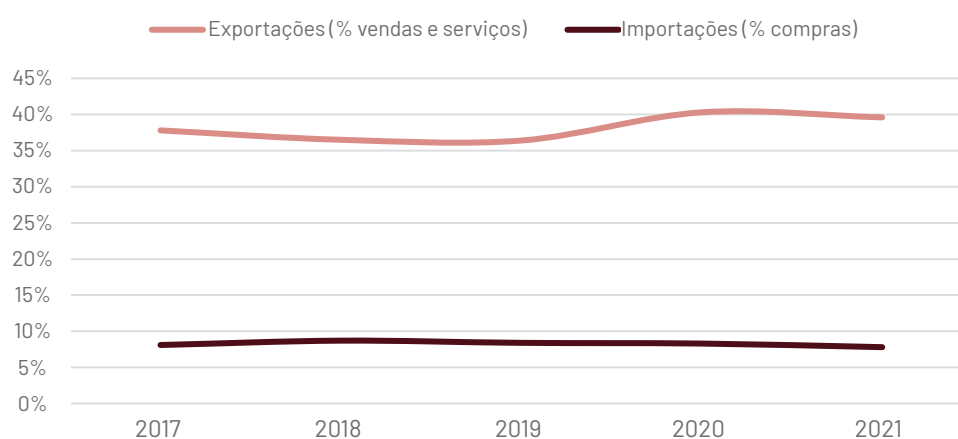
Intra + Extra UE	2021
Exportações(1)	925 953
TVH	 8,1%
Importações(2)	167 737
TVH	 0,9%
Saldo [(1)-(2)]	758 216
TVH	 9,9%

Fonte: IVV, com dados do INE; TVH (Taxa de Variação Homóloga)

A Indústria do Vinho contribuiu assim, em 2021, com um saldo positivo líquido de 760 M€ para um setor agroalimentar cronicamente deficitário na ordem de 3500M€, o valor médio dos últimos 20 anos (INE 2022). Os segmentos mais importantes do setor agroalimentar são a Agricultura, por um lado e as Indústrias Alimentares, bebidas e tabaco, por outro. Ambas são deficitárias e contribuem com a maior parte do déficit comercial acumulado do Agroalimentar. No entanto o **setor do vinho**, tanto na viticultura como na produção do vinho, **posiciona-se como o maior travão àquele déficit**, já que, com sucessivos superávits, impede fortemente que o déficit seja mais negativo neste setor.

Importa aqui analisar o peso das exportações no valor das Vendas e Prestações de Serviços das Empresas (neste caso somente para a Indústria do Vinho CAE 1102) bem como o peso médio das Importações nas Compras das Empresas e logo nos Consumos Intermedios (Figura 26).

Figura 26 – Peso do mercado externo nas vendas e compras da Indústria do Vinho



Fonte: ViniPortugal, com dados do BdP 2021

Verifica-se assim que o Peso das Exportações no total do Volume de Negócios é de cerca de 40% em 2020 e 2021, tendo crescido desde 2019.

Já o **peso das importações nas compras é bastante reduzido, na ordem dos 8%**, com tendência ligeiramente decrescente. Este facto é extremamente importante já que este setor apresenta **um valor elevado de consumos intermédios e os mesmos são na sua maioria de fornecedores nacionais**, criando desta forma uma forte dinâmica na nossa economia.

4.2. Impactos Diretos, Indiretos e Induzidos na Economia Portuguesa

Nesta secção passamos a analisar o impacto do Setor do Vinho na economia nacional. Em primeiro lugar apresentamos o impacto direto do Setor do Vinho, o qual é calculado, com base nos dados ao nível da firma para a Produção do Vinho e por métodos analíticos com base em dados da atividade agrícola do INE para a Viticultura³⁰. Em segundo lugar, apresentamos o impacto total do setor tendo em conta os efeitos indiretos e induzidos. Estes são calculados com base no inquérito feito às empresas do setor e na matriz de insumo-produto do INE. A caracterização do inquérito³¹ permite incluir o setor do Vinho na matriz de insumo-produto nacional, de forma que nos permite ter uma representação detalhada dos fluxos inter e intraindustriais, assim como os fluxos de pagamentos entre os vários agentes – Estado, consumidores e investidores.

³⁰ Ver Apêndice, – Anexo 0, para mais detalhes sobre como foram calculados os impactos diretos.

³¹ No Apêndice – Anexo I, descrevemos brevemente a amostra e a sua representatividade dentro do setor do Vinho.

Observando tais fluxos, é possível ter uma descrição numérica do impacto de um determinado setor na economia, levando em linha de conta os efeitos em cadeia a montante (*upstream*) e a jusante (*downstream*). Neste sentido, a **análise permite estimar**, não só o **impacto direto deste Setor** nos setores aos quais compra e vende, mas também **o seu impacto indireto e induzido**³².

Ou seja, se o Setor do Vinho diminuir o volume de compras a um determinado setor, este último irá necessariamente diminuir a sua produção e, conseqüentemente, as suas compras a outros setores da economia e assim sucessivamente. Estes efeitos em cadeia, quando somados, dão-nos os efeitos indiretos.

Por fim, toda a produção, diretamente e indiretamente, associada ao Setor do Vinho emprega trabalhadores, que, por sua vez, gastam parte do seu rendimento familiar em bens e serviços. O gasto em bens e serviços destes trabalhadores também aumenta a produção dos vários sectores da economia e é precisamente a estes efeitos adicionais na produção por via do gasto dos trabalhadores que são atribuídos os efeitos induzidos.

Impactos Diretos

Na Tabela 22 apresentamos o quadro-resumo das estimativas de impactos diretos do setor do Vinho. O impacto direto do vinho corresponde à soma do impacto direto da Viticultura e da Produção do Vinho.

Começando pela atividade económica, que mede a produção total na forma de bens e serviços, estimamos que o setor do Vinho, em termos diretos, gerou aproximadamente 3000 milhões de euros em 2021. Este total é o resultado da soma dos 725 milhões de euros gerados pela Viticultura com os 2278 milhões de euros da Produção de Vinho.

Salientamos que o valor direto, estimado, de atividade económica, aqui apresentado é baseado em dados do Sistema de Contas Integradas das Empresas do INE bem como da Conta Económica da Agricultura do INE para a Viticultura, como explicado no Apêndice – Metodologia. É este impacto direto que servirá de base à análise Input/Output nas atividades Base do Setor do Vinho.

Em seguida, **estimamos que o setor do Vinho gerou, em termos diretos, aproximadamente 861 milhões de euros em valor adicionado bruto.** O valor acrescentado bruto (VAB), ao contrário da atividade económica, evita a dupla contagem de fluxos económicos, pois filtra as compras de bens e serviços que são por sua vez utilizados na produção de outros bens e serviços. Por outras palavras, filtra as compras de bens intermédios. É o VAB que contribui para o PIB.

Por fim, estimamos que o Setor do Vinho gerou, diretamente, em torno de 43 000 postos de trabalho. Os postos de trabalho são medidos em Unidades de Trabalho Anual Equivalente (UTA - FTE em inglês). Devido à existência de trabalho a tempo parcial e sazonalidade, entre outros fatores, toda a literatura que analisa o peso no emprego de atividades económicas utiliza esta definição de emprego. Para fins de consistência e comparabilidade, o presente estudo usa esta definição de postos de trabalho. Não obstante, gostaríamos de destacar que, sendo o setor caracterizado por sazonalidade e por trabalho parcial, **o número de pessoas anualmente associadas à atividade do setor do Vinho é bastante superior ao aqui reportado.**

Tabela 22 – Impactos diretos das Atividades Base do Setor do Vinho em 2021

Variável	VITICULTURA	PRODUÇÃO DO VINHO	TOTAL
Postos de Trabalho	26,415	16,619	43,034
Atividade Económica (VBP)	725 392 424 €	2 278 244 077 €	3 003 636 501 €
Valor Acrescentado Bruto (VAB)	264 277 871 €	597 027 251 €	861 305 122 €
Rendimento das Famílias	259 253 684 €	238 107 859 €	497 361 543 €
Receitas Fiscais	23,613,096€	136 911 661 €	160 524 757 €
das quais			
Receita SS	17 421 848 €	82 212 006 €	99 633 853 €
Receita IRS	186,525€	23 858 407 €	24 044 932 €
Receita IRC	6 004 724 €	30,841,248€	36 845 972 €

Fonte: Cálculos da Equipa, dados: SCIE do INE; Conta Económica da Agricultura, INE e RICA 2020 do GPP

³² Ver Apêndice – Anexo 0, para detalhes técnicos sobre a metodologia utilizada para calcular os efeitos indiretos e induzidos.

Impactos Totais: Diretos, Indiretos e Induzidos

A aquisição de bens e serviços pelo Setor do Vinho aos seus fornecedores gera a estes um forte arraste económico (impacto a montante), nomeadamente na Produção, VAB e Emprego. Os impactos induzidos na economia resultam do arraste económico provocado pela aplicação do VAB gerado direta e indiretamente pelo setor do vinho (remunerações, rendas, juros e lucros) no resto da economia.

Na Tabela 23 apresentamos os impactos diretos e indiretos, que as atividades base do Setor do Vinho (Viticultura e Produção de Vinho) têm na economia nacional. Além disso, no impacto indireto, distinguimos ainda os efeitos em cadeia a montante (*upstream*), que têm a ver com os fluxos relacionados com as compras do Setor do Vinho, dos efeitos em cadeia a jusante (*downstream*), relacionados com os fluxos de vendas do Setor do Vinho.

Tabela 23 – O impacto direto, indireto e total do Setor do Vinho na economia nacional em 2021

Variável	Impactos das Atividades Base			
	Direto	Indireto e Induzido		Total
		Upstream (a montante)	Downstream (a jusante)	
Atividade Económica (VBP)	3,004 M€	4,147 M€	3,143 M€	10,294 M€
Valor Acrescentado Bruto (VAB)	861 M€	1,728 M€	2,367 M€	4,956 M€
Emprego (em UTA)	43 034	52 130	73 668	168 832

Fontes: Inquérito aos Produtores de Vinho; SCIE do INE; Cálculos efetuados pela Equipa. Notas; Emprego em Unidades de Trabalho Anual Equivalente (UTA). A metodologia utilizada para o cálculo destes valores pode ser encontrada no apêndice.

Assim considerando os dois impactos, a jusante e a montante, verificamos que o **Setor do Vinho tem um impacto total de 4956 M€ em Valor Acrescentado Bruto**, o que significa que o setor representou em 2021 aproximadamente **2,68% do PIB nacional**. Ao mesmo tempo, o Setor do Vinho gera um total de 168 832 empregos, o que representa cerca de **3,4% dos empregos a nível nacional**. O setor do Vinho é, assim, um setor que apresenta uma contribuição significativa para a atividade económica em Portugal.

Verificamos também com base na Tabela 22 que, em termos de Valor Acrescentado, os efeitos Indiretos e Induzidos na economia portuguesa são muito elevados tanto a montante (Fornecedores), onde são sensivelmente o dobro dos diretos, como a jusante (a distribuição e o consumo final), sensivelmente o triplo dos diretos.

Estes efeitos eram esperados a montante, já que as atividades base deste setor, a Viticultura e a Produção do Vinho, têm Consumos Intermédios muito elevados, na ordem de 63,6% e 73,8% da Produção respetivamente. Por isso têm um impacto muito grande nos Setores Fornecedores por todo o país, em especial sabendo-se que as importações incluídas nestes consumos intermédios incluem importações bastante baixas, na ordem dos 8% (Banco de Portugal, Quadros de Setor 2021).

Já a jusante, o impacto, também esperado, é ainda maior pelos efeitos da distribuição e do canal HoReCa, uma vez que a fração de valor acrescentado na produção total é elevada nestes setores. O impacto a jusante é calculado com base no volume de vinho que é vendido no mercado nacional. O valor exportado gera valor na distribuição no país de destino e, portanto, não é incluído como impacto em Portugal.

Em termos de volume, de acordo com dados do IVV, o setor do Vinho vendeu em 2021 cerca de 17% da sua produção para o mercado nacional por via do canal HoReCa e 83% pelo canal de distribuição. No entanto, ainda segundo a mesma fonte de informação, como o preço médio por litro do canal HoReCa é de 6,71€, enquanto o da distribuição situa-se nos 2,58 €, o canal HoReCa representa 35% das vendas em termos de valor de vendas e o da Distribuição os restantes 65%.

Impactos Totais ao Longo da Cadeia de Valor

Na Figura 27 mostramos os impactos totais (diretos, indiretos e induzidos), agregados para cada setor integrante da Cadeia de Valor do Vinho em Portugal. É de realçar o impacto que a Viticultura e a Distribuição tem no emprego total que geram em todo o país.

Figura 27 – Impacto total ao longo da Cadeia de Valor do Setor do Vinho na economia nacional (2021)

		VAB	EMPREGOS
	VITICULTURA	794 M€	58 377
	PRODUÇÃO DO VINHO	1 795 M€	36 727
	DISTRIBUIÇÃO	1 738 M€	56 755
	HoReCa	630 M€	16 912
TOTAL		4 956 M€	168 832

Fontes: Inquérito aos Produtores de Vinho; SCIE do INE; Cálculos efetuados pela Equipa. Notas: Emprego em UTA

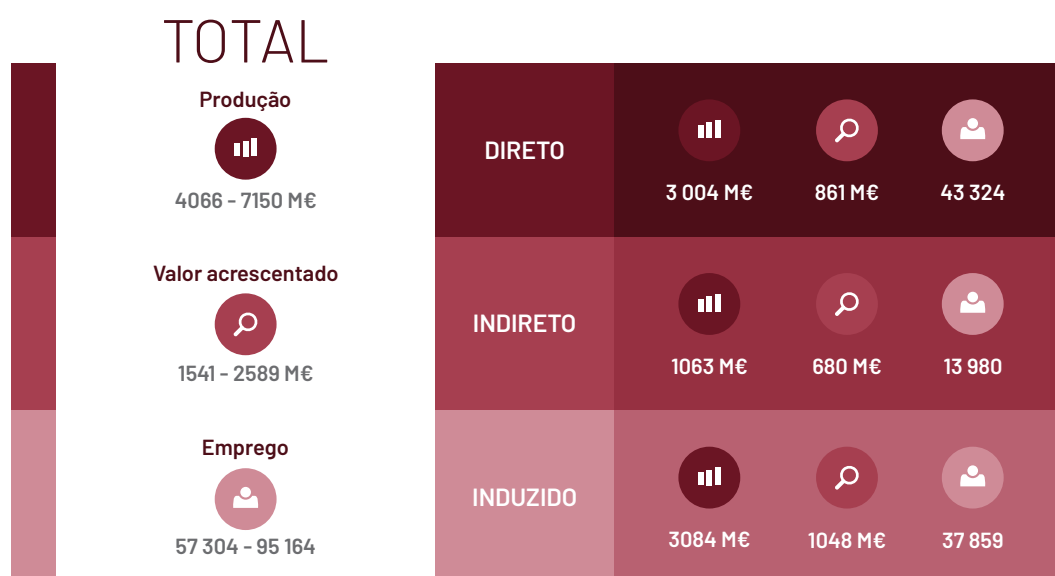
Impactos Diretos e a Montante

Vamos agora analisar o impacto das atividades base do Setor do Vinho somente a montante, isto é, sem considerar o impacto da distribuição e do canal HoReCa (Figura 28).

Podemos verificar que o efeito induzido é substancialmente maior que o efeito indireto, ou seja, o impacto gerado pelo consumo de bens e serviços com base na distribuição de salários e outros rendimentos do trabalho é bastante significativo e gera elevado emprego.

Demonstra-se assim, que o Setor do Vinho, mesmo isolado nas suas componentes base, têm um elevado peso na economia nacional e na sociedade em si, sendo um instrumento de criação de riqueza, de emprego e distribuição de rendimentos muito importante, muito para além das suas componentes base Viticultura e Produção de Vinho.

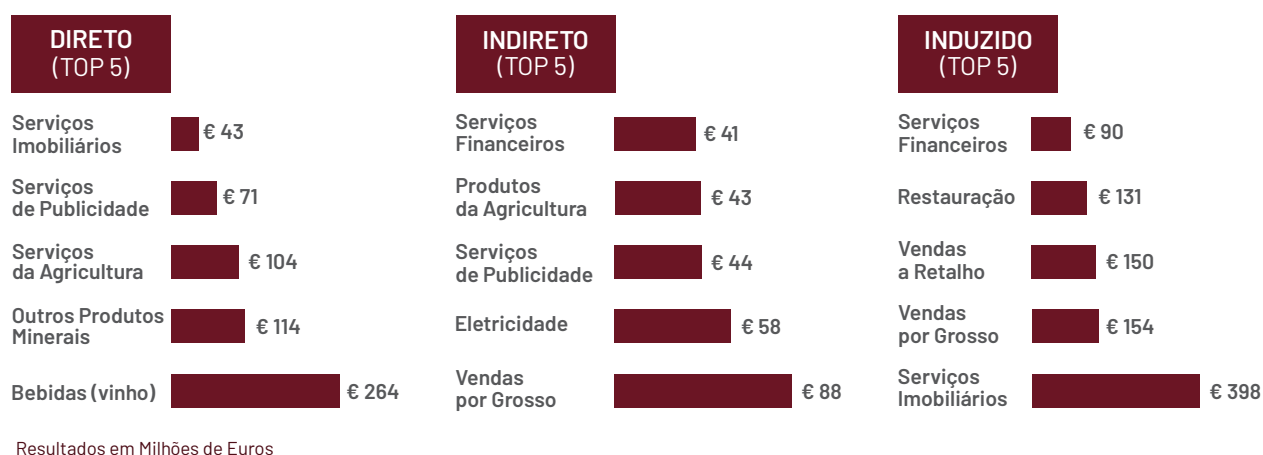
Figura 28 – Impactos Diretos e a Montante: Efeitos Diretos, Indiretos e Induzidos (2021)



Efeitos nos restantes Setores da Economia

De seguida, investigamos os setores que mais beneficiam com o Setor do Vinho a montante em termos de Valor Acrescentado. A Figura 29 mostra os 5 setores da economia nacional mais impactados pelo Setor do Vinho diretamente, indiretamente e de forma induzida, respetivamente:

Figura 29 – Setores da Economia Portuguesa mais impactados pelo Setor do Vinho (2021)



Fonte: Inquérito aos Produtores de Vinho; Cálculos da Equipa

O setor das bebidas é o que mais beneficia, diretamente, com as compras do Setor do Vinho, já que é uma transação típica Intra setor. Os produtos minerais (garrafas de vidro) e os produtos da agricultura (uva) são também outros inputs diretos importantes.

Nos efeitos indiretos sobressaem as vendas por grosso, já que estamos a falar de setores industriais o que justifica também o peso da eletricidade e bem assim os serviços de publicidade e agricultura (*input*).

Finalmente nos efeitos induzidos, que dependem da distribuição de rendimentos às famílias, os serviços imobiliários, vendas a retalho, restauração ou mesmo serviços financeiros, são, por esta via, os maiores beneficiários da atividade económica do setor do Vinho.

Multiplicadores

Uma análise alternativa ao impacto total até agora apresentado, é feita através de multiplicadores de produção do Setor do Vinho.

Os multiplicadores indicam o impacto que cada euro gasto num determinado setor gera, diretamente e indiretamente, para a economia como um todo no curto-prazo. Por exemplo, se a procura dos consumidores por vinho aumentar em 1 euro, quantos euros de produção na economia inteira serão criados? Este valor é exatamente o multiplicador (ver **Apêndice: Metodologia**).

Neste estudo são calculados dois multiplicadores, um para o modelo aberto e outro para o modelo fechado.

- O **modelo aberto** só considera os efeitos diretos. Desconsidera que os efeitos em cascata na produção implicam um aumento de rendimento do trabalho que, por sua vez, é gasto em bens e serviços (efeitos induzidos).
- Já o **modelo fechado**, inclui os efeitos induzidos, considerando que uma **parte do rendimento** dos trabalhadores é **gasto em consumo de bens e serviços**.

Podemos tratar o multiplicador do modelo aberto como um limite inferior da estimativa do multiplicador real e o do modelo fechado como um limite superior.

Tabela 24 – Multiplicadores do Setor do Vinho em Portugal (2021) – Modelo aberto e fechado

Multiplicadores					
PRODUÇÃO		VAB		EMPREGO	
DIRETOS	INDUZIDOS	DIRETOS	INDUZIDOS	DIRETOS	INDUZIDOS
1,36	2,38	0,58	1,62	1,32	2,20

Fonte: Inquérito aos Produtores de Vinho e cálculos dos autores

Na Tabela 24 são apresentados os multiplicadores dos dois modelos para, respetivamente, a produção, o valor acrescentado e o emprego. Relativamente ao impacto do Setor do Vinho na economia portuguesa, no seu todo, podemos concluir o seguinte, da informação da Tabela dos Multiplicadores:

- Por cada euro gasto no Setor do Vinho é gerado entre **1,36€ e 2,38€ de Produção Total** na Economia nacional
- Cada euro gasto no Setor do Vinho gera entre **0,58€ e 1,62€ de valor acrescentado bruto no país.**
- E finalmente, analisando a criação de **emprego**, o Setor do Vinho é capaz de, com cada emprego direto, gerar entre **1,32 e 2,20 empregos no país.**

Impacto na Receita do Estado

O setor do Vinho, por ter uma elevada contribuição na atividade económica do país, conforme já demonstrado, apresenta naturalmente um contributo significativo para a receita fiscal do Estado.

A contribuição fiscal aqui calculada inclui a contribuição direta do Setor do Vinho assim como a contribuição de todos os outros setores na economia que têm parte da sua produção indiretamente ligada ao Setor do Vinho. Isto é, o cálculo leva em conta, tanto efeitos diretos como também os efeitos indiretos e induzidos. Para além dos impostos habituais, este setor paga taxas de coordenação e controlo, taxas de promoção e taxas sobre a vinha, que são receita fiscal do IVV. Para além destas taxas, o setor tem uma fatia das suas empresas a pagar Imposto sobre o Álcool e Bebidas Alcoólicas (IABA). Esta fatia diz respeito aos produtores de Vinho do Porto que entram na categoria de produtores de produtos intermédios e aos produtores de aguardente que entram na categoria de bebidas espirituosas. No entanto, devido à limitação de dados públicos, apenas conseguimos estimar a receita proveniente do Setor do Vinho por via dos produtos intermédios, pois não é possível decompor a receita fiscal associada à aguardente das bebidas espirituosas. Verificamos, todavia, que estas duas rubricas de receitas do Estado, específicas ao setor do Vinho, não têm um peso significativo quando comparadas aos impostos habituais (Tabela 25). Em 2021, verificamos que a receita do IABA e a receita recolhida pelo IVV, representam, somadas, apenas 1,5% da receita fiscal arrecadada, atribuída à atividade do Setor do Vinho.

De acordo com a Tabela 25, a maior contribuição para a receita do Estado vem por via do IVA, com 842 milhões de euros, seguida por contribuições para a segurança social com 371 milhões de euros. No total, a contribuição fiscal derivada da atividade económica do setor Vinho é de 1510 milhões de euros. Este total representa em torno de 30,4% do valor adicionado bruto, o que está ligeiramente abaixo do peso da carga fiscal sobre o PIB em Portugal, que atingiu 37,6% em 2021.

Tabela 25 – Impacto do setor do Vinho na receita fiscal em 2021

Receita Fiscal	Milhões de Euros
Receita Segurança Social	371
Receita IRS	107
Receita IRC	166
Receita IVA	842
Receita IABA	12
Receita IVV	10
Total	1510

Fonte: Autoridade Tributária, ORBIS, IVV e cálculos dos autores

Ainda assim, dado que alguns impostos e taxas não estão aqui considerados, é expectável que o peso da carga fiscal no setor do Vinho seja semelhante à média nacional uma vez que todos os impostos sejam levados em conta.

Impacto Global

Apresenta-se seguidamente uma visão global dos impactos macroeconómicos do Setor do Vinho na Economia Portuguesa:



*equivalente a tempo inteiro

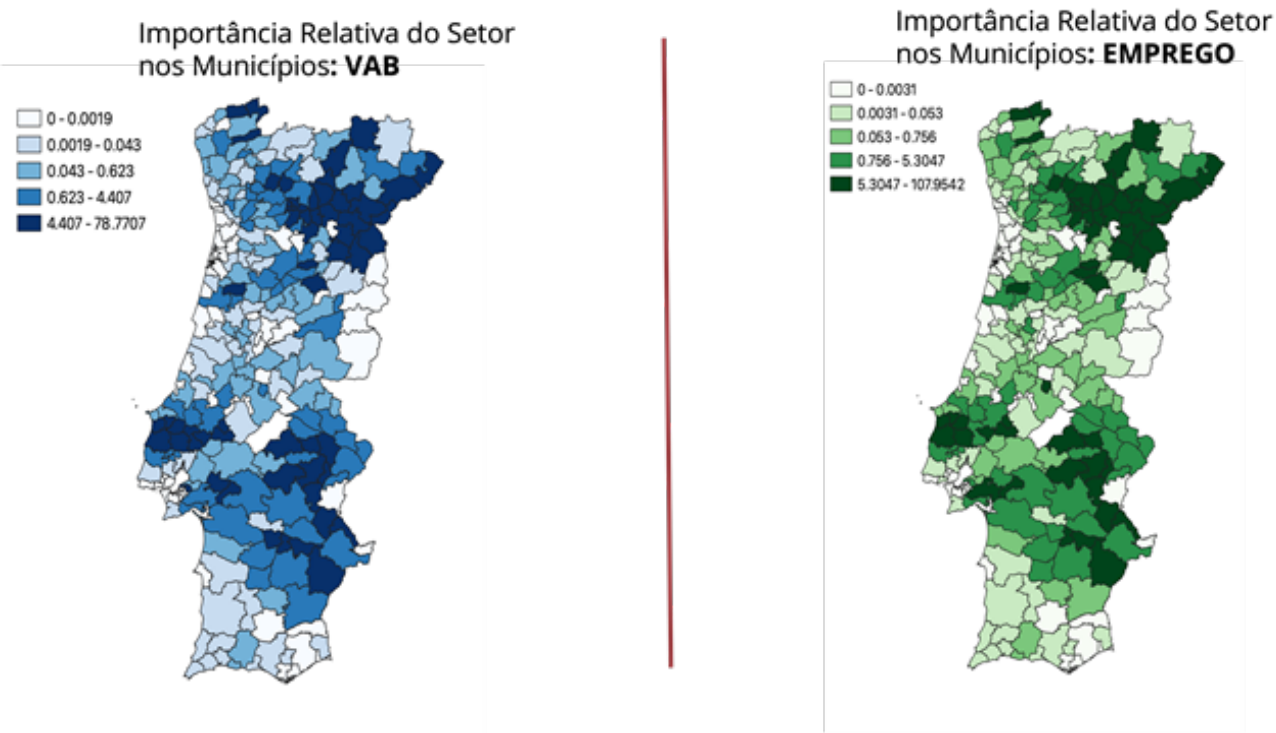
5. OUTROS IMPACTOS

5.1. O Setor do Vinho enquanto Agente de Desenvolvimento e Coesão Territorial

Um aspeto da maior importância a referir quando se fala do Setor do Vinho é a sua crucial contribuição para a Coesão Territorial em Portugal. Nesta seção, temos como objetivo estimar o peso da atividade económica do Setor do Vinho por município. Para isso fazemos uso dos resultados do impacto económico estimados anteriormente e cruzamos essa estimativa com a localização geográfica da atividade económica (com base em dados do IVV) e com o valor acrescentado bruto para empresas não financeiras por município (com dados do PORDATA).

Na Figura 30 apresentamos os resultados da **importância regional da atividade do setor do Vinho em Portugal**. Verifica-se que o setor do Vinho tem um peso muito significativo no valor adicionado e no emprego nas regiões do interior do país. **Conclui-se que o Setor do Vinho tem um papel crucial no desenvolvimento e na fixação da população no interior do território nacional.**

Figura 30 – Importância do Setor do Vinho na VAB e no Emprego por Município, em Portugal (2021)



Fonte: PORDATA, IVV, ORBIS e cálculos dos autores

Notas: Rácio do VAB gerado pelo setor do Vinho sobre o VAB de Empresas Não Financeiras em cada município (valores apresentados em percentagem)

Em termos de magnitude, o Setor do Vinho tem um peso superior a 10% em termos de valor adicionado para 38 dos 278 municípios de Portugal Continental e representa mais de 10% do emprego em 43 municípios de Portugal Continental. Devemos esclarecer que existem municípios com peso superior a 100% no emprego (Figura 30) pois a base de comparação são as empresas não financeiras, o que significa que empresas financeiras não estão incluídas nem o setor público. Os dez municípios onde o setor do vinho tem maior peso em termos de valor adicionado e emprego são apresentados na Tabela 26.

Tabela 26 – Top 10 dos municípios em termos de peso no VAB e no emprego

TOP 10 Peso no VAB	TOP 10 Peso no EMPREGO
São João da Pesqueira	Santa Marta de Penaguião
Vila Nova de Foz Côa	São João da Pesqueira
Vidigueira	Redondo
Tabuaço	Vila Nova de Foz Côa
Borba	Alijó
Redondo	Freixo de Espada à Cinta
Mourão	Vidigueira
Pinhel	Pinhel
Alijó	Borba
Reguengos de Monsaraz	Reguengos de Monsaraz

Fonte: PORDATA, IVV, ORBIS e cálculos dos autores

Este contributo do Setor do Vinho para a coesão do território é fundamental para ajudar a travar a litoralização progressiva do país, onde se acentua a tendência para o despovoamento, envelhecimento e empobrecimento das regiões do interior, as quais representam cerca de 2/3 do território nacional (INE, Censos 2021).

De fato, de acordo com o Censos2021, cerca de metade da população residente em Portugal está concentrada em apenas 31 municípios, tendo-se acentuado os desequilíbrios na distribuição da população pelo território. Refere o INE que “A evolução demográfica da última década ao nível do município permite verificar que os territórios localizados no interior do país perdem população e que os municípios que registam um crescimento populacional se situam predominantemente no litoral.

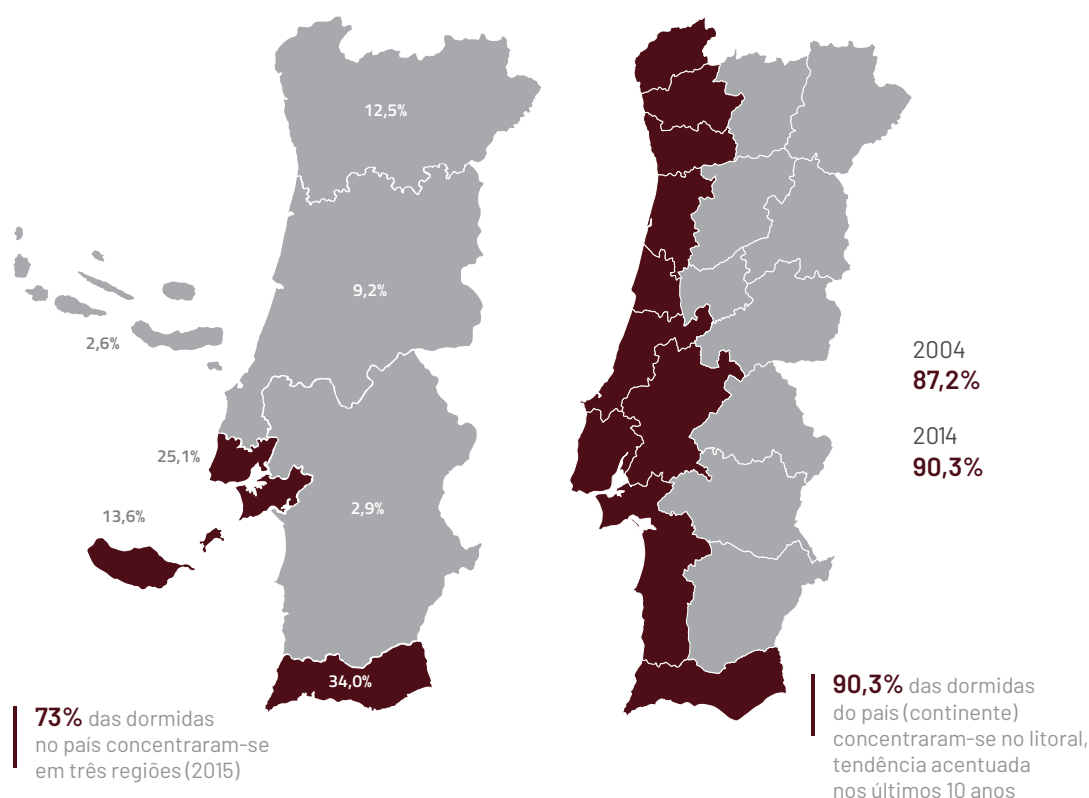
Além disso, verifica-se “uma concentração” em redor de Lisboa e na região do Algarve. Acentuaram-se, desta forma, os padrões de litoralização do país e o movimento de concentração da população junto da capital, fenómenos que se têm vindo a reforçar nas últimas décadas”. **Neste contexto, o setor do Vinho representa um pilar fundamental do desenvolvimento e coesão territorial em Portugal.**

5.2. O Enoturismo

O Enoturismo é uma “combinação de cultura, estilos de vida e território” (Getz in A.A.V.V., 1998³³) e enquadra-se no fenómeno mais abrangente do Turismo Cultural, constituindo uma forma particular de Turismo Gastronómico. Através dele, promovem-se, as visitas ao campo, a herança e arquitetura rural únicas, e a combinação entre vinho e gastronomia regional que envolve a experiência de um espaço cénico de paisagem agrícola onde o “mito” do retorno à cultura ancestral e ao passado são promovidos³⁴.

O segmento da oferta de enoturismo, em especial no âmbito da gastronomia e vinhos, assume particular destaque na medida em que tem presença em todo o território nacional, regista importantes investimentos em equipamentos modernos e atrativos e uma crescente oferta de serviços turísticos com capacidade de atrair turistas para zonas de menor densidade turística, nomeadamente em épocas que contribuem para a atenuação da sazonalidade.

Figura 31 – Assimetrias Regionais na Ocupação Turística



Esta característica do enoturismo, de poder levar turismo para o interior, é extraordinariamente importante dada a litoralização do turismo no continente como se pode constatar na Figura 31, onde o Turismo de Portugal nos mostra a concentração de dormidas no litoral e especialmente no Algarve, Grande Lisboa e Madeira. De facto, **as unidades do enoturismo assumem um contributo relevante no desenvolvimento da oferta turística em zonas de menor pressão turística**, para além de darem a conhecer um Portugal tradicional e autêntico, mas simultaneamente contemporâneo e tecnológico, com as modernas adegas que têm vindo a surgir em várias regiões do país. Estas unidades têm, ainda, um papel relevante no enriquecimento da experiência turística associada à descoberta de territórios e culturas regionais.

Na caracterização da oferta nacional de Enoturismo destaca-se a diversidade de práticas e de regiões vitivinícolas e bem assim das modalidades que a diversificam: Feiras, Festivais e Eventos do Vinho; Museus do Vinho e da Vinha, Centros de Interpretação, Quintas e Adegas, Agro-Turismo, Aldeias Vinhateiras e Cruzeiros, nomeadamente na região do Douro.

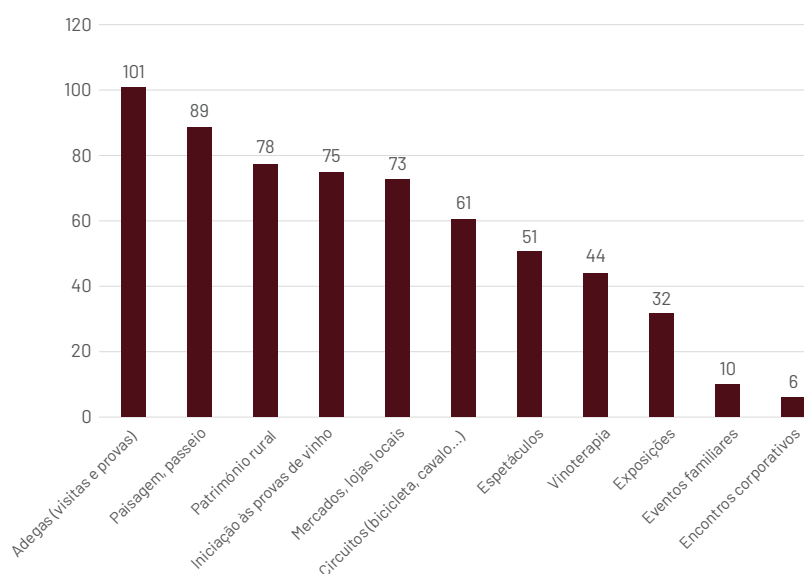
³³ Getz, D., 2000, Explore Wine Tourism – Management, Development & Destinations, s.l., Cognizant Communication Corp.

³⁴ Inácio A.I.; Cavaco C.: Revista 2010 Revista Turismo e Desenvolvimento nº13/14, Enoturismo em Portugal: forma de desenvolvimento regional e afirmação cultural local.

Em todas as regiões vitivinícolas encontramos locais convidativos para conhecer as particularidades da cultura, da gastronomia e dos vinhos. A oferta enoturística em Portugal tem-se qualificado no sentido de dar resposta a uma procura cada vez mais exigente. Museus, restaurantes, quintas e adegas abrem as suas portas, apresentando propostas que vão desde as provas de vinho ou jantares enogastrónomicos, até às mais criativas ofertas como cruzeiros temáticos ou atividades desportivas e de lazer em plena vinha³⁵.

Os Visitantes querem aprender, descobrir e ter experiências únicas. Procuram formas de interatividade. Querem conhecer os modos de vida dos habitantes locais, visitar os bastidores das adegas e principalmente ter acesso a lugares que os turistas não procuram habitualmente (Figura 32).

Figura 32 – Principais motivos de Visita a destinos de enoturismo – nº de respostas

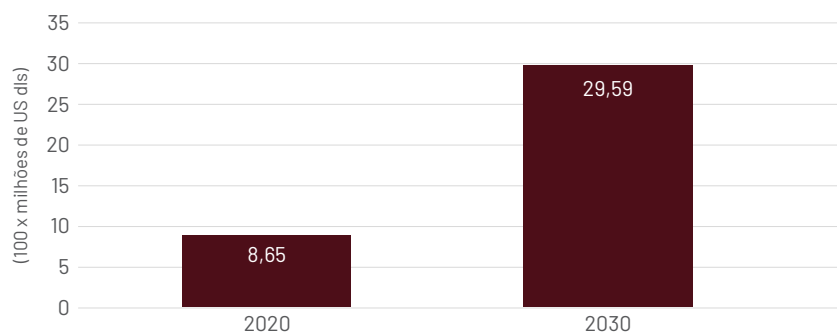


Fonte: Inquérito realizado por France Gerbal-Médalle, 2018

“A gastronomia e vinhos é uma das razões para a escolha de Portugal enquanto destino de lazer, com 88 por cento dos turistas estrangeiros a ficarem muito satisfeitos com o contato com experiências nesta área³⁶. Através destes turistas, o enoturismo transforma-se num poderoso aliado do turismo nacional já que transporta para fora das nossas fronteiras a promoção da oferta vinícola, paisagística e cultural nacional, nomeadamente da gastronomia, património arquitetónico e paisagístico associado à viticultura, especialmente no interior de Portugal.

Sendo o enoturismo um atrativo para os estrangeiros visitarem Portugal por essa razão, **os seus efeitos fazem-se sentir no resto das atividades turísticas muito para além do Setor do Vinho**, nomeadamente na hotelaria, nos restaurantes, no comércio local, noutros programas turísticos adquiridos, transportes, etc. **alavancando um setor que já representa cerca de 8% do PIB português.**

Figura 33 – Expetativas de crescimento do mercado global do enoturismo



Fonte: Statista, FEV2022

³⁵ <http://rotadosvinhosdeportugal.pt/enoturismo/>

³⁶ João Cotrim Figueiredo, presidente do Turismo de Portugal, JAN2015

As previsões de crescimento global do enoturismo para esta década apontam para um triplicar da procura até 2030 (Figura 33), mesmo considerando a queda provocada pela pandemia COVID-19 e os seus efeitos a entrarem por 2021. Em Portugal, segundo a Ministra da Agricultura, o Governo está “a trabalhar de forma muito focada” o enoturismo desde 2019 e **pode-se afirmar que 10% daqueles que visitaram Portugal, nos últimos anos, antes da pandemia, vinham exclusivamente com motivos associados ao vinho**”, além disso, Portugal é “um dos poucos países europeus” que possui “um plano de ação” específico para o enoturismo e a aposta neste setor “é um caminho” que o país está “a trilhar”³⁷.

De referir ainda, que as estimativas existentes indicam que a maioria dos enoturistas pertence a uma classe social média alta, com bom poder de compra e com nível de formação elevado, o que leva a concluir que o gasto médio do enoturista é 20% a 40% superior ao turista normal (APENO SET21).

Impacto Económico do Enoturismo

O enoturismo tem um impacto económico considerável, tanto em termos de riqueza criada como em termos de postos de trabalho gerados e mantidos. **O impacto económico do enoturismo reflete-se nas atividades diretas**, como visitas a adegas e museus de vinho, restaurantes temáticos, cruzeiros (em especial no Douro), entre outras, **mas também** se fazem sentir **no resto das atividades turísticas muito para além do Setor do Vinho**, nomeadamente na hotelaria, nos restaurantes, no comércio local, noutros programas turísticos adquiridos, transportes, alavancando um setor que já representa cerca de 8% do PIB português. (INE, conta satélite do turismo).

Com base num inquérito a uma amostra significativa de Produtores Vitivinícolas os quais se dedicam à atividade de enoturismo, estimamos que em 2022 as atividades diretas, nomeadamente Adegas e Museus do Vinho, tenham recebido 2.87 milhões de visitantes, com uma faturação média de 33€ por visitante. Ter-se-á atingido assim em 2022 uma faturação de mais de 90 M€, como contrapartida das visitas a adegas com prova, restaurantes temáticos inseridos nas propriedades, pelas vendas de vinho diretamente aos enoturistas, para além de todas as atividades proporcionadas pelos museus do vinho existentes ao longo das regiões vinhateiras nacionais. Estimamos ainda que essas atividades criem e mantenham 2,744 postos de trabalho diretos a tempo inteiro (ver Apêndice – Metodologia, Enoturismo).

Relativamente ao restante impacto económico, não dispomos de dados que nos permitam apresentar valores resultantes de análise estatística. Podemos, no entanto, adiantar uma ordem de grandeza se nos basearmos nas projeções para o mercado espanhol do enoturismo.

O Observatório Turístico Rutas del Vino de Espana e ACEVIN³⁸, no “Informe de visitantes a bodegas y museus del vino de 2021” mostram que o valor de impacto direto das atividades restantes, para além das diretas, é cerca de 2 terços do impacto económico direto total do enoturismo.

Ora, se fizéssemos uma estimativa comparada para o mercado português, concluiríamos que o setor do **enoturismo** teria um **impacto económico direto total de cerca de 270 M€ na economia nacional**. Será importante salientar que os valores aqui estimados para Portugal são muito semelhantes aos valores reportados para Espanha pelo ACEVIN no Report acima referido.

Deve-se esclarecer aqui que os impactos económicos das atividades diretas, nomeadamente visitas a adegas e museus de vinho, já estão incluídos nas estatísticas apresentadas para o setor vinícola no seu todo, apresentado em 4.2, incluindo os efeitos indiretos e induzidos.

De facto, os valores declarados pelas empresas e cooperativas já incluem todos os rendimentos e custos, bem como todos os postos de trabalho, o que considera os serviços de enoturismo que as mesmas exploram. Não estão incluídos os postos de trabalho associados a instalações exploradas por entidades que não se dediquem à Produção do Vinho.

O mesmo não acontece para as outras atividades para além das atividades base, as quais não estão incluídas no estudo de impacto económico descrito em 4.2. Neste caso teríamos cerca de **180 M€ adicionais de impacto direto**, bem como postos de trabalho adicionais, a que iriam acrescer os efeitos indiretos e induzidos, que não cabe aqui calcular.

³⁷ Afirmações da Secretária de Estado do Turismo, Rita Marques, à margem da 5ª Conferência Global sobre Enoturismo da OMT em Reguengos de Monsaraz, Setembro de 2021

³⁸ Asociacion Española de Ciudades del Vino

5.3. Sustentabilidade, Biodiversidade e Produção Sustentável

Sustentabilidade da Vinha e do Vinho

Nas últimas duas décadas a UE efetuou uma grande aposta na competitividade do setor vitivinícola, tendo obtido resultados fortemente palpáveis. Passou de um quadro de excedentes de vinho num passado recente para uma menor produção, mas de maior qualidade real e reconhecida, o que se traduziu num aumento constante do valor unitário médio do vinho exportado, tendo duplicado o valor anual das exportações naquele período (passou de 10 783 M€ em 2001 para 21 165 M€ em 2020)³⁹. Mas mais importante, a qualidade e reputação dos vinhos da UE tornaram-se um cartão de visita para todos os outros produtos agrícolas de qualidade na UE em acordos comerciais recentes (e.g. Japão, Canadá, México).[18]. Portugal foi um dos países beneficiados por esta aposta.

Uma vez ganho o desafio da competitividade, a **sustentabilidade** e a resposta às preocupações dos cidadãos em matéria de ambiente, alimentação e saúde constituem os **principais desafios do setor vitivinícola europeu, e logo de Portugal, nas próximas décadas**. [18]

O setor vem sendo alertado para a importância da sustentabilidade, em especial desde 2004, altura em que a OIV publicou a sua Resolução CST 1/2004 onde detalha pela primeira vez os objetivos do desenvolvimento da Vitivinicultura Sustentável. Em 2015, com atualização em 2016, a ONU publicou o seu Referencial de Desenvolvimento sustentável 2030, que inclui 17 Objetivos (ODS)(Figura 34).

Figura 34 – Objetivos de Desenvolvimento sustentável da ONU, Agenda 2030



Fonte: ONU 2022

Posteriormente com a atualização do Referencial de Sustentabilidade da OIV em 2020⁴⁰, são identificados os principais desafios colocados ao sector vitivinícola na adaptação da abordagem de sustentabilidade:

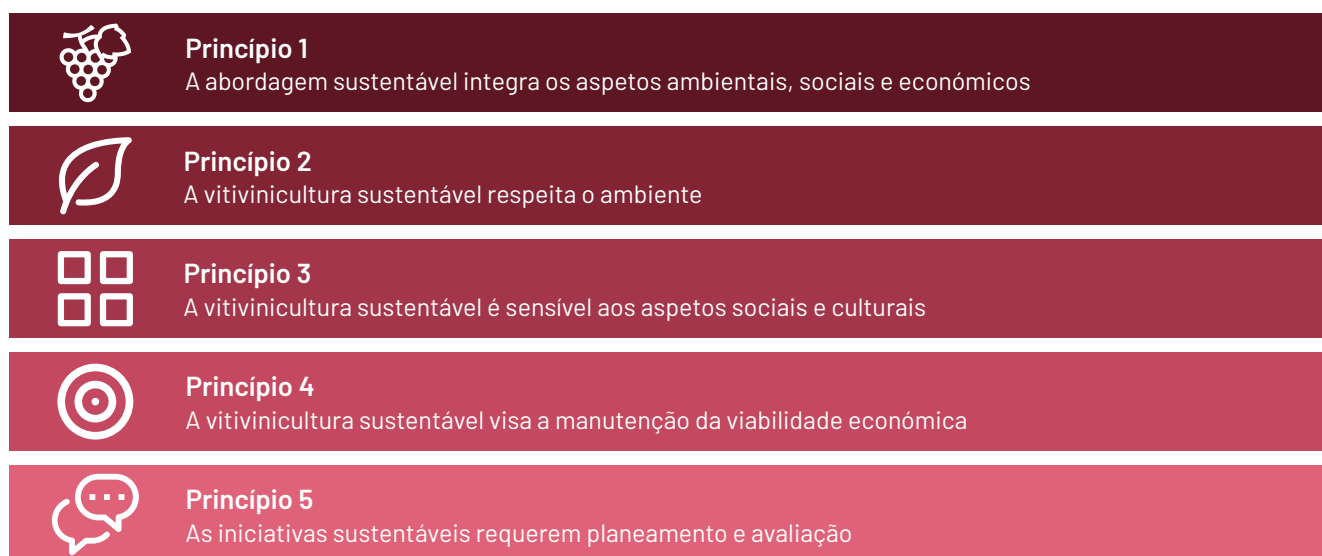
- Manter um mercado sustentável de acordo com as expectativas da sociedade, tanto dentro como fora da organização, mantendo a competitividade económica e produtiva
- Melhorar a confiança da sociedade nas empresas vitivinícolas através da implementação de uma abordagem baseada na sustentabilidade
- Desenvolver uma vitivinicultura sustentável com o objetivo de prevenir impactos ambientais negativos e de se adaptar às alterações climáticas, através da adequação das práticas de produção

³⁹ ITC e INE, 2021

⁴⁰ Resolução OIV-VITI 64I-2020 (GUIA PARA A IMPLEMENTAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DA VITIVINICULTURA SUSTENTÁVEL)

Em Portugal, em novembro de 2022, durante o Fórum Anual da ViniPortugal, o IVV apresentou ao Setor o “Referencial Nacional de Certificação de Sustentabilidade do Sector Vitivinícola (RNCSSV)” o qual, segundo o texto, procura dar resposta nacional aos designios da sustentabilidade, garantindo abrangência nacional, inclusividade, simplicidade e credibilidade. Os 5 princípios por que se rege, acomodando as especificidades, nacionais e regionais, do setor em Portugal são os que definidos pela OIV na sua resolução 2020 acima referida (Figura 35)

Figura 35 – Os 5 princípios gerais da vitivinicultura sustentável, de acordo com a OIV



Fonte: IVV, Referencial Nacional de Certificação de Sustentabilidade do Sector Vitivinícola

Mas muitos Agentes do Setor vitivinícola em Portugal já vêm implementando, há vários anos, métodos e práticas sustentáveis em linha com o agora preconizado (ver Caixa 2).

Caixa 2 – Excerto de um Testemunho de um Agente económico do setor sobre práticas sustentáveis

... A utilização eficiente dos recursos (água, eletricidade, resíduos, etc.) é sempre uma prioridade na Empresa. O isolamento de cubas, o uso de equipamentos eficientes, a produção própria de energia solar, a reutilização da água, são exemplos de medidas implementadas com grande frequência nos últimos anos. A partir de 2022, este âmbito foi estendido às viaturas, que passam todas a elétricas. Na Viticultura, esta eficiência ganha uma força muito relevante, onde o número médio de tratamentos anuais se reduziu para menos de metade nos últimos 15 anos. Nos tratamentos restantes, há uma grande preocupação de redução dos desperdícios, com instalação de acessórios que impedem esse desperdício, sobretudo em dias de vento. A biodiversidade tem grande relevância, ..., pelas plantações de matas ou bordaduras de vinhas onde todos os anos são plantadas cerca de ... árvores. Finalmente, a atenção às pessoas é um aspeto fundamental no nosso ADN...

Resposta a um inquérito a um Agente Económico do Setor sobre as práticas de Sustentabilidade implementadas

Por isso o setor fornece já hoje vários contributos para a sustentabilidade ambiental, social e económica do país, como se detalha nos parágrafos seguintes, embora consciente, que em termos globais existe um caminho importante a percorrer:

Pilar ambiental da sustentabilidade

As **vinhas asseguram a presença humana em áreas rurais de grande vulnerabilidade**, onde seria quase impossível encontrar outras formas de rentabilização económica dos solos, aumentando assim a SAU⁴¹, a riqueza do país e a coesão territorial e social. As vinhas plantadas em socalcos, como é o caso do Douro, **ajudam a limitar a erosão dos solos**. A vinha **fornece um grau de proteção elevado à propagação do fogo** devido à baixa densidade dos porta-enxertos (raízes), extremamente importante em países com grandes áreas com elevada propensão marginal a incêndios, com é o caso de Portugal. A paisagem rural beneficia fortemente pela inclusão da vinha: A *European Landscape Convention* reconhece a particular relevância da **vinha como criadora de valor acrescentado para a paisagem rural** e para a sua preservação, tendo vários estudos levados a cabo nesta área, sublinhado esse valor, bem como outros, nomeadamente a promoção do turismo no interior em que a paisagem vinhateira serve de etiqueta diferenciadora [13].

Outros aspetos importantes incluem:

Baixa pegada de carbono. Sabendo que a agricultura é a segunda maior emissora de gases de efeito de estufa do planeta, a seguir à energia, é notável a reduzida pegada de carbono do vinho quando comparado com outros produtos agrícolas: 1 garrafa de vinho tem uma pegada de carbono aproximadamente equivalente a 100 gramas de tofu ou 2% de um bife normal e ainda pode reduzir mais [14].

Elevada eficiência hidroeconómica e baixo consumo de água. Em Portugal a vinha apresenta, em média, uma elevada eficiência hidroeconómica dado o baixo consumo de água, comparativamente a outras culturas, porque a maior parte da vinha é cultivada em sequeiro; o regadio da vinha apresenta maior valor gerado por metro cúbico de água usada por hectare do que o olival ou o milho – dados EDIA, Anuário 2021).

Permite **elevada circularidade**, nomeadamente de água e resíduos. Várias são as empresas do setor que circularizam a maior parte da água utilizada, em processos que não a rega, bem como os resíduos [15].

Permite a **gestão da propriedade agrícola em modo sobretudo extensivo** (minifúndio), sem sobrecarregar a utilização dos solos.

Pilar social da Sustentabilidade

A viticultura e as adegas associadas **augmentam a empregabilidade das comunidades rurais**, tão importante na fase de litoralização que o país vem atravessando como visto atrás.

Em geral, **as tarefas da vinha são mais bem remuneradas que o trabalho de outras atividades agrícolas** nos mesmos territórios, em especial as tarefas mais especializadas. No entanto, parece que mesmo mais bem remuneradas, nem sempre é fácil aos viticultores competir com outras atividades da agricultura, mesmo menos bem pagas [EDIA, Anuário 2021].

A **vitivinicultura promove o turismo de base sociocultural** e contribui para definir a cultura do país, como melhor se detalha a seguir no capítulo dedicado ao enoturismo.

O vinho é indissociável da dieta mediterrânica, que ao longo dos séculos tem sido a base da alimentação no território nacional e logo da sua estrutura agrícola. Para além dos benefícios reconhecidos desta dieta⁴², a mesma **promove a interação social, a celebração, a convivialidade e o bem-estar**, às quais o **vinho está associado**, consumido em moderação.

Pilar económico

O Setor é centrado numa proliferação de marcas privadas, mas também assenta em marcas coletivas (as indicações geográficas) as quais valorizam territórios e comunidades.

⁴¹ SAU, Superfície Agrícola Útil

⁴² UNESCO nomination file 00394, 2010

Trata-se de um Setor altamente exportador, como visto atrás, sendo os seus recursos endógenos, na sua maioria, renováveis.

O Setor é proprietário da terra e, por isso, fortemente empenhado na sua valorização o que é um impulsionador da adoção de práticas sustentáveis

O Setor tem um importante peso no equilíbrio da balança comercial do País, como visto acima.

O vinho é um produto estendido já que valoriza fatores intangíveis, como a origem, a história, a cultura e o saber-fazer, como visto atrás.

Este Setor é altamente regulado e conta com estruturas governativas bem definidas que mantêm uma economia funcional e estável, o que reduz riscos vários para a atividade e para o país.

Biodiversidade

Biodiversidade é o termo utilizado para identificarmos a diversidade das formas de vida na Terra. Numa Vinha, a biodiversidade são os animais, as plantas, os microrganismos, que convivem nesse espaço e são necessários para manter as funções principais desse ecossistema, a sua estrutura e os seus processos. A biodiversidade também inclui conceitos como a diversidade genética (por exemplo as diferentes variedades de uva). No passado a agricultura contribuiu significativamente para diversificar a paisagem europeia e manter a biodiversidade associada. As paisagens agrícolas atuais são tipicamente muito mais intensivas e simplificadas e não tem uma relação tão positiva com a biodiversidade. Não obstante, esta desempenha um papel fundamental na prestação de “serviços eco sistémicos”, ou seja, funções vitais para o funcionamento do ecossistema agrário tais como: a formação do solo, a manutenção do ciclo hidrológico, o ciclo dos nutrientes, o controlo da erosão, o controlo de pragas e doenças, a regulação do clima, a polinização e a retenção de carbono. A importância da biodiversidade agrícola abarca elementos socioculturais, económicos e ambientais[17].

Em Portugal várias iniciativas tem tido lugar pelos agentes do Setor associadas à incorporação de práticas de defesa da biodiversidade nas vinhas, para além de outras que são inerentes:

- A viticultura sendo maioritariamente extensiva promove naturalmente biodiversidade e serviços do ecossistema;
- A Produção de Vinho Biológico, disseminada pelo país, que encerra em si um elevado nível de biodiversidade;
- A valorização do produto pela diversidade que se obtém na biodiversidade natural (castas, leveduras, bactérias);
- Setor com elevado investimento na conservação da diversidade genética da cultura da vinha, onde Portugal é pioneiro a nível mundial através do programa PORVID;
- Setor com intervenção positiva quando interage com áreas protegidas. O exemplo da intervenção de Portugal na *Partnership for biodiversity between Germany, Portugal Spain and Turkey, 2015-2018* [17].

Uma palavra final sobre a Sustentabilidade da Vinha e do Vinho

Um dos maiores desafios à implementação da sustentabilidade na vinha decorre da, ainda, grande utilização de pesticidas e fertilizantes. As vinhas europeias utilizam somente 1.8% da superfície agrícola utilizada (SAU) da UE mas representam 20% do total de produtos fitofármacos [18]. Tal representa, não só um grande encargo para os viticultores, nem sempre recompensado pelo mercado, com prejuízo a reputação do setor. Antevê-se assim que a investigação nesta área deva ser bastante apoiada a fim de conseguir contornar o problema num prazo o mais curto possível [18].

Outro aspeto que nos merece realçar é a necessidade de dar especial atenção aos **Pequenos Produtores**, para os quais a sustentabilidade poderá ser um **desafio maior**, devido, por um lado, às economias de escala necessárias para acomodar custos acrescidos no início dos processos de sustentabilidade e por outro à conhecida baixa rentabilidade que esta dimensão de produtores apresenta.

Produção Integrada e Produção Biológica

A Produção em modo Biológico e a Produção Integrada são dois sistemas de produção agrícola sustentável incluídos nas medidas agroambientais da reforma da Política Agrícola Comum (PAC) de 2000⁴³. A Vinha é uma das culturas abrangidas. O regime das normas técnicas aplicáveis a estes modos de produção vêm estabelecidos no DL n.º256/2009 e legislação adicional subsequente.

Ambos os regimes são apoiados a nível interno e pela União Europeia, através dos fundos estruturais da PAC e pelo Programa de Desenvolvimento Rural nacional (PDR2020). Ao apoiar aqueles modos de produção, Portugal e a UE identificam os seguintes objetivos a atingir⁴⁴:

- a) Restaurar, preservar e reforçar a biodiversidade das zonas sujeitas a condicionantes naturais ou outras condicionantes específicas e nas zonas agrícolas de elevado valor natural, bem como das paisagens europeias;
- b) Melhorar a gestão da água, dos fertilizantes e dos produtos fitofarmacêuticos;
- c) Prevenir a erosão dos solos.

Os agricultores têm de aceitar um “caderno de encargos”, para aderirem a estes modos de produção certificada, bem como para submeter candidaturas aos apoios financeiros a eles associados. O respeito pelos regulamentos é assegurado por inspeções obrigatórias efetuadas por organismos certificadores autorizados pelo Estado.

A informação comparativa mais recente de que dispomos, entre os dois modos de produção no setor vitivinícola em Portugal, tem origem na DGADR⁴⁵ e remonta a 2014, como se apresenta na Tabela 27.

Tabela 27 – Produção Biológica e Produção Integrada na Vinha, em Portugal – Comparação

ANO 2014	Número de Produtores	Área Agrícola Afetada (ha)
Produção Biológica	560	2767
Produção Integrada	3532	40221

Fonte: Direção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural do Ministério da Agricultura

Segundo o Recenseamento Agrícola 2019, a área em produção Biológica de Vinha tinha aumentado para 3 670 ha, o que representa cerca de 33% de crescimento, partindo de uma base muito baixa. Não conseguimos obter dados comparativos para o modo de Produção Integrada.

Ainda assim, consegue antecipar-se, com base naqueles números, que a **Produção Integrada** é o modo de produção que **tem reunido a maior preferência dos viticultores** que têm aderido aos programas de vitivinicultura sustentável. Na revista Cultivar n.º 24 de dezembro de 2021, o GPP vem também reconhecer que “em Portugal, **não tem sido tão relevante produzir vinho biológico como produzir vinho com qualidade elevada** que chegue aos mercados nacional e internacional com esse reconhecimento”. Mas em que consistem e o que diferencia estes dois Modos de Produção sustentável?

Modo de Produção Integrada

A produção integrada é um sistema agrícola de produção de alimentos e de outros produtos alimentares, de alta qualidade, com gestão racional dos recursos naturais e privilegiando a utilização dos mecanismos de regulação natural em substituição de fatores de produção, contribuindo, deste modo, para uma agricultura sustentável (DGADR, 2022).

⁴³ Cristovão et al., 2001

⁴⁴ Texto da Portaria 25/2015 de 9 de fevereiro

⁴⁵ Direção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural do Ministério da Agricultura

Os princípios da Produção Integrada são aplicados a diferentes tipos de culturas com o intuito de obter produtos agrícolas sãos, de boas características organoléticas e de conservação, de modo a respeitar as exigências descritas nas normas nacionais e internacionais relativa à qualidade do produto, segurança alimentar e rastreabilidade, tendo em conta o desenvolvimento equilibrado das plantas e a preservação do ambiente, bem como o bem-estar dos intervenientes na cadeia de produção [21].

O exercício da produção integrada inicia-se com a elaboração de um plano de exploração, que descreve o sistema agrícola e a estratégia de produção, de forma a permitir a execução de decisões fundamentadas e assentes nos princípios da produção integrada [22],[23]. Deve existir também um caderno de campo que regista o historial de toda a exploração ao nível de cada parcela/ zona homogénea, de cada cultura e espécie animal, permitindo a comparação entre anos diferentes e um mais fácil planeamento com base na previsão de ocorrências.

Modo de Produção Biológico

O Modo de Produção Biológico é um sistema global de gestão das explorações agrícolas e de produção de géneros alimentícios que combina as melhores práticas ambientais, um elevado nível de biodiversidade, a preservação dos recursos naturais, a aplicação de normas exigentes em matéria de bem-estar dos animais e método de produção em sintonia com a preferência de certos consumidores por produtos obtidos utilizando substâncias e processos naturais⁴⁶.

O vinho biológico é obtido através de uvas produzidas em Modo de Produção Biológico (MPB), cujo método de produção cumpre as regras e princípios estabelecidos na legislação europeia⁴⁷, e cujo processo de vinificação requer a utilização de determinados produtos e substâncias como aditivos ou auxiliares tecnológicos, em condições bem definidas e tecnologias consentâneas com a proteção do ambiente e do consumidor⁴⁸.

Este é um sistema de produção que evita ou exclui a quase totalidade de produtos químicos de síntese como adubos, pesticidas e reguladores de crescimento. Para que seja praticável na máxima extensão, os sistemas de agricultura biológica recorrem a rotações culturais, resíduos das culturas, estrumes de animais, leguminosas, adubos verdes, todos os resíduos orgânicos da exploração agrícola, luta biológica contra pragas e doenças, e outras práticas culturais de modo a manter a produtividade do solo, a nutrir as plantas e a controlar os insetos, ervas infestantes e outros inimigos das culturas (Ferreira et al, 2009).

Distinção entre Produção Integrada e Produção Biológica

A principal diferença entre os dois métodos reside no nível de interdição de aplicação de produtos químicos de síntese sobre plantas ou solo, que é quase intolerado na Produção Biológica e tolerado dentro dos limites dos regulamentos, na Produção Integrada. Por outro lado, as regras da Produção Integrada não abrangem somente aspetos do cultivo — plantas e solo —, mas abrangem todo o processo de produção incluindo, no caso dos vinhos, a vinificação e a adegas. No entanto, um produtor certificado em Produção Integrada muitas vezes é, também, um produtor biológico, se não utilizar produtos químicos no solo e seguir as restantes regras diferenciadoras da Produção Biológica.

5.4. A Investigação e Desenvolvimento

A investigação e Desenvolvimento (I&D) é um instrumento essencial para o desenvolvimento sustentável da vitivinicultura nacional, em especial face aos desafios que o setor enfrenta.

Vários são os apoios financeiros (nacionais e da União Europeia) que tem estado ao serviço da I&D nacional nos últimos anos, nas suas várias áreas e também na viticultura e enologia. Desde benefícios fiscais ao investimento empresarial em I&D (programa SIFIDE), passando por incentivos financeiros total ou parcialmente a fundo perdido como o programa COMPETE 2020 e o Sistema de Incentivos à Investigação e Desenvolvimento Tecnológico (IDT) inseridos no Portugal 2020, ou ainda financiamentos assentes noutros programas como o HORIZONTE (Programa-Quadro de Investigação e Inovação da União Europeia) ou ainda através da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

⁴⁶ Regulamento CE Nº 834/2007

⁴⁷ Regulamento (UE) n.º 834/2007 do Conselho e do Parlamento Europeu e do Regulamento de Execução n.º 889/2008 da Comissão

⁴⁸ definido no Regulamento de Execução (UE) n.º 203/2012 da Comissão

Assim, várias entidades a nível nacional, privadas e públicas (universidades, associações e indústria) beneficiando do financiamento disponível, participam neste esforço de extrema importância para a agricultura e indústria nacionais. Devemos aqui salientar o esforço do setor empresarial nesta área, o qual, em 2021, foi responsável por executar cerca de 60% da despesa nacional em I&D, o que representou cerca de 1% do PIB desse ano⁴⁹.

Na publicação "AS EMPRESAS COM MAIS DESPESA EM ATIVIDADES DE I&D EM 2021"⁵⁰ que lista as empresas com sede em Portugal que efetuaram despesas em I&D superiores a 1M€ encontramos a Sogrape S.A., na posição 203, com despesas de I&D de 1,47 M€. Muitas outras empresas do setor do vinho efetuaram despesas significativas em I&D, segundo as respostas ao Inquérito da Nova SBE, ainda que inferiores unitariamente a 1M€.

Devemos salientar também o importante envolvimento internacional das nossas empresas, universidades e algumas associações de referência em atividades colaborativas na área da vitivinicultura, em redes internacionais como a Oenoviti⁵¹, ou pela importante participação em organizações como a OIV.

De modo a ilustrar a importância da I&D nacional acima referida, vamos aqui citar algumas entidades e também alguns projetos que identificámos como relevantes na área do Ensino e Investigação e Desenvolvimento vitivinícola nacional, não sendo a ordem apresentada, indicador de grau de relevância. Muitos outros poderiam ser referidos.

- A Universidade do Porto é reconhecidamente a entidade académica que mais publicações tem produzido sobre o vinho e a vinha em Portugal. O seu Mestrado em Engenharia de Viticultura e Enologia, em parceria com a Faculdade de Ciências e o Instituto Superior de Agronomia, goza de elevada reputação.
- O Instituto Superior de Agronomia (ISA) tem sido, ao longo dos anos, uma das Instituições de referência no ensino e investigação na área da viticultura e enologia em Portugal, com inúmeras publicações nesta área. Em 2020, o ISA apresentou a 3ª maior taxa de crescimento anual da produtividade científica, de entre as 10 universidades europeias de referência⁵² no panorama agrícola europeu.
- A Universidade de Aveiro tem sido pioneira em muitas áreas da tecnologia enológica. Destacamos, por exemplo, a sua **patente do quitosano**, substância de origem natural, não alérgica, e que permite evitar a adição do anidrido sulfuroso, especialmente ao vinho branco e ao mesmo tempo manter as práticas enológicas comuns a todas as adegas.
- A Universidade Católica - Escola Superior de Biotecnologia tem igualmente um histórico de mais de 30 anos no ensino e investigação na enologia.
- Recentemente a Universidade de Trás os Montes (UTAD) é citada por, Jancis Robinson, no prefácio à edição Portuguesa do seu livro: Especialista de vinhos em 24 horas: "A qualidade dos vinhos portugueses nunca foi tão boa - em larga medida devido à UTAD que todos os anos produz uma fornada de potenciais produtores vinícolas soberbamente formados"
- O Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária efetua entre outras, investigação em Viticultura e Enologia.
- O Pólo de Inovação de Nelas⁵³ nascerá nos próximos dois anos no Centro de Estudos Vitivinícolas do Dão. Continuando o trabalho que já ali é feito, a investigação vai focar-se nas alterações climáticas, e um novo rumo a resíduos agroalimentares na industriada vinha e do vinho. É o primeiro de cinco polos dedicados ao Vinho na região, sendo os outros Douro, Anadia (espumante), Dois Portos e Pegões. Tem parcerias públicas e privadas.

⁴⁹ A despesa total em I&D representou em 2021 cerca de 1.68% do PIB tendo as Instituições (e.g. Universidades) sido responsáveis por executar 40% das despesas em I&D e as empresas 60%, segundo o relatório da Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência apuradas a partir do Inquérito ao Potencial Científico e Tecnológico Nacional (IPCTN) de 2021.

⁵⁰ A partir do Inquérito ao Potencial Científico e Tecnológico Nacional (IPCTN) às Empresas da DGEEC

⁵¹ Primeiro e único network internacional em viticultura e enologia, coordenado pela Universidade de Bordéus- Institut des Sciences de la Vigne et du Vin

⁵² : SciVal, Benchmarking Module, Janeiro 2022

⁵³ <https://www.publico.pt/2022/09/06/terroir/noticia/polo-inovacao-nelas-tera-investigacao-focada-alteracoes-climaticas-2019540>

- A ADVID é uma associação que se tem destacado no panorama de I&D nas áreas da viticultura da enologia e da formação, dirigida primariamente à região do Douro, mas estendendo a sua ação ao território nacional. A sua investigação centra-se na conservação do solo, na mitigação do impacto das alterações climáticas, no uso racional dos fitofármacos e fertilizantes, na preservação da biodiversidade, na promoção da economia circular e da eco-eficiência. Estas são algumas das temáticas dos projetos que a ADVID tem desenvolvido ao longo dos seus 40 anos de existência, em estreita colaboração com os seus associados e parceiros, e que têm contribuído para uma vitivinicultura mais sustentável e com menor pegada ecológica. Recebeu o Prémio Gulbenkian 2017 que teve como foco a redução da pegada ecológica e entregue pelo Presidente da República.
- Existem muitos projetos nacionais em vitivinicultura promovidos por entidades públicas e privadas em Portugal. Mencionamos aqui, a título de exemplo, um projeto que chamou a nossa atenção:

“Conservação e Seleção de Castas Antigas de Videiras”, projeto da Associação Portuguesa para a Diversidade da Videira (PORVID). Tem como objetivo central finalizar os processos de Conservação e de Melhoramento de um largo número de castas autóctones de grande interesse vitícola e enológico atual em Portugal. O projeto inclui a caracterização morfológica, agronómica, bioquímica e biomolecular de clones de 13 castas; a avaliação agronómica e tecnológica de clones de outras 16 variedades; e a inscrição no Catálogo Nacional de Variedades de 7 clones de cada uma de 9 variedades (Avesso, Azal Branco, Borraçal, Moscatel Galego, Moscatel Graúdo, Rabigato, Touriga Nacional, Viosinho, Vital), perfazendo o total de 63 clones. Tem como parceiros o Instituto Superior de Agronomia, a ADVID, várias empresas de diversas dimensões, entre outros.”

Fatores impactantes para o eficaz funcionamento do setor

O Setor do Vinho, como qualquer outro, tem um conjunto de pontos fracos e ameaças que estão em permanente identificação e são objeto de ações por parte dos agentes do setor a fim de os reduzirem e enfrentarem. Não cabe no âmbito deste estudo efetuar esse diagnóstico e/ou procurar soluções. No entanto, um “ponto fraco” ou talvez “ameaça”, ao Setor chamou a nossa atenção.

O baixo valor pago aos viticultores, pela uva que estes entregam tanto a cooperativas como a produtores independentes, **é uma queixa recorrente daqueles** [10]. Alguns testemunhos indicam mesmo que muitos viticultores funcionam “abaixo da linha de água”, estando a financiar a margem negativa da atividade através de rendimentos que obtêm de outras fontes, inclusive reformas.

A verificar-se efetivamente esta situação, tal indicará a necessidade de um mecanismo que permita identificar custos de produção padrão por região e tipo de uva, entre outras e constitua uma base para a remuneração ajustada dos viticultores.

Ora, sendo estes os primeiros elementos da cadeia de valor, e não sendo uma opção, por exemplo, importar uva para produzir vinhos DOP, nos quais Portugal apostou e tem vantagens comparativas, seria importante, na nossa opinião, existirem mecanismos dissuasores do abandono por aqueles das explorações agrícolas que mantém, (o que tem vindo a ter lugar nos últimos anos, como já se apontou em pontos anteriores) com todos os prejuízos para a coesão territorial e social no país.

Por outro lado, identificámos que existe implementado desde 2006 um sistema de informação denominado Rede de Informação de Contabilidades Agrícolas (RICA), gerida pelo Ministério da Agricultura (MA). Os Técnicos ao serviço do MA fazem levantamento de informação anual e executam a contabilidade de uma amostra representativa das explorações agrícolas nacionais, recolhendo informação de cerca de 1000 variáveis por empresa e produzem informação operacional e financeira relevante bastante detalhada. Entre essa informação encontram-se os Custos de Produção. Essa informação é enviada para integração na EU com a dos restantes países membros. Entre outras funções, esta informação serve como base para a distribuição de apoios financeiros aos agricultores.

Na amostra total de 2 300 explorações que fazem parte da RICA, em Portugal incluem-se 198 explorações com vinha, por classes de produção e espalhadas por todo o país. A descrição dos métodos objetivos e relatórios de informação deste instrumento são públicos, no site do GPP. Neles é possível identificar a rentabilidade das classes de explorações com vinha, desde as que têm uma Produção Padrão de 4 000€ até às de 100 000 €. Assim, algumas questões se podem colocar:

- Será que não é possível já hoje, o MA fornecer uma ordem de grandeza dos preços médios mínimos da uva que permita rentabilidade aos produtores, nas áreas cobertas pela amostra e por dimensão de produtor?
- Se o sistema ainda não está completamente adaptado para este fim, não é tempestivo o suficiente e/ou não cobre todas as dimensões de produtores relevantes que interessa apoiar, ou outras variáveis pertinentes, não será possível adaptá-lo ou ajustá-lo e fornecer essa informação ao setor? Deixamos a questão.

6. CONCLUSÃO

Ao longo do presente estudo procurou-se apresentar a realidade sócio-económica de um Setor tão complexo como o do Vinho, que engloba realidades tão diferentes, como a viticultura muito associada à agricultura familiar e muito pulverizada até às grandes empresas produtoras e de classe global.

O Setor do Vinho fornece um contributo abrangente e de grande relevância do ponto de vista económico, social, cultural e ambiental. Incluem-se aqui as atividades económicas base associadas à viticultura, à produção do vinho e à sua distribuição, bem como as atividades interligadas do turismo, lazer e gastronomia com aquelas relacionadas, entre outras.

Este é um setor chave para a crescimento económico do país e para a sua coesão social e territorial e o seu contributo vai muito mais além dos quase 5000 milhões de euros de valor acrescentado ou dos 169 mil empregos gerados e mantidos a tempo inteiro ou dos 1510 milhões de euros de receita pública **(ver Capítulo 4.2)**.

O papel social do setor ganha especial relevância. De fato o setor tem um papel crucial no desenvolvimento e na fixação da população no interior do território nacional, tendo um peso muito significativo no valor adicionado e no emprego nessas regiões. Em termos de magnitude, o setor do Vinho tem um peso superior a 10% em termos de valor adicionado para 38 dos 278 municípios de Portugal Continental, e representa mais de 10% do emprego em 43 municípios de Portugal Continental. **(Ver Capítulos 5.1 e 5.2)**

Uma palavra para a sustentabilidade na Vinha e no Vinho a qual tem uma importância fulcral, já que este setor tem uma forte interação com a natureza e baseia-se em processos industriais de transformação. As práticas de viticultura e Produção de Vinho sustentáveis já vêm sendo adotadas por muitos dos intervenientes do setor há vários anos, reconhecendo estrategicamente a sua importância. Em Setembro de 2022 foi publicado o Referencial Nacional de Sustentabilidade para o Setor, pelo IVV. Que será certamente um instrumento muito importante nesta área. **(Capítulo 5.4)**

Finalmente queríamos salientar o esforço que vem sendo desenvolvido pelas empresas em I&D e e pelas instituições de Ensino e de Investigação e Desenvolvimento, com forte ênfase na temática da sustentabilidade incluindo a Biodiversidade, que se afigura como uma das apostas mais importantes na viticultura.

APÊNDICE: METODOLOGIA

O processo de estimação dos impactos macroeconómicos do Setor do Vinho em Portugal assentou em três prioridades base:

- (1) Maximizar a adequabilidade dos processos metodológicos e da informação utilizada à realidade em análise e objetivos do estudo;
- (2) Maximizar a fiabilidade e precisão dos dados utilizados; e
- (3) Maximizar a razoabilidade e equivalência entre elementos de comparação provenientes de fontes diferentes.

I. Seleção de Informação e Recolha de Dados

O processo de identificação da informação e dados a considerar dividiu-se em três fases:

- 1. Revisão de literatura nacional e internacional relacionada com o Setor do Vinho, Setor das Bebidas Alcoólicas e Setor das Bebidas em geral – desde literatura académica a estudos realizados tendo o Setor como objeto de análise;
- 2. Aferição da disponibilidade de dados estatísticos relacionados com os três setores infra em bases de dados como a ORBIS, o Eurostat, Statista, Banco de Portugal, IVV, INE;
- 3. Inquérito realizado tendo como inquiridos uma amostra dos produtores nacionais do Setor.

Após verificação dos primeiros dois pontos, foi desenhado um inquérito com base nas necessidades de informação adicional para a realização do estudo, tendo sido requisitados os seguintes dados:

Componente	Elementos Requisitados
01. Produção	Produção Total (hl)
01. Produção	Produção Total (€)
02. Pessoal	Gastos Totais com Pessoal (€)
02. Pessoal	Salário Base (Bruto) Médio Anual (€)
02. Pessoal	Salário Total Médio Anual (€)
02. Pessoal	Idade Média dos Colaboradores
03. Vendas	Vendas por Setor e Mercado (hl)
03. Vendas	Vendas por Setor e Mercado (€)

Componente	Elementos Requisitados
03. Vendas	Vendas Médias Mensais
04. Compras	Compras por Setor e Mercado (hl)
04. Compras	Compras por Setor e Mercado (€)
05. Investimento	Investimento em CAPEX
05. Investimento	Investimento em Inovação
05. Investimento	Investimento em Iniciativas de Apoio
06. Impostos	Gastos com IVA (vendas HoReCa)
06. Impostos	Gastos com IVA (vendas Dist. Alimentar)

Fontes

- “Base de Dados de Informação Empresarial ORBIS” por Bureau Van DIJK, a Moody’s Analytics Company; Dados ao nível de empresa; cobre mais 95% da população
- Estatísticas do Setor: “Vinha, Produção, Exportação, Importação, Mercado Nacional, Agentes Económicos” pelo Instituto da Vinha e do Vinho I.P.
- “Rede de Informação de Contabilidades Agrícolas (RICA)”, pelo Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral (GPP), do Ministério da Agricultura
- Revista “Cultivar N.24, DEZ2021 – A Vinha e o Vinho” pelo GPP
- Relatório “Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas 2016” pelo GPP
- “Recenseamento Agrícola 2019” pelo (INE)
- Quadros: “Rendimento da Atividade Agrícola em 2021”, pelo INE
- “Contas Económicas da Agricultura 2021” pelo INE
- “Inquérito à Produção Industrial, formulários CAE 11020” pelo INE
- “Estatísticas de Produção Industrial” pelo INE
- “Sistema de Contas Integradas das Empresas” pelo INE
- “Quadros de Setor” pelo Banco de Portugal
- “Outras Estatísticas Nacionais” pelo INE
- “Estatísticas Internacionais do Setor do Vinho” pela Organisation Internationale de la Vigne et du Vin (OIV)

Descrição da Amostra do Inquérito

Nota: esta amostra serve apenas para estimar a estrutura produtiva do setor e não para dimensionar economicamente o setor.

TAMANHO	AMOSTRA / POPULAÇÃO		
	# Respostas	Universo	VN da Amostra / População
Grande (VN > 50M€)	2	5	0,47
Média (10M€ < VN < 50M€)	7	42	0,25
Pequena (2M€ < VN < 10M€)	6	83	0,07
Micro (VN < 2M€)	3	2600	0,6%

A amostra tem uma boa representatividade do VAB da população do setor: o VAB da amostra representa 20% do VAB do setor.

II. Metodologia Input-output

A matriz de insumo-produto representa a estrutura produtiva de uma economia e retrata com detalhe os fluxos inter e intraindustriais assim como os fluxos de pagamentos entre os vários agentes: governo, consumidores e investidores. Observando tais fluxos, é possível ter uma descrição numérica do impacto de um determinado setor na economia levando em conta os efeitos em cadeia para trás (*upstream*) e para a frente (*downstream*). É possível afirmar que, para aqueles interessados na análise da estrutura econômica, os dados da matriz de insumo produto contém uma visão completa e acessível da estrutura de transações de uma determinada economia (Dewhurst, 1993).

Uma economia funciona, em grande parte, para equacionar a procura e a oferta dentro de uma vasta rede de atividades. A estrutura construída por Leontief permite ter uma “fotografia econômica” da própria economia. Nesta fotografia, ele mostrou como os setores estão relacionados entre si, ou seja, quais setores suprem os outros de serviços e produtos e, qual a estrutura de compras setoriais. Portanto, por meio da análise de insumo-produto é possível ter uma visão única e compreensível de como a economia funciona - como cada setor se torna mais ou menos dependente dos outros. [5]

Exemplo de uma tabela de Insumo-Produto para uma economia com 2 setores:

TAMANHO	Setor 1	Setor 2	Consumo Famílias	Governo	Investimento	Exportações	Total
Setor 1	Z_{11}	Z_{12}	C_1	G_1	I_1	E_1	X_1
Setor 2	Z_{21}	Z_{22}	C_2	G_2	I_2	E_2	X_2
Importação	M_1	M_2	M_c	M_g	M_i		M
Impostos	T_1	T_2	T_c	T_g	T_i	T_e	T
Valor adicionado	W_1	W_2					W
Total	X_1	X_2	C	G	I	E	

Onde:

Z_{ij} : fluxo monetário entre os setores i e j;

C_i : consumo das famílias dos produtos do setor i;

G_i : gasto do governo em produtos do setor i;

I_i : investimento com produtos do setor i;

E_i : total exportado pelo setor i;

X_i : total de produção do setor i;

T_i : total de impostos indiretos líquidos pagos pelo setor i;

M_i : importação do setor i;

W_i : Valor Acrescentado pelo setor i.

A tabela acima permite estabelecer a igualdade:

$$X_1 + X_2 + C + G + I + E = X_1 + X_2 + M + T + W$$

Ao eliminar-se X_1 e X_2 de ambos os lados, tem-se:

$$C + G + I + E = M + T + W$$

Rearranjando:

$$C + G + I + (E - M) = T + W$$

Portanto, a tabela de insumo-produto preserva as identidades macroeconómicas.

Modelo Aberto

O modelo de Insumo-Produto descreve os fluxos intersectoriais de uma economia, seja essa nacional, regional ou mundial. Os dados necessários para sua construção são os fluxos de produto de cada setor (produtor), para cada um dos setores, ele próprio e para os destinos de consumo final (exportações, consumo privado, consumo público e investimento). Pode-se dizer que o propósito fundamental da estrutura de insumo-produto é analisar a interdependência setorial de uma economia. [5] Assim, seja o modelo de insumo-produto que descreve os fluxos monetários para os setores da economia:

$$Z + Y = X \quad (1)$$

tal que Z é a matriz de Consumo Intermediário, Y é o vetor de Procura Final e X é o vetor de Produto Final.

Definindo $\hat{X} = \text{diag}(1/X)$ $\hat{X} = \text{diag}(X)$ é possível encontrar a matriz de coeficientes técnicos A :

$$A = Z(\hat{X}) \quad (2)$$

Cada elemento de A é definido de forma geral como $a_{ij} = z_{ij}/x_j$ $a_{ij} = \frac{z_{ij}}{x_j}$, correspondendo à proporção de insumos do setor i que o setor j necessita para produção de \$1 de produto. Reescrevendo (1) tem-se:

$$AX + Y = X \quad (3)$$

resolvendo (3) é possível obter X :

$$X = (I - A)^{-1}Y = LY \quad (4)$$

sendo $(I - A)^{-1} = L = [l_{ij}]$ a matriz inversa de Leontief ou matriz de requerimentos totais.

O modelo apresentado pelas equações (1) a (4) depende da existência de um setor exógeno (procura final) que está desconectado das relações de interdependência, em termos de tecnologia, dos setores produtivos. Isso, em termos de insumo-produto, classifica o modelo como sendo um modelo aberto.

Modelo Fechado

No modelo fechado de insumo-produto um dos componentes da procura final é endogeneizado. No caso deste relatório trabalharemos com a versão clássica do modelo fechado, na qual o setor famílias da coluna de procura final passa a fazer parte da tabela de inter-relações setoriais (i.e., consumo intermediário).

Sendo assim, o que será feito é mover o setor famílias da coluna de procura final e colocá-lo dentro da tabela de inter-relações setoriais (i.e., consumo intermediário). Assim sendo, o modelo de insumo-produto pode ser classificado como um modelo fechado com relação às famílias. Para respeitar a devida simetria na matriz insumo-produto, os dados de salários recebidos (que se situam no vetor de Valor Acrescentado) serão endogeneizados.

A matriz do consumo intermediário será estruturada por quatro sub-matrizes, como segue:

$$\bar{Z}^* = \begin{bmatrix} Z & | & H_C \\ \hline H_R & | & h \end{bmatrix} \quad (5)$$

em que

$\bar{Z}^*$: consumo intermediário em valores monetários;

H_C : (coluna das famílias) n-ésimo elemento do vetor de coeficiente de consumo das famílias;

H_R : (linha das famílias) n-ésimo elemento do vetor de coeficiente de insumos das famílias;

$h = Z_{(n+1, n+1)}$;

Com essas modificações nas matrizes, tem-se a notação matricial do valor bruto da produção:

$$\bar{X}^* = \bar{Z}^* + \bar{Y}^* \quad (6)$$

Diante da expressão (6), se definir $\hat{X} = \text{diag}(\bar{X}^*)$, é possível construir a matriz de coeficientes de requerimento direto da seguinte forma:

$$\bar{A}^* = \bar{Z}^* (\hat{X})^{-1} \quad (7)$$

onde

$$\bar{A}^* = \begin{bmatrix} A & | & AE_C \\ \hline AE_R & | & AE \end{bmatrix}$$

Seguindo os passos tradicionais do modelo de insumo-produto (IP), tem-se:

$$\bar{Y}^* = (\bar{I}^* - \bar{A}^*) \bar{X}^* \quad (8)$$

Onde $\bar{L}^* = (\bar{I}^* - \bar{A}^*)^{-1}$ representa a matriz inversa de Leontief num modelo fechado para as famílias. Os elementos desta matriz se traduzem em requerimentos totais.

Análises de impacto

A partir dos modelos anteriores, $X = LY$ para o modelo aberto e $\bar{X}^* = \bar{L}^* \bar{Y}^*$ para o modelo fechado, pode-se mensurar o impacto que as mudanças ocorridas na procura final (Y ou $\bar{Y}^*$), ou em cada um dos seus componentes (consumo das famílias, gastos do governo, investimentos e exportações), teriam sobre a produção total, emprego, importações, impostos, salários, Valor Acrescentado, entre outros. Assim, tem-se que:

$$\Delta X = L \Delta Y$$

$$\Delta V = \hat{v} \Delta X$$

onde ΔY e ΔX são vetores $n \times 1$ que mostram respectivamente, a mudança na procura final e os impactos sobre o volume de produção, enquanto ΔV é um vetor $n \times 1$ que representa o impacto sobre qualquer uma das variáveis tratadas acima, isto é, emprego, Valor Acrescentado, entre outros. Tem-se também que $\hat{v}$ é uma matriz diagonal $n \times n$ em que os elementos da diagonal são os coeficientes das variáveis em questão. Para obter-se o impacto sobre o volume total da produção, e de cada uma das variáveis a serem analisadas basta somar-se todos os elementos dos vetores ΔX e ΔV .

Multiplicadores

A partir dos coeficientes diretos e da matriz inversa de Leontief (L), é possível estimar, para cada setor da economia, o quanto é gerado direta e indiretamente de produção total, emprego e Valor Acrescentado para cada unidade monetária produzida para procura final. Ou seja:

$$G_j = \sum_{i=1}^n l_{ij} v_i$$

Onde:

G_j é o impacto total, direto e indireto, sobre a variável em questão;

l_{ij} é o ij-ésimo elemento da matrix inversa de Leontief e

v_i é o coeficiente direto da variável em questão (para produção, o valor é sempre 1).

A divisão dos impactos totais pelo respetivo coeficiente direto gera os multiplicadores, que indicam quanto é gerado, direta e indiretamente, de produção, emprego e Valor Acrescentado por cada unidade diretamente gerada desses itens. Por exemplo, o multiplicador de emprego indica a quantidade de empregos criados, direta e indiretamente, para cada emprego criado no setor j. O multiplicador do setor j é então dado por:

$$M_j = \frac{G_j}{v_j}$$

Quando o efeito de multiplicação se restringe ao modelo aberto, estes multiplicadores são chamados do tipo I. Quanto o efeito de multiplicação inclui os efeitos induzidos como no modelo fechado, estes multiplicadores recebem a denominação de multiplicadores do tipo II.

III. Metodologia - Variáveis de Impacto Direto

Vamos aqui descrever a metodologia que utilizámos para obter os valores das variáveis que constituem o Impacto Direto na Economia das atividades base restrita do Setor do Vinho: Viticultura e Produção do Vinho (Tabela III-1)

Clarificamos também que o conceito de **Produção** (ou **Atividade Económica**) que utilizamos é equivalente ao Valor Bruto da Produção (VBP) e que inclui: Vendas + Prestações de serviços + Variação da produção + Trabalhos para a própria empresa + subsídios aos produtos (ou à superfície explorada), a preços base

Tabela III-1 – Variáveis de Impacto Direto das atividades base do setor do Vinho

Variável	Viticultura	Produção de Vinho
Postos de Trabalho	26 415	16 619
Atividade Económica (VPB)	725 392 424	2 278 244 077
VAB	264 277 871	597 027 251
Rendimento das Famílias	259 253 684	238 107 859
Receitas Fiscais	17 608 372	142 916 385
Receita SS	17 421 545	82 212 006
Receita IRS	186 525	23 858 407
Receita IRC		36 845 972
Receita de IVA		

Produção do Vinho

A produção de uva, é uma atividade económica da agricultura. A produção de Vinho, ou mesmo de mosto, implica transformação da uva, resultando um produto diferente (o vinho) mais ou menos elaborado, pelo que é associada à indústria transformadora. Uma grande parte dos Agentes Económicos que se dedicam a estas atividades, acabam por desenvolver integração vertical, ou seja efetuam tanto a produção de uva como a produção de vinho, para além de outras atividades na fileira, como armazenagem, venda direta ao público, exportação, importação, enoturismo, etc.

Muitas das empresas que têm CAE principal 1102 (Indústria do Vinho) também produzem uva em vinhas próprias ou arrendadas (para além de outras possíveis atividades). Por outro lado, muitas das empresas que têm como CAE principal 0121 (Viticultura) também produzem vinho como parte da sua atividade normal, para além de outras atividades na fileira.

Fizemos uma pesquisa na internet pelas atividades desenvolvidas por uma amostra aleatória significativa⁵⁴, das Sociedades com CAE principal 0121 – Viticultura, onde verificámos a informação divulgada nos sites oficiais dessas sociedades, bem como obtivemos informação relativa às atividades declaradas pelas mesmas ao Registo Comercial (ver exemplo na caixa X).

Caixa III-1 – Informação de Registo Comercial de Sociedade Registada no CAE 0121

Exemplo aleatório de informação pública retirada do Site RACIOS.pt

Sociedade Agrícola de Lda – CAE 1210 – Viticultura

Atividades declaradas no Registo Comercial: Produção, transformação, armazenagem e comercialização de bebidas alcoólicas, designadamente vinhos e aguardentes, e dos respetivos produtos intermédios. Produção, exploração e comercialização de produtos agrícolas e a prestação de serviços conexos ou afins com todas as atividades mencionadas.

O resultado da análise, permitiu-nos concluir que a maior parte das Sociedades com CAE 0121 – Viticultura apresentavam atividades típicas daquelas cujo CAE principal é 1102 – Indústria do Vinho, para além de outras atividades, incluindo agrícolas.

Assim, para efeitos da análise que efetuámos neste estudo, incluímos na Produção do Vinho todas as Empresas do CAE 1102 e as Sociedades do CAE 0121, já que apresentam perfil empresarial semelhante àquelas. Poderá haver alguma duplicação de valores com outras atividades já que se torna impossível separar toda a atividade económica destes agentes por segmentos, embora pela nossa avaliação ela será pouco significativa. O mais importante neste estudo é capturar o máximo de impacto económico do setor.

Assim, os valores de todas as variáveis de impacto direto apresentadas para a Produção do Vinho na Tabela III-1, foram retirados diretamente da Informação agregada do Sistema de Contas Integrado das Empresas (SCIE) para o Ano 2021, disponibilizada pelo INE, com as seguintes notas

- O Rendimento das Famílias engloba todos os Rendimentos Brutos processados pelas Empresas consideradas, bem como os Resultados Líquidos dos Empresários em nome Individual do CAE 1102.
- As Receitas da Segurança Social correspondem ao montante apurado ao multiplicar a Taxa Social Única típica de 34.75% (23.75% de contribuições + 11% de cotizações) pelo rendimento bruto processado pelas empresas.
- As receitas de IRS correspondem ao produto das remunerações brutas processadas pelas empresas pela taxa efetiva média apurada pela Autoridade Tributária em 2020 no valor de 10.02% (Dossier Estatístico de IRS 2018-2020, AT 2022)

⁵⁴ Obtidas através da base de dados de SOCIEDADES da ORBIS Internacional para o CAE 0121

- O montante agregado de IRC corresponde aos montantes de Imposto sobre o Rendimento (ISR) declarado pelas Sociedades.
- É nossa opinião que o número de postos de trabalho obtido será conservador já que um elevado número de Produtores contrata mão de obra sazonal para a colheita e para determinadas tarefas no tratamento da vinha. Essa mão de obra está incluída em Fornecimentos e Serviços Externos. Nem temos forma de estimar o volume de mão de obra contratada para tarefas específicas pelos Produtores. Contabilizámos somente, por isso, todos os postos de trabalho assalariado dos Produtores (declarados ao INE), independentemente das tarefas que executam.

Viticultura

Na Produção do Vinho não incluímos os Empresários Individuais registados no CAE 0121 pois, pela análise dos resultados obtidos do SCIE 2021 do INE, verificámos que os valores agregados apresentam um padrão mais próximo de agricultura familiar, com um grande número de postos de trabalho declarados, a maioria não assalariado, Resultados Líquidos com valor próximo do VAB e Imposto sobre o Rendimento residual.

Produção (Atividade Económica)

Os Empresários Individuais registados no CAE 0121 cujos valores agregados das variáveis são apresentados no SCIE do INE são aqueles que têm Contabilidade Organizada, e são obrigados a entregar IES. Logo não inclui todos os que estão registados no Regime Simplificado da categoria B do IRS nem aqueles que nem sequer têm atividade aberta, que constituem a grande maioria. Refere o documento de Apresentação da Rede de Informação das Contabilidades Agrícolas (RICA), com base no último Recenseamento Agrícola lá considerado, que a maioria das explorações agrícolas tem uma contabilidade deficiente ou nem sequer tem contabilidade (92% do total):

Tabela III-2 – Perfil Contabilístico das Explorações Agrícolas em 2016

TIPO DE REGISTO	%
Sistema SNC	7%
RICA	1%
Registo de Receitas e Despesas	8%
Sem qualquer registo	84%

Fonte: Rede Integrada de contabilidades agrícolas e INE

Caixa III-2 – Excerto do Recenseamento Agrícola 2019

“Estes viticultores são em grande número e de pequena dimensão. O IVV contabilizou em 2021 um total de 587,743 responsáveis por explorar parcelas de vinha (viticultores). A produção do Vinho do Porto, por exemplo, segundo o IVDP em 2022, envolve mais de 20,000 viticultores. De notar que uma parte importante destes viticultores não está associado a Explorações Agrícolas oficialmente registadas no Recenseamento Agrícola (RA) nacional. Muitos nem fazem da Agricultura o seu principal modo de Vida.

De fato, o RA_2019 do INE registou 111,505 explorações agrícolas com vinha para vinho, espalhadas por todo o território nacional. Destas, 35,056 são especializadas em viticultura. **A maioria destas explorações tem muito pequena dimensão. Cerca de 75% têm menos de 1 ha, 20% têm entre 1 e 5 ha e somente 5% tem mais de 5 ha. A maior parte destas explorações dependem da agricultura familiar.**

(Recenseamento Agrícola 2019)

Por isso **não se nos torna possível obter a produção da viticultura através de dados diretos**, já que não os conseguimos obter.

A partir dos dados da Declaração de Colheita e Produção de 2022, sabemos a produção total de Vinho em 2021 e as percentagens de vinho produzidas com uva de colheita própria e uva comprada

Tabela III-3 –Produção de Vinho

Produção Total de Vinho	7 358 539	hl	100,0%
Produção de Vinho com uva própria	1 822 358	hl	24,8%
Produção de Vinho com uva comprada	5 536 182	hl	75,2%

Fonte: cálculos da equipa com Dados IVV, 2022

Os agentes económicos registados e autorizados a produzir vinho apresentam-se na Tabela III-4

Tabela III-4 – Agentes Económicos autorizados a vinificar

Vitivinicultores Independentes (Vitivinicultores e Vitivinicultores-engarrafadores)	só podem utilizar a própria uva
Cooperativas e Produtores não associados	podem utilizar uva própria e uva comprada e também podem utilizar vinho comprado

Fonte: IVV, 2022

Muitos destes agentes, tem Vinhas próprias ou arrendadas e produzem uva para 24,7% do Vinho produzido em Portugal em 2021. A restante produção nacional será assim da responsabilidade da Viticultura para efeitos deste estudo.

Tabela III-5 – Produção dos Viticultores

UVA Utilizada	ton		Fonte
Produção Nacional de Uva (1)	977 664		IVV e OIV
Exportação (2)	2 490		OIV, 2022
Importação (3)	35 744		OIV, 2022
Total de Uva Utilizada (1)-(2)+(3)	1 010 918		
Quota dos Viticultores	ton	%	Fonte
Produção Nacional de Uva (1)	977 664	100,0%	IVV
Uva própria dos Produtores (24,7% da uva utilizada)	249 924	25,6%	Calc. Equipa
Uva vendida pelos Viticultores	727 740	74,4%	Calc. Equipa
Valor da Produção dos Viticultores	ton	%	Fonte
Valor da Produção Vitícola Nacional (M€)	974,51	100,0%	(2)
Produção dos Viticultores (M€)	725,39	74,4%	Calc. Equipa

Fonte: Cálculos da Equipa e Fontes descritas no Quadro.

O Valor da Produção Total da Viticultura em 2021 foi de 974,510,000 €, segundo as Contas Económicas da Agricultura 2021, do INE. Assim, e assumindo uma proporcionalidade direta, obtemos um valor de produção atribuível aos Viticultores de **725,392,424€**. Este é assim, o valor que consideramos como **Valor da Produção total da Viticultura**.

Este valor pode conter duplicações e montantes associados a outras produções já que existe a possibilidade de o Valor da Produção da Vitícola Nacional do INE conter montantes associados a outras culturas ou valor acrescentado de transformação de uva em vinho. Não temos forma de expurgar esses montantes, mas consideramos que não serão materialmente significativos no âmbito deste estudo.

É importante também reter que **o valor da produção vitícola dos produtores não associados e cooperativas já está incluída no valor final da Produção do Vinho indicado por aqueles, sendo um input da sua própria produção vinícola.**

Valor Acrescentado Bruto (VAB) - Viticultura

O VAB da Viticultura para o ano de 2021, no montante total de 264,277,871€, foi obtido a partir do valor da Produção acima indicado (VBP) utilizando o rácio VAB/VBP de 36.4% retirado da SCIE 2021 para os Empresários Individuais (ENi) do CAE 0121.

Rendimento das Famílias - Viticultura

Obteve-se a partir do Valor Acrescentado Bruto acima calculado pelo rácio Rendimento Líquido (RL) / VAB de 98.1% retirado da SCIE 2021 para os ENis do CAE 2021.

Postos de Trabalho

O número total estimado de Postos de Trabalho a tempo inteiro da Viticultura em 2021 foi de 26,415 (ver Tabela III-6). Para estimar este número considerou-se a área de vinha atribuível aos viticultores com base no rácio entre produção comprada e produção total de vinho e o número de UTA/ha médio obtida da Rede de Informação de Contabilidades Agrícolas (RICA) reportado para o ano de 2020. (ver Tabela III-6).

Tabela III-6 – Unidade de Trabalho Anual Equivalente (UTA)

Postos de Trabalho anuais Equivalentes dos Viticultores (UTAs)		
Área total de vinha (ha)	192 028	
Viticultores representam	72,40%	Rácio entre produção comprada e produção total
Área de vinha viticultores (ha)	139 028	Assume-se em produtividade uniforme
UTA / há - "vinhos qualidade"	0,19	RICA 2020 - (Explorações VPP 4000 a 25,000€ Tabela Nac. DE1)
UTA Total	26 415	

Tomou-se como referência o valor de UTA/ha indicado para as explorações com menor Valor de Padrão de Produção (VPP), para vinhas produzindo vinhos de qualidade, já que representam 90% da produção total média em Portugal (RICA 2020, Tabela Nacional DE1).

Caixa III-3 – Unidade de Trabalho Anual Equivalente (UTA)

Unidade de Trabalho Anual Equivalente (240 dias a 8h por dia) Corresponde à prestação, medida em tempo de trabalho, de uma pessoa que efetua, a tempo inteiro e durante todo o ano, atividades agrícolas numa unidade agrícola. O Volume de Mão-de-Obra Agrícola - Equivale ao trabalho efetivamente aplicado na produção de produtos agrícolas e das atividades não agrícolas não separáveis das unidades agrícolas que compõem o Ramo. Por definição, pode ser dividido em Assalariado e Não Assalariado e é expresso em UTA. (Contas Económicas da Agricultura 2021, INE)

"With so much part-time, seasonal and unsalaried labour input in agriculture, the amount of work actually carried out in farming activities is best described when using a unit called the annual work unit (AWU). This unit expresses the volume of work done in full-time work equivalents (Agriculture, forestry and fishery statistics – EUROSTAT 2020 edition)

Receitas Fiscais

Segurança Social

O valor estimado de Contribuições para a Segurança Social da Viticultura para 2021 foi de 17 421 847€. Levámos em linha de conta a proporcionalidade entre o VAB e as contribuições para a Segurança Social. Consideramos a parte declarada pelos ENI's com contabilidade Organizada na IES (SCIE). Consideramos para os restantes viticultores, 55% de reformados (os quais não pagam SS) em linha com as estimativas do INE e do GPP em 2016. De notar que ENI's sem Contabilidade Organizada não entregam IES⁵⁵ e logo não são considerados pela SCIE.

Tabela III-7 – Contribuições dos Viticultores para a Segurança Social

Contribuições Seg. Social Viticultores (ENI's com e sem contabilidade organizada e sem contabilidade)			
VAB Viticultores ENI's (CAE 0121)	29%	76 910 140,00 €	SCIE 2021
VAB Viticultores N ENI's	71%	1 873 677,31 €	SCIE 2021
VAB Viticultura	100%	264 277 870,68 €	
SS Viticultores ENI's	29%	8 347 534,00 €	SCIE 2021
SS Viticultores N ENI's (se todos pagassem)	71%	20 336 180,67 €	cálculo eq.
% Viticultores Reform. (n pagam)	55%		GPP. Estat Agricultura 2016
Viticultores N ENI's que pagam	45%	9 074 313,56 €	cálculo eq.
SS Viticultura		17 421 847,56 €	cálculo eq.

Fonte: Cálculos da Equipa; Fontes indicadas na Tabela

Receitas de IRS

Considerámos somente o Imposto sobre o Rendimento constante no SCIE 2022 (basicamente Tributações Autónomas) no valor de 186,525€. Os rendimentos médios oficiais dos empresários agrícolas em Nome Individual, com ou sem contabilidade organizada, são normalmente muito baixos e ficam tipicamente abaixo do limiar de pagamento de IRS.

IV. Metodologia – Enoturismo

No fim de 2022, foi feito um inquérito a uma amostra significativa de Produtores Vitivinícolas os quais exercem a atividade de enoturismo. A amostra foi selecionada através da base de dados Orbis. O inquérito inquiria sobre as variáveis seguintes:

Nº TRAB	Nº VISITANTES	Entradas €	Produtos vendidos €	Serviços €	Outros €	Total receitas
---------	---------------	------------	---------------------	------------	----------	----------------

⁵⁵ c.f. n.º 16 do artigo 29.º do Código do IVA, redação 31.12.2022

Foram recebidas 20 respostas:

Dimensão da empresa	Nº de Respostas
grande > 50M€ VN	2
média <50M€ VN	6
pequena<10M€ VN	7
micro <2M€ VN	4
Total	20

A soma do Volume de Negócios(VN) total das empresas da amostra totalizou cerca de 20% do universo no mesmo período. Utilizámos os coeficientes médios por segmento de dimensão (receitas totais / volume de negócios) obtidos da amostra, assumindo uma linearidade no segmento.

Dessa forma estimámos um **total de receitas diretas do enoturismo em 2022 de 94 480 524 €**, nomeadamente adegas e museus do vinho integradas nas Rotas do Vinho de Portugal.

O **gasto médio ponderado por visitante em 2022**, na amostra foi de aproximadamente **33€**. Por sua vez, o **número** estimado de **visitantes** das adegas e museus do vinho **é de 2,87 milhões** em 2022.

Da mesma forma, pelo rácio do volume de negócios da amostra sobre o total do universo estimamos **um total de 3 190 postos** de trabalho diretos, alocado ao enoturismo. De notar que estes números estão muito em linha com os números apresentados por Espanha pelo Observatório Turístico Rutas del Vino de Espana e ACEVIN⁵⁶, no "Informe de visitantes a bodegas y museus del vino de 2021".

⁵⁶ Asociación Española de Ciudades del Vino

APÊNDICE: FONTES

- [1] C. & M. R. Hall, *Wine Tourism in the Mediterranean: A Tool for Restructuring and Development*, Thunderbird International Business Review, 2000.
- [2] H. Aschmann, "Distribution and Peculiarity of Mediterranean Ecosystems, F.diCastry et al.," em *Mediterranean Type Ecosystems*, Berlin, Springer-Verlag, 1973, p. CH1.
- [3] I. O. o. V. a. W. (OIV), "Country Statistics," 30 10 2022. [Online]. Available: <https://www.oiv.int/what-we-do/country-report?oiv>. [Acedido em 30 10 2022].
- [4] InfoVini, "Vinhos," Infovini, 2022. [Online]. Available: <http://www.infovini.com/pagina.php?codNode=18009#>.
- [5] Eurostat, "Statistics | Eurostat," [Online]. Available: <https://ec.europa.eu/eurostat/databrowser/view/tec00115/default/table?lang=en>.
- [6] Miguel A. C., "O Tempo do Cooperativismo em Portugal" in *Cadernos de Análise e Prospetiva*, CULTIVAR N.24, 2021, A Vinha e o Vinho, Gabinete de Planeamento e Administração Geral do Ministério da Agricultura
- [7] Loose, S., & Nelgen, S. (2020). *ProWein Business Report 2020*, survey results of 3443 international wine experts, Messe Düsseldorf.
- [8] Radio Renascença, "Valpaços vai candidatar lagares na rocha a Património Mundial da Humanidade (2021). Available: <https://rr.sapo.pt/noticia/pais/2018/11/21/valpacos-vai-candidatar-lagares-na-rocha-a-patrimonio-mundial-da-humanidade/131461/>
- [9] Almeida, J. (2017) *Competitividade e estratégia de internacionalização dos vinhos portugueses: caso de estudo da Sogrape vinhos S.A.* Dissertação de Mestrado não publicada. Técnico de Lisboa.
- [10] Jornal Público, "A injusta remuneração de quem trabalha a terra afasta muitas pessoas do Douro, (2022). Available: <https://www.publico.pt/2022/11/02/terroir/noticia/injusta-remuneracao-trabalha-terra-afasta-pessoas-douro-2026163>
- [11] F.T.Rico, "As falhas de mercado na fileira do vinho" in *Cadernos de Análise e Prospetiva*, CULTIVAR N.24, 2021, A Vinha e o Vinho, Gabinete de Planeamento e Administração Geral do Ministério da Agricultura
- [12] Forbes magazine (2022) "Productivity, Or Vineyard Yields, In The World's Leading Wine Countries In 2020, A Detailed Look, Edition 12JAN22
- [13] Comité Européen des Entreprises Vins (CEEV), *About the EU wine Sector* (2022) Available: <https://www.ceev.eu/about-the-eu-wine-sector/>
- [14] T.G. Benton (2023) "Food systems futures: where does wine & vine fit in?" in *Sustainable development and climate change* O.I.V experts' group meeting, 27th January 2023.
- [15] Sogrape, *Programa de Sustentabilidade* (2022) Available: <https://sogrape.com/pt/sustentabilidade>
- [16] Ficha Técnica da "Partnership for biodiversity between Germany, Portugal Spain and Turkey, 2015
- [17] Available: <https://www.bodensee-stiftung.org/en/partnerschaft-zum-schutz-der-biologischen-vielfalt-im-weinbau-in-europa-2/>
- [18] João O. ., "O setor vitivinícola europeu e os desafios da sustentabilidade" in *Cadernos de Análise e Prospetiva*, CULTIVAR N.24, 2021, A Vinha e o Vinho, Gabinete de Planeamento e Administração Geral do Ministério da Agricultura

- [19] Vinho Biológico em Portugal (DGADR, Ministério da Agricultura) 2020, in Anuário 2020/2021 do Instituto da Vinha e do Vinho.
- [20] R. B. P. Miller, Input-Output Analysis: Foundations and Extensions (2nd ed.), Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- [21] Rolo, J. C., 2012. Protecção Integrada e Desenvolvimento Rural. Revista Ciências Agrárias. Vol 35. 148-163pp
- [22] Magalhães, I. 2009. Modo de Produção Integrada (PRODI)- Protecção e Produção Integrada das Cultura. Direção Regional de Agricultura e Pescas do Centro. Disponível em http://www.drapc.min-agricultura.pt/base/geral/files/relatorio_actividades_eab_producao_integrada_2009.pdf.
- [23] Amaro, P. 2002. A protecção integrada. Ed. ISA/Press, 458pp

